



# 10 DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL

PARA GARANTIR O DIREITO DE APRENDER DE ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS



# **10 DESAFIOS**

## **DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL**

**PARA GARANTIR O DIREITO DE APRENDER DE ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS**

**UNICEF**

Brasília, 2014

## Realização

### Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)

Gary Stahl

#### Representante do UNICEF no Brasil

Esperanza Vives

#### Representante adjunta do UNICEF no Brasil

Marcelo Mazzoli

#### Coordenador do Programa Educação e Parcerias

Mário Volpi

#### Coordenador do Programa Cidadania dos Adolescentes

Júlia Ribeiro

#### Oficial do Programa de Educação

Daniel Graziani e Zélia Teles

#### Assistentes de Programas

Maria de Saete Silva

#### Consultora do Programa Aprender

#### Escritório do Representante do UNICEF no Brasil

SEPN 510, Bloco A, 2º andar

Brasília/DF – 70750-521

[www.unicef.org.br](http://www.unicef.org.br)

[brasil@unicef.org](mailto:brasil@unicef.org)

#### Coordenação dos grupos focais com adolescentes:

Juarez Dayrell e Rodrigo Ednilson de Jesus (Observatório da Juventude/UFGM)

**Pesquisadores:** Ana Amélia Laborne, Brescia França Nonato, Érica Dumont-Pena, Fernanda Vasconcelos, Francisco André Silva Martins, Helen Cristina do Carmo, Igor Thiago Moreira Oliveira, Lícinea Maria Correa, Luciana Cezário Milagres de Melo, Sara Villas, Saulo Pfeffer Geber e Symaira Poliana Nonato.

**Consultores do estudo sobre a exclusão de adolescentes no ensino médio no Brasil:** Acacia Zeneida Kuenzer, Gabriel Grabowski e Elisabeth Cristina Drumm

**Consultoria estatística:** Vanessa Nespoli

## PRODUÇÃO EDITORIAL

### Cross Content Comunicação

[www.crosscontent.com.br](http://www.crosscontent.com.br)

[contatos@crosscontent.com.br](mailto:contatos@crosscontent.com.br)

**Coordenação-geral:** Andréia Peres

**Edição:** Andréia Peres e Carmen Nascimento

**Textos e reportagem:** Andréia Peres, Carmen Nascimento e Marta Avancini

**Fotos:** Cláudio Rossi

**Revisão:** Regina Pereira

**Checagem:** Simone Costa

**Projeto gráfico e diagramação:** José Dionísio Filho

**Tratamento de imagens:** Premedia Crop

**Coordenação da oficina de grafite da capa:**

Otávio Fabro (Ota), do Projeto Quixote (SP)

### A FOTO DA CAPA

Da esquerda para direita, Rodrigo Santos Reis e Daniel Castro Pereira. Os dois fazem parte do grupo que produziu o grafite da capa. Rodrigo, que está no 2º ano do ensino médio, deu a ideia de desenhar um skate do lado de fora da escola. Daniel, que faz supletivo do ensino fundamental, foi o responsável pela finalização do desenho. Ambos exibiram as suas manobras com skate no dia da realização da foto da capa.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

10 desafios do ensino médio no Brasil: para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos / [coordenação Mário Volpi, Maria de Saete Silva e Júlia Ribeiro]. – 1. ed. – Brasília, DF: UNICEF, 2014.

1. Adolescentes - Aspectos sociais 2. Adolescentes - Brasil 3. Adolescentes - Direito - Brasil 4. Exclusão escolar 5. Exclusão social I. Volpi, Mário. II. Silva, Maria de Saete. III. Ribeiro, Júlia.

ISBN: 978-85-87685-39-1

14-08242

CDD-306.43

### Índices para catálogo sistemático:

1. Exclusão escolar : sociologia educacional  
306.43

# **10 DESAFIOS**

## **DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL**

**PARA GARANTIR O DIREITO DE APRENDER DE ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS**

**UNICEF**

Brasília, 2014

## APRESENTAÇÃO

06

## CAPÍTULO 1

O ADOLESCENTE E A

**ESCOLA**

*Um dos grandes desafios para o Brasil no que diz respeito à garantia dos direitos de seus adolescentes é a educação, em especial a universalização do ensino médio – etapa adequada para a faixa etária de 15 a 17 anos, que se tornou obrigatória a partir da Emenda Constitucional nº 59, de 2009. Os adolescentes de 15 a 17 anos são, hoje, o grupo mais atingido pela exclusão: mais de 1,7 milhão deles estão fora da escola*



08

## CAPÍTULO 2

A EXCLUSÃO NO

**ENSINO MÉDIO**

*Além de trazer análises e levantamentos estatísticos, o estudo sobre a exclusão de adolescentes no ensino médio no Brasil ouviu os próprios adolescentes. Seu principal objetivo foi buscar nos depoimentos deles informações que, em geral, não aparecem nas estatísticas nem nas pesquisas acadêmicas, mas são fundamentais para o entendimento da exclusão escolar de milhares de garotos e garotas. O estudo faz parte de uma pesquisa internacional realizada pelo UNICEF em 24 países*



44



### CAPÍTULO 3

PRINCIPAIS DESAFIOS PARA O

## ENSINO MÉDIO

*A escuta dos adolescentes, por meio de grupos focais e entrevistas em profundidade, mostrou que há uma série de barreiras para que eles consigam permanecer na escola e progredir em seus estudos na educação básica na idade adequada*

.....

### CAPÍTULO 4

PROGRAMAS E POLÍTICAS PARA O

## ENSINO MÉDIO

*Nas duas últimas décadas, os indicadores – tanto de acesso quanto de permanência dos adolescentes de 15 a 17 anos na escola – melhoraram, mas num ritmo e com qualidade aquém do necessário para assegurar a todos os garotos e garotas – e a cada um deles – o direito de aprender. Universalizar o ensino médio com qualidade permanece, hoje, um dos principais desafios no campo das políticas educacionais*

.....

104



# O DESAFIO DO ENSINO MÉDIO DE QUALIDADE

**O**s adolescentes de 15 a 17 anos são, hoje, o grupo mais atingido pela exclusão: mais de 1,7 milhão deles estão fora da escola, segundo dados da Pnad 2011. Entre os que estão matriculados, 35,2% (em torno de 3,1 milhões) ainda frequentam o ensino fundamental. Além disso, 31,1% dos alunos que cursam o ensino médio (cerca de 2,6 milhões) encontram-se em situação de atraso escolar, de acordo com o Censo Escolar de 2012.

Apesar de, nas duas últimas décadas, os indicadores tanto de acesso quanto de permanência dos adolescentes de 15 a 17 anos na escola terem melhorado, universalizar o ensino médio com qualidade permanece, ainda hoje, um dos principais desafios no campo das políticas educacionais.

O que impede esses garotos e garotas de permanecer na escola e progredir em seus estudos na educação básica na idade certa? Para responder a esta questão, o UNICEF ouviu os próprios adolescentes.

Independentemente do lugar, a relação dos adolescentes com a escola é muito parecida. Os obstáculos também são semelhantes. Alguns deles estão relacionados com o contexto socioeconômico, como o trabalho precoce, a gravidez e a violência familiar e no entorno da escola. Outros estão vinculados a questões ligadas à organização da escola, como os conteúdos distantes da realidade dos alunos; a falta de diálogo entre alunos, professores e a gestão da escola; a desmotivação e as condições de trabalho dos professores; a violência do cotidiano escolar; e a infraestrutura precária dos estabelecimentos.

Ao todo, 250 adolescentes participaram do estudo durante a realização de 25 grupos focais e de 51 entrevistas em profundidade, nas cidades de Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Belém (PA), Fortaleza (CE), São Paulo (SP) e Santana do Riacho (MG) entre outubro e dezembro de 2012 e entre maio e novembro de 2013.

---

A pesquisa faz parte de um estudo internacional realizado pelo UNICEF em 24 países. No Brasil e em outros três países (Indonésia, México e Turquia), incluiu, além do levantamento quantitativo, utilizando bases de dados locais, a realização de grupos focais e entrevistas em profundidade.

Nas próximas páginas, há um panorama do cenário atual e das principais políticas para o ensino médio no Brasil, além dos resultados da pesquisa, que indicam dez desafios a ser enfrentados para mudar o contexto de exclusão que persiste no ensino médio.

Ampliar os investimentos, melhorar o fluxo escolar, mudar a organização e o currículo, valorizar o professor, lidar com os adolescentes retidos no ensino fundamental e trazer de volta para a escola os excluídos do ensino médio são alguns deles.

O grafite da capa, produzido coletivamente por adolescentes de 15 a 18 anos, entre outubro e dezembro de 2013, sintetiza, com arte, boa parte dos desafios que temos pela frente para assegurar a todos os adolescentes – e a cada um deles – o direito de aprender. 

# O ADOLESCENTE E A ESCOLA

*Um dos grandes desafios para o Brasil no que diz respeito à garantia dos direitos de seus adolescentes é a educação, em especial a universalização do ensino médio – etapa adequada para a faixa etária de 15 a 17 anos, que se tornou obrigatória a partir da Emenda Constitucional nº 59, de 2009. Os adolescentes de 15 a 17 anos são, hoje, o grupo mais atingido pela exclusão: mais de 1,7 milhão deles estão fora da escola<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> IBGE/Pnad 2011.





Brasil vive hoje o fim de uma situação de bônus demográfico que ocorreu na década passada, quando teve o maior contingente de pessoas na fase da adolescência em sua história<sup>2</sup>. Esse cenário único é fruto de uma tendência demográfica em curso desde os anos 70, de redução acentuada das taxas de fecundidade, que provocou uma desaceleração no ritmo de crescimento da população e mudanças expressivas em sua estrutura etária.

De acordo com análise do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)<sup>3</sup>, no período de 1950 a 1970, a população brasileira aumentou cerca de 3% ao ano. Já a estimativa para a década de 2010-2020 é de uma taxa média de crescimento de 0,7% ao ano. Com isso, houve aumento no número de idosos, que passaram a representar 12,1% da população total, ante 4,1% registrados em 1940. Por outro lado, a quantidade de adolescentes está diminuindo em termos absolutos e relativos, tendência que deverá se acentuar nas próximas décadas.

Segundo o estudo do Ipea, essas mudanças na dinâmica demográfica estão ocorrendo no Brasil em velocidade mais acelerada do que na Europa. A partir de 2030, os únicos grupos populacionais que deverão apresentar crescimento positivo serão os com idade superior a 45 anos.

<sup>2</sup> O bônus demográfico ocorre quando a população de um país apresenta mais pessoas na faixa etária em que podem ser consideradas economicamente ativas do que nos grupos potencialmente dependentes, como crianças e idosos.

<sup>3</sup> A análise foi detalhada no estudo *Comunicado do Ipea 157 – Tendências Demográficas Mostradas pela Phad 2011* (2012).

### **ARTE QUE IMITA A REALIDADE**

Mais velho do grupo, Rodrigo Santos Reis, de 18 anos, trabalha no grafite da capa. Está no 2º ano do ensino médio, pois repetiu duas vezes o 6º ano

Por isso, este é o momento de o Brasil avançar na garantia dos direitos de seus adolescentes. Esse grupo representa, hoje, uma oportunidade singular. Com sua energia, criatividade e curiosidade, o país pode estabelecer novas prioridades, criar novas relações sociais, avançar em visões inovadoras sobre os desafios dos próximos anos, desenvolver novas formas de expressão, ampliar a consciência de seus cidadãos sobre questões ambientais e da diversidade, além de usufruir mais dos avanços nas tecnologias da informação e da comunicação.

## PERFIL DA POPULAÇÃO DE 15 A 17 ANOS

Como reflexo da queda na taxa de fecundidade no Brasil, o ritmo de crescimento da população de 15 a 17 anos de idade tem diminuído. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), entre 2009 e 2011, enquanto a população total cresceu 1,78%, esse grupo aumentou 1,74%. Em números absolutos, esse percentual corresponde a 181 mil pessoas. Em 2011, 10,5 milhões de brasileiros tinham de 15 a 17 anos de idade.

De acordo com os dados da Pnad 2011, 31,3% dos adolescentes de 15 a 17 anos são economicamente ativos, e, desses, 61,6% são homens. Em relação à situação de domicílio, 81,9%

dos adolescentes economicamente ativos residem na área urbana. Esses dados revelam que uma parte significativa dos adolescentes brasileiros, em especial os de famílias de baixa renda, ingressa precocemente no mundo do trabalho. A lei brasileira determina que o adolescente pode trabalhar a partir dos 16 anos de idade<sup>4</sup> e, dos 14 aos 15 anos, somente na condição de aprendiz.

**Cerca de 1,7 milhão de adolescentes de 15 a 17 anos estão fora da escola e, entre os que estão matriculados, 35,2% (em torno de 3,1 milhões) ainda frequentam o ensino fundamental. Além disso, 31,1% dos alunos que cursam o ensino médio (cerca de 2,6 milhões) encontram-se em situação de atraso escolar**

Do total de mulheres de 15 a 17 anos (5,1 milhões), 311 mil tiveram filhos em 2011, o que corresponde ao percentual de 6% dessa faixa etária. Entre as economicamente ativas (24,5% do total), 81 mil tiveram filhos. Dessas mães, 9,7% eram chefes de família.

Os dados da Pnad 2011 revelam ainda que os adolescentes são os que trabalham com menos proteção social no país. Um dos indicadores disso é o percentual de ocupados que têm carteira de trabalho assinada e contribuem para a Previdência. Do total de adolescentes de 15 a 17 anos empregados, apenas 30,4% têm carteira assinada. A situação das mulheres é melhor que a dos homens: 35,7% das adolescentes de 15 a 17 anos trabalham com carteira assinada.

A precarização do trabalho dos adolescentes também é evidenciada pelo rendimento mensal. Os dados da Pnad não fazem um recorte específico para a faixa de

<sup>4</sup> Dos 16 aos 17 anos, o trabalho é permitido desde que não comprometa a atividade escolar e não seja realizado em condições insalubres ou no período noturno.

TABELA 1

**Taxa de escolarização de adolescentes de 14 a 17 anos de idade, por regiões e situação de ocupação (2009-2011) (%)**


| GRUPOS DE IDADE     | BRASIL | REGIÃO |          |         |      |              |
|---------------------|--------|--------|----------|---------|------|--------------|
|                     |        | NORTE  | NORDESTE | SUDESTE | SUL  | CENTRO-OESTE |
| <b>2009</b>         |        |        |          |         |      |              |
| <b>TOTAL</b>        |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 87,8   | 86,1   | 86,8     | 90,0    | 86,1 | 86,6         |
| 14 ou 15 anos       | 93,7   | 91,9   | 92,5     | 95,1    | 94,1 | 93,2         |
| 16 ou 17 anos       | 81,6   | 80,0   | 80,7     | 84,6    | 77,8 | 79,9         |
| <b>OCUPADOS</b>     |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 78,6   | 76,8   | 80,3     | 79,1    | 75,8 | 77,0         |
| 14 ou 15 anos       | 87,8   | 81,7   | 88,8     | 86,9    | 91,8 | 86,3         |
| 16 ou 17 anos       | 73,7   | 73,6   | 74,6     | 75,9    | 68,7 | 72,0         |
| <b>NÃO OCUPADOS</b> |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 90,7   | 89,0   | 89,0     | 92,7    | 90,3 | 89,8         |
| 14 ou 15 anos       | 94,8   | 94,1   | 93,5     | 96,1    | 94,6 | 94,7         |
| 16 ou 17 anos       | 85,3   | 82,7   | 83,6     | 88,2    | 84,0 | 83,8         |
| <b>2011</b>         |        |        |          |         |      |              |
| <b>TOTAL</b>        |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 87,0   | 86,0   | 86,3     | 87,9    | 85,9 | 88,3         |
| 14 ou 15 anos       | 94,3   | 92,7   | 93,7     | 95,2    | 94,2 | 94,7         |
| 16 ou 17 anos       | 79,5   | 79,4   | 78,7     | 80,5    | 77,6 | 81,8         |
| <b>OCUPADOS</b>     |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 76,5   | 75,6   | 77,5     | 75,9    | 74,5 | 80,8         |
| 14 ou 15 anos       | 90,1   | 87,3   | 90,0     | 91,7    | 90,0 | 89,5         |
| 16 ou 17 anos       | 70,0   | 68,3   | 69,7     | 69,9    | 68,7 | 77,1         |
| <b>NÃO OCUPADOS</b> |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 89,8   | 89,3   | 88,7     | 90,6    | 90,0 | 90,3         |
| 14 ou 15 anos       | 95,0   | 93,9   | 94,4     | 95,6    | 94,9 | 95,4         |
| 16 ou 17 anos       | 83,4   | 84,0   | 82,1     | 84,3    | 83,1 | 83,8         |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009/2011

15 a 17 anos nesse indicador, apenas para a de 14 a 17 anos. Entre os adolescentes de 14 a 17 anos ocupados, 14,9% receberam de  $\frac{1}{4}$  até menos de  $\frac{1}{2}$  salário mínimo; 18,7% receberam de  $\frac{1}{2}$  a um salário mínimo; 24,2% de um a menos de dois salários mínimos; e 29,3% não tiveram rendimento.

## OCUPAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO

Os dados da Pnad mostram que houve diminuição na taxa de ocupação entre os adolescentes de 15 a 17 anos de 2009 a 2011, que passou de 27,5% para 24,1% no país.

Ao analisar indicadores de escolarização e frequência à escola da população de 14 a 17 anos<sup>5</sup>, verifica-se que os adolescentes ocupados apresentam taxas mais baixas que os não ocupados (*ver tabelas 1 e 2*). Esse dado indica que o trabalho interfere no rendimento e na permanência dos adolescentes na escola.

## OS ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS E A EDUCAÇÃO

### NOVOS DIREITOS E OPORTUNIDADES

A ampliação do acesso ao ensino médio ganhou impulso com a Lei nº 12.796, de abril de 2013, que ajustou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional à Emenda Constitucional (EC) nº 59/2009. A emenda tornou a educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, inclusive para todos os que não tiveram acesso a ela na idade adequada, e estabeleceu o prazo-limite de 2016 para que municípios e Estados estruturarem suas redes e ofereçam vagas suficientes para atender todos os adolescentes que ainda não estão frequentando a escola.

Um dos grandes desafios para o Brasil no que diz respeito à garantia dos direitos de seus adolescentes é a educação, em especial a universalização do ensino médio – etapa adequada para a faixa etária de 15 a 17 anos, que se tornou obrigatória a partir da **Emenda Constitucional nº 59/2009**.

Cerca de 1,7 milhão de adolescentes de 15 a 17 anos estão fora da escola, segundo dados da Pnad 2011, e, entre os que estão matriculados, 35,2% (em torno de 3,1 milhões) ainda frequentam o ensino fundamental – etapa que deveria estar concluída idealmente aos 14 anos de idade completos. Além disso, 31,1% dos alunos que cursam o ensino médio (cerca de 2,6 milhões) encontram-se em situação de atraso escolar, de acordo com o Censo Escolar de 2012.

## ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS FORA DA ESCOLA

Do total de adolescentes brasileiros com idade de 15 a 17 anos, 1.722.175 estão fora da escola (16,3% dessa população), de acordo com a Pnad 2011. O maior contingente em termos absolutos está na Região Sudeste, com 610.226 adolescentes nessa

<sup>5</sup> Os dados da Pnad não fazem um recorte específico para a faixa de 15 a 17 anos nesse indicador, apenas para a de 14 a 17 anos.

TABELA 2

### Percentual de adolescentes de 14 a 17 anos que não frequentavam escola, por regiões e situação de ocupação, segundo grupos de idade (2009-2011)

| GRUPOS DE IDADE     | BRASIL | REGIÃO |          |         |      |              |
|---------------------|--------|--------|----------|---------|------|--------------|
|                     |        | NORTE  | NORDESTE | SUDESTE | SUL  | CENTRO-OESTE |
| <b>2009</b>         |        |        |          |         |      |              |
| <b>TOTAL</b>        |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 12,2   | 13,9   | 13,2     | 10,0    | 13,9 | 13,4         |
| 14 ou 15 anos       | 6,3    | 8,1    | 7,5      | 4,9     | 5,9  | 6,8          |
| 16 ou 17 anos       | 18,4   | 20,0   | 19,3     | 15,4    | 22,2 | 20,1         |
| <b>OCUPADOS</b>     |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 21,4   | 23,2   | 19,7     | 20,9    | 24,2 | 23,0         |
| 14 ou 15 anos       | 12,2   | 18,3   | 11,2     | 13,1    | 8,2  | 13,7         |
| 16 ou 17 anos       | 26,3   | 26,4   | 25,4     | 24,1    | 31,3 | 28,0         |
| <b>NÃO OCUPADOS</b> |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 9,3    | 11,0   | 11,0     | 7,3     | 9,7  | 10,2         |
| 14 ou 15 anos       | 5,2    | 5,9    | 6,5      | 3,9     | 5,4  | 5,3          |
| 16 ou 17 anos       | 14,7   | 17,3   | 16,4     | 11,8    | 16,0 | 16,2         |
| <b>2011</b>         |        |        |          |         |      |              |
| <b>TOTAL</b>        |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 13,0   | 14,0   | 13,7     | 12,1    | 14,1 | 11,7         |
| 14 ou 15 anos       | 5,7    | 7,3    | 6,3      | 4,8     | 5,8  | 5,3          |
| 16 ou 17 anos       | 20,5   | 20,6   | 21,3     | 19,5    | 22,4 | 18,2         |
| <b>OCUPADOS</b>     |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 23,5   | 24,4   | 22,5     | 24,1    | 25,5 | 19,2         |
| 14 ou 15 anos       | 9,9    | 12,7   | 10,0     | 8,3     | 10,0 | 10,5         |
| 16 ou 17 anos       | 30,0   | 31,7   | 30,3     | 30,1    | 31,3 | 22,9         |
| <b>NÃO OCUPADOS</b> |        |        |          |         |      |              |
| De 14 a 17 anos     | 10,2   | 10,7   | 11,3     | 9,4     | 10,0 | 9,7          |
| 14 ou 15 anos       | 5,0    | 6,1    | 5,6      | 4,4     | 5,1  | 4,6          |
| 16 ou 17 anos       | 16,6   | 16,0   | 17,9     | 15,7    | 16,9 | 16,2         |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009/2011

TABELA 3

**População de 15 a 17 anos por frequência à escola, segundo idade e regiões (2011)**


| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL   | FREQUENTA ESCOLA |             | NÃO FREQUENTA ESCOLA |             |                         |            |
|--------------|-------|-------------------|------------------|-------------|----------------------|-------------|-------------------------|------------|
|              |       |                   | TOTAL*           | %           | TOTAL                | %           | NUNCA FREQUENTOU ESCOLA | %          |
| BRASIL       | 15    | 3.573.982         | 3.286.381        | 92,0        | 287.601              | 8,0         | 17.231                  | 0,5        |
|              | 16    | 3.600.306         | 3.086.938        | 85,7        | 513.368              | 14,3        | 18.741                  | 0,5        |
|              | 17    | 3.405.772         | 2.484.566        | 73,0        | 921.206              | 27,0        | 23.881                  | 0,7        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>10.580.060</b> | <b>8.857.885</b> | <b>83,7</b> | <b>1.722.175</b>     | <b>16,3</b> | <b>59.853</b>           | <b>0,6</b> |
| NORTE        | 15    | 370.012           | 335.262          | 90,6        | 34.750               | 9,4         | 1.493                   | 0,4        |
|              | 16    | 361.778           | 306.764          | 84,8        | 55.014               | 15,2        | 2.283                   | 0,6        |
|              | 17    | 357.232           | 264.269          | 74,0        | 92.963               | 26,0        | 3.149                   | 0,9        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.089.022</b>  | <b>906.295</b>   | <b>83,3</b> | <b>182.727</b>       | <b>16,7</b> | <b>6.925</b>            | <b>0,6</b> |
| NORDESTE     | 15    | 1.115.342         | 1.020.697        | 91,5        | 94.645               | 8,5         | 5.144                   | 0,5        |
|              | 16    | 1.134.693         | 949.730          | 83,7        | 184.963              | 16,3        | 6.638                   | 0,6        |
|              | 17    | 1.036.367         | 759.609          | 73,3        | 276.758              | 26,7        | 7.775                   | 0,8        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>3.286.402</b>  | <b>2.730.036</b> | <b>83,1</b> | <b>556.366</b>       | <b>16,9</b> | <b>19.557</b>           | <b>0,6</b> |
| SUDESTE      | 15    | 1.341.814         | 1.247.591        | 93,0        | 94.223               | 7,0         | 7.802                   | 0,6        |
|              | 16    | 1.342.673         | 1.182.064        | 88,0        | 160.609              | 12,0        | 5.721                   | 0,4        |
|              | 17    | 1.299.167         | 943.773          | 72,6        | 355.394              | 27,4        | 8.121                   | 0,6        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>3.983.654</b>  | <b>3.373.428</b> | <b>84,7</b> | <b>610.226</b>       | <b>15,3</b> | <b>21.644</b>           | <b>0,5</b> |
| SUL          | 15    | 491.893           | 449.051          | 91,3        | 42.842               | 8,7         | 1.610                   | 0,3        |
|              | 16    | 499.751           | 421.102          | 84,3        | 78.649               | 15,7        | 3.376                   | 0,7        |
|              | 17    | 472.316           | 333.267          | 70,6        | 139.049              | 29,4        | 3.292                   | 0,7        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.463.960</b>  | <b>1.203.420</b> | <b>82,2</b> | <b>260.540</b>       | <b>17,8</b> | <b>8.278</b>            | <b>0,6</b> |
| CENTRO-OESTE | 15    | 254.921           | 233.780          | 91,7        | 21.141               | 8,3         | 1.182                   | 0,5        |
|              | 16    | 261.411           | 227.278          | 86,9        | 34.133               | 13,1        | 723                     | 0,3        |
|              | 17    | 240.690           | 183.648          | 76,3        | 57.042               | 23,7        | 1.544                   | 0,6        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>757.022</b>    | <b>644.706</b>   | <b>85,2</b> | <b>112.316</b>       | <b>14,8</b> | <b>3.449</b>            | <b>0,4</b> |

Fonte: IBGE/Pnad. \*O total representa a soma de todas as etapas de ensino: alfabetização de adultos, ensino fundamental, ensino médio, EJA fundamental, EJA médio, pré-vestibular e ensino superior.

TABELA 4

**População de 15 a 17 anos por frequência à escola,  
segundo idade, gênero e regiões (2011)**


| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO<br>TOTAL<br>MASCULINA | POPULAÇÃO<br>TOTAL<br>FEMININA | % QUE NÃO FREQUENTA ESCOLA POR GÊNERO |             |                |             |
|--------------|-------|---------------------------------|--------------------------------|---------------------------------------|-------------|----------------|-------------|
|              |       |                                 |                                | MASCULINO                             | %           | FEMININO       | %           |
| BRASIL       | 15    | 1.802.111                       | 1.771.871                      | 149.502                               | 8,3         | 138.099        | 7,8         |
|              | 16    | 1.809.984                       | 1.790.322                      | 274.363                               | 15,2        | 239.005        | 13,3        |
|              | 17    | 1.790.077                       | 1.615.695                      | 490.182                               | 27,4        | 431.024        | 26,7        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>5.402.172</b>                | <b>5.177.888</b>               | <b>914.047</b>                        | <b>16,9</b> | <b>808.128</b> | <b>15,6</b> |
| NORTE        | 15    | 178.959                         | 191.053                        | 17.206                                | 9,6         | 17.544         | 9,2         |
|              | 16    | 183.917                         | 177.861                        | 29.096                                | 15,8        | 25.918         | 14,6        |
|              | 17    | 187.427                         | 169.805                        | 48.280                                | 25,8        | 44.683         | 26,3        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>550.303</b>                  | <b>538.719</b>                 | <b>94.582</b>                         | <b>17,2</b> | <b>88.145</b>  | <b>16,4</b> |
| NORDESTE     | 15    | 543.453                         | 571.889                        | 45.109                                | 8,3         | 49.536         | 8,7         |
|              | 16    | 591.904                         | 542.789                        | 95.928                                | 16,2        | 89.035         | 16,4        |
|              | 17    | 547.427                         | 488.940                        | 147.791                               | 27,0        | 128.967        | 26,4        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.682.784</b>                | <b>1.603.618</b>               | <b>288.828</b>                        | <b>17,2</b> | <b>267.538</b> | <b>16,7</b> |
| SUDESTE      | 15    | 701.275                         | 640.539                        | 52.941                                | 7,5         | 41.282         | 6,4         |
|              | 16    | 653.770                         | 688.903                        | 90.404                                | 13,8        | 70.205         | 10,2        |
|              | 17    | 683.514                         | 615.653                        | 190.723                               | 27,9        | 164.671        | 26,7        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>2.038.559</b>                | <b>1.945.095</b>               | <b>334.068</b>                        | <b>16,4</b> | <b>276.158</b> | <b>14,2</b> |
| SUL          | 15    | 244.826                         | 247.067                        | 22.027                                | 9,0         | 20.815         | 8,4         |
|              | 16    | 252.160                         | 247.591                        | 40.806                                | 16,2        | 37.843         | 15,3        |
|              | 17    | 246.447                         | 225.869                        | 70.831                                | 28,7        | 68.218         | 30,2        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>743.433</b>                  | <b>720.527</b>                 | <b>133.664</b>                        | <b>17,9</b> | <b>126.876</b> | <b>17,6</b> |
| CENTRO-OESTE | 15    | 133.598                         | 121.323                        | 12.219                                | 9,1         | 8.922          | 7,4         |
|              | 16    | 128.233                         | 133.178                        | 18.129                                | 14,1        | 16.004         | 12,0        |
|              | 17    | 125.262                         | 115.428                        | 32.557                                | 26,0        | 24.485         | 21,2        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>387.093</b>                  | <b>369.929</b>                 | <b>62.905</b>                         | <b>16,3</b> | <b>49.411</b>  | <b>13,4</b> |

Fonte: IBGE/Pnad

condição; em seguida vem a Região Nordeste, com 556.366. O menor contingente, 112.316 adolescentes, está na Região Centro-Oeste. Em termos proporcionais, a região com mais adolescentes de 15 a 17 anos fora da escola é a Sul (17,8%), seguida da Nordeste (16,9%) e da Norte (16,7%) (*ver tabela 3*).

Quando se faz um recorte por idade, percebe-se que a exclusão escolar cresce com o tempo. Os adolescentes de 15 anos que não frequentam a escola correspondem a 8% do total dessa população no Brasil (287.601 pessoas); já os de 16 anos excluídos são 14,3% do total (513.368). Na idade de 17 anos, essa taxa quase duplica: 27% deles estão fora da escola, o que corresponde a 921.206 adolescentes.

Essa tendência se repete em todas as regiões do país, embora haja variação na proporção de adolescentes fora da escola entre elas. Na faixa dos 15 anos, a região com maior porcentagem de adolescentes que não frequentam a escola é a Norte, com 9,4%; na dos 16 anos é a Nordeste, com 16,3%. Já na dos 17 anos o índice mais alto é o da Região Sul: 29,4% (*ver tabela 3*).

No que diz respeito a gênero, os homens estão em desvantagem em relação às mulheres: 914.047 deles não frequentam a escola (16,9%), ante 808.128 delas (15,6%). As regiões com maior número absoluto de adolescentes de 15 a 17

anos do sexo masculino fora da escola são a Sudeste (334.068) e a Nordeste (288.828). Em termos proporcionais, é a Região Sul (17,9%), seguida pela Nordeste e pela Norte (17,2%). No caso das meninas, a situação é praticamente a mesma: as líderes em números absolutos são as regiões Sudeste (276.158) e Nordeste (267.538), e em

termos proporcionais a Sul (17,6%), a Nordeste (16,7%) e a Norte (16,4%). Em relação à idade, o maior grupo fora da escola é formado pelos adolescentes de 17 anos, tanto entre os meninos quanto entre as meninas: 490.182 (27,4%) e 431.024 (26,7%), respectivamente (*ver tabela 4*).

Em relação à raça<sup>6</sup>, os negros estão em situação menos favorável que os brancos. Enquanto 1.042.753 adolescentes negros de 15 a 17 anos estão fora da escola, 665.135 brancos se encontram na mesma situação (*ver tabelas 5 e 6*). Em termos regionais, a exclusão acompanha a proporção racial da população de 15 a 17 anos. Assim, enquanto entre os brancos a Região Sudeste tem o maior número de adolescentes fora da escola (282.273), entre os negros o maior contingente está na Nordeste (416.880).

<sup>6</sup> Os negros correspondem à soma de pretos e pardos, segundo a classificação do IBGE.

**Em relação à raça, os negros estão em situação menos favorável que os brancos. Enquanto 1.042.753 adolescentes negros de 15 a 17 anos estão fora da escola, 665.135 brancos se encontram na mesma situação**

TABELA 5

**População de 15 a 17 anos, de raça/etnia branca, por frequência à escola e etapa concluída, segundo idade e regiões (2011)**


| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL BRANCOS | NÃO FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA CONCLUÍDA |                         |               |                           |                         |                             |                       |
|--------------|-------|-------------------------|--|-------------------------|---------------|---------------------------|-------------------------|-----------------------------|-----------------------|
|              |       |                         | TOTAL                                    | NUNCA FREQUENTOU ESCOLA | ANALFABETOS   | ENSINO FUNDAMENTAL        |                         |                             | ENSINO MÉDIO COMPLETO |
|              |       |                         |  |                         |               | ANOS INICIAIS INCOMPLETOS | ANOS INICIAIS COMPLETOS | ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO |                       |
| BRASIL       | 15    | 1.483.619               | 93.722                                   | 6.491                   | 6.636         | 6.828                     | 5.684                   | 56.803                      | 11.280                |
|              | 16    | 1.565.385               | 196.943                                  | 9.272                   | 19.703        | 8.282                     | 13.032                  | 104.812                     | 41.842                |
|              | 17    | 1.493.033               | 374.470                                  | 8.792                   | 20.025        | 8.134                     | 9.369                   | 168.708                     | 159.442               |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>4.542.037</b>        | <b>665.135</b>                           | <b>24.555</b>           | <b>46.364</b> | <b>23.244</b>             | <b>28.085</b>           | <b>330.323</b>              | <b>212.564</b>        |
| NORTE        | 15    | 85.493                  | 6.434                                    | -                       | 954           | 1.784                     | 187                     | 3.509                       | -                     |
|              | 16    | 82.117                  | 12.158                                   | 187                     | 885           | 1.562                     | 985                     | 7.416                       | 1.123                 |
|              | 17    | 78.146                  | 18.782                                   | 1.404                   | 1.839         | 971                       | 2.172                   | 6.183                       | 6.213                 |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>245.756</b>          | <b>37.374</b>                            | <b>1.591</b>            | <b>3.678</b>  | <b>4.317</b>              | <b>3.344</b>            | <b>17.108</b>               | <b>7.336</b>          |
| NORDESTE     | 15    | 289.013                 | 18.601                                   | 575                     | 1.555         | 2.739                     | 2.927                   | 9.887                       | 918                   |
|              | 16    | 308.668                 | 47.923                                   | 3.167                   | 7.120         | 4.367                     | 6.981                   | 20.201                      | 6.087                 |
|              | 17    | 277.851                 | 68.193                                   | 1.470                   | 6.315         | 3.197                     | 2.760                   | 27.572                      | 26.879                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>875.532</b>          | <b>134.717</b>                           | <b>5.212</b>            | <b>14.990</b> | <b>10.303</b>             | <b>12.668</b>           | <b>57.660</b>               | <b>33.884</b>         |
| SUDESTE      | 15    | 654.259                 | 36.749                                   | 4.533                   | 1.728         | 1.264                     | 1.937                   | 20.084                      | 7.203                 |
|              | 16    | 688.750                 | 74.447                                   | 2.745                   | 7.535         | 1.926                     | 4.192                   | 35.576                      | 22.473                |
|              | 17    | 684.208                 | 171.077                                  | 2.325                   | 7.505         | 1.340                     | 2.525                   | 79.216                      | 78.166                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>2.027.217</b>        | <b>282.273</b>                           | <b>9.603</b>            | <b>16.768</b> | <b>4.530</b>              | <b>8.654</b>            | <b>134.876</b>              | <b>107.842</b>        |
| SUL          | 15    | 357.801                 | 25.512                                   | 1.383                   | 2.005         | 647                       | 633                     | 18.419                      | 2.425                 |
|              | 16    | 378.642                 | 49.890                                   | 2.866                   | 2.500         | -                         | 874                     | 35.157                      | 8.493                 |
|              | 17    | 360.305                 | 97.322                                   | 2.782                   | 3.556         | 1.805                     | 1.101                   | 49.978                      | 38.100                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.096.748</b>        | <b>172.724</b>                           | <b>7.031</b>            | <b>8.061</b>  | <b>2.452</b>              | <b>2.608</b>            | <b>103.554</b>              | <b>49.018</b>         |
| CENTRO-OESTE | 15    | 97.053                  | 6.426                                    | -                       | 394           | 394                       | -                       | 4.904                       | 734                   |
|              | 16    | 107.208                 | 12.525                                   | 307                     | 1.663         | 427                       | -                       | 6.462                       | 3.666                 |
|              | 17    | 92.523                  | 19.096                                   | 811                     | 810           | 821                       | 811                     | 5.759                       | 10.084                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>296.784</b>          | <b>38.047</b>                            | <b>1.118</b>            | <b>2.867</b>  | <b>1.642</b>              | <b>811</b>              | <b>17.125</b>               | <b>14.484</b>         |

TABELA 6

**População de 15 a 17 anos, de raça/etnia negra (pretos e pardos), por frequência à escola e etapa concluída, segundo idade e regiões (2011)**

| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL<br>PRETOS/PARDOS | NÃO FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA CONCLUÍDA |                               |               |                              |                            |                                   |                          |
|--------------|-------|----------------------------------|--|-------------------------------|---------------|------------------------------|----------------------------|-----------------------------------|--------------------------|
|              |       |                                  | TOTAL                                    | NUNCA<br>FREQUENTOU<br>ESCOLA | ANALFABETOS   | ENSINO FUNDAMENTAL           |                            |                                   | ENSINO MÉDIO<br>COMPLETO |
|              |       |                                  |  |                               |               | ANOS INICIAIS<br>INCOMPLETOS | ANOS INICIAIS<br>COMPLETOS | ENSINO<br>FUNDAMENTAL<br>COMPLETO |                          |
| BRASIL       | 15    | 2.061.309                        | 190.550                                  | 10.513                        | 23.475        | 18.856                       | 26.918                     | 102.180                           | 8.608                    |
|              | 16    | 2.001.559                        | 312.443                                  | 9.469                         | 29.138        | 20.460                       | 31.742                     | 177.103                           | 44.531                   |
|              | 17    | 1.883.132                        | 539.760                                  | 14.350                        | 41.028        | 26.612                       | 36.357                     | 240.577                           | 180.836                  |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>5.946.000</b>                 | <b>1.042.753</b>                         | <b>34.332</b>                 | <b>93.641</b> | <b>65.928</b>                | <b>95.017</b>              | <b>519.860</b>                    | <b>233.975</b>           |
| NORTE        | 15    | 277.714                          | 27.206                                   | 1.493                         | 2.763         | 4.731                        | 7.343                      | 9.709                             | 1.167                    |
|              | 16    | 272.109                          | 41.704                                   | 2.096                         | 5.496         | 3.142                        | 4.860                      | 21.201                            | 4.909                    |
|              | 17    | 270.879                          | 71.739                                   | 1.745                         | 6.053         | 7.803                        | 6.827                      | 33.689                            | 15.622                   |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>820.702</b>                   | <b>140.649</b>                           | <b>5.334</b>                  | <b>14.312</b> | <b>15.676</b>                | <b>19.030</b>              | <b>64.599</b>                     | <b>21.698</b>            |
| NORDESTE     | 15    | 819.392                          | 74.052                                   | 4.569                         | 11.826        | 10.680                       | 11.567                     | 31.787                            | 3.623                    |
|              | 16    | 815.283                          | 135.685                                  | 3.471                         | 17.172        | 10.777                       | 16.555                     | 71.457                            | 16.253                   |
|              | 17    | 749.115                          | 207.143                                  | 5.566                         | 20.399        | 16.302                       | 17.267                     | 92.521                            | 55.088                   |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>2.383.790</b>                 | <b>416.880</b>                           | <b>13.606</b>                 | <b>49.397</b> | <b>37.759</b>                | <b>45.389</b>              | <b>195.765</b>                    | <b>74.964</b>            |
| SUDESTE      | 15    | 676.978                          | 57.474                                   | 3.269                         | 5.824         | 2.186                        | 6.545                      | 37.989                            | 1.661                    |
|              | 16    | 643.979                          | 85.657                                   | 2.976                         | 3.926         | 5.008                        | 8.943                      | 50.002                            | 14.802                   |
|              | 17    | 607.558                          | 182.266                                  | 5.796                         | 12.565        | 1.845                        | 8.133                      | 71.210                            | 82.717                   |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.928.515</b>                 | <b>325.397</b>                           | <b>12.041</b>                 | <b>22.315</b> | <b>9.039</b>                 | <b>23.621</b>              | <b>159.201</b>                    | <b>99.180</b>            |
| SUL          | 15    | 130.890                          | 17.103                                   | -                             | 226           | -                            | 1.156                      | 14.703                            | 1.018                    |
|              | 16    | 118.658                          | 28.097                                   | 510                           | 509           | -                            | 1.384                      | 21.975                            | 3.719                    |
|              | 17    | 109.450                          | 41.093                                   | 510                           | 861           | 662                          | 1.789                      | 24.467                            | 12.804                   |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>358.998</b>                   | <b>86.293</b>                            | <b>1.020</b>                  | <b>1.596</b>  | <b>662</b>                   | <b>4.329</b>               | <b>61.145</b>                     | <b>17.541</b>            |
| CENTRO-OESTE | 15    | 156.335                          | 14.715                                   | 1.182                         | 2.836         | 1.259                        | 307                        | 7.992                             | 1.139                    |
|              | 16    | 151.530                          | 21.300                                   | 416                           | 2.035         | 1.533                        | -                          | 12.468                            | 4.848                    |
|              | 17    | 146.130                          | 37.519                                   | 733                           | 1.150         | -                            | 2.341                      | 18.690                            | 14.605                   |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>453.995</b>                   | <b>73.534</b>                            | <b>2.331</b>                  | <b>6.021</b>  | <b>2.792</b>                 | <b>2.648</b>               | <b>39.150</b>                     | <b>20.592</b>            |

Fonte: IBGE/Pnad

TABELA 7

**População de 15 a 17 anos de raça/etnia amarela\* e indígena, por frequência à escola e etapa concluída, segundo idade e regiões (2011)**

| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL AMARELA* E INDÍGENA | NÃO FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA CONCLUÍDA |                         |              |                           |                         |                             |                       |
|--------------|-------|-------------------------------------|--|-------------------------|--------------|---------------------------|-------------------------|-----------------------------|-----------------------|
|              |       |                                     | TOTAL                                    | NUNCA FREQUENTOU ESCOLA | ANALFABETOS  | ENSINO FUNDAMENTAL        |                         |                             | ENSINO MÉDIO COMPLETO |
|              |       |                                     |  |                         |              | ANOS INICIAIS INCOMPLETOS | ANOS INICIAIS COMPLETOS | ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO |                       |
| BRASIL       | 15    | 29.054                              | 3.329                                    | 227                     | 677          | -                         | 897                     | 1.294                       | 234                   |
|              | 16    | 33.362                              | 3.982                                    | -                       | 998          | -                         | 321                     | 2.158                       | 505                   |
|              | 17    | 29.607                              | 6.976                                    | 739                     | 495          | 641                       | 321                     | 3.544                       | 1.236                 |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>92.023</b>                       | <b>14.287</b>                            | <b>966</b>              | <b>2.170</b> | <b>641</b>                | <b>1.539</b>            | <b>6.996</b>                | <b>1.975</b>          |
| NORTE        | 15    | 6.805                               | 1.110                                    | -                       | -            | -                         | 321                     | 555                         | 234                   |
|              | 16    | 7.552                               | 1.152                                    | -                       | 321          | -                         | 321                     | 510                         | -                     |
|              | 17    | 8.207                               | 2.442                                    | -                       | 495          | 641                       | 321                     | 798                         | 187                   |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>22.564</b>                       | <b>4.704</b>                             | <b>-</b>                | <b>816</b>   | <b>641</b>                | <b>963</b>              | <b>1.863</b>                | <b>421</b>            |
| NORDESTE     | 15    | 6.937                               | 1.992                                    | -                       | 677          | -                         | 576                     | 739                         | -                     |
|              | 16    | 10.742                              | 1.355                                    | -                       | 677          | -                         | -                       | 678                         | -                     |
|              | 17    | 9.401                               | 1.422                                    | 739                     | -            | -                         | -                       | 683                         | -                     |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>27.080</b>                       | <b>4.769</b>                             | <b>739</b>              | <b>1.354</b> | <b>-</b>                  | <b>576</b>              | <b>2.100</b>                | <b>-</b>              |
| SUDESTE      | 15    | 10.577                              | -  | -                       | -            | -                         | -                       | -                           | -                     |
|              | 16    | 9.944                               | 505                                      | -                       | -            | -                         | -                       | -                           | 505                   |
|              | 17    | 7.401                               | 2.051                                    | -                       | -            | -                         | -                       | 1.002                       | 1.049                 |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>27.922</b>                       | <b>2.556</b>                             | <b>-</b>                | <b>-</b>     | <b>-</b>                  | <b>-</b>                | <b>1.002</b>                | <b>1.554</b>          |
| SUL          | 15    | 3.202                               | 227                                      | 227                     | -            | -                         | -                       | -                           | -                     |
|              | 16    | 2.451                               | 662                                      | -                       | -            | -                         | -                       | 662                         | -                     |
|              | 17    | 2.561                               | 634                                      | -                       | -            | -                         | -                       | 634                         | -                     |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>8.214</b>                        | <b>1.523</b>                             | <b>227</b>              | <b>-</b>     | <b>-</b>                  | <b>-</b>                | <b>1.296</b>                | <b>-</b>              |
| CENTRO-OESTE | 15    | 1.533                               | -  | -                       | -            | -                         | -                       | -                           | -                     |
|              | 16    | 2.673                               | 308                                      | -                       | -            | -                         | -                       | 308                         | -                     |
|              | 17    | 2.037                               | 427                                      | -                       | -            | -                         | -                       | 427                         | -                     |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>6.243</b>                        | <b>735</b>                               | <b>-</b>                | <b>-</b>     | <b>-</b>                  | <b>-</b>                | <b>735</b>                  | <b>-</b>              |

Fonte: IBGE/Pnad. \*O IBGE utiliza a classificação amarela para a pessoa que se declara de cor amarela, ou seja, de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana etc.

TABELA 8

**População de 15 a 17 anos, residente na área urbana, por frequência à escola e etapa concluída, segundo idade e regiões (2011)**

| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL URBANA | NÃO FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA CONCLUÍDA |                         |                |                           |                         |                             |                       |
|--------------|-------|------------------------|--|-------------------------|----------------|---------------------------|-------------------------|-----------------------------|-----------------------|
|              |       |                        | TOTAL                                    | NUNCA FREQUENTOU ESCOLA | ANALFABETOS    | ENSINO FUNDAMENTAL        |                         |                             | ENSINO MÉDIO COMPLETO |
|              |       |                        |  |                         |                | ANOS INICIAIS INCOMPLETOS | ANOS INICIAIS COMPLETOS | ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO |                       |
| BRASIL       | 15    | 2.924.344              | 224.434                                  | 13.950                  | 24.225         | 17.264                    | 24.510                  | 127.957                     | 16.528                |
|              | 16    | 2.930.461              | 388.191                                  | 13.059                  | 36.246         | 19.653                    | 33.711                  | 213.870                     | 71.652                |
|              | 17    | 2.818.683              | 739.290                                  | 17.063                  | 50.300         | 21.338                    | 23.406                  | 329.916                     | 297.267               |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>8.673.488</b>       | <b>1.351.915</b>                         | <b>44.072</b>           | <b>110.771</b> | <b>58.255</b>             | <b>81.627</b>           | <b>671.743</b>              | <b>385.447</b>        |
| NORTE        | 15    | 266.393                | 22.567                                   | 695                     | 2.763          | 4.433                     | 5.691                   | 8.139                       | 846                   |
|              | 16    | 267.105                | 35.508                                   | 852                     | 3.501          | 2.855                     | 3.183                   | 20.349                      | 4.768                 |
|              | 17    | 258.214                | 64.186                                   | 2.272                   | 6.215          | 4.440                     | 4.361                   | 29.367                      | 17.531                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>791.712</b>         | <b>122.261</b>                           | <b>3.819</b>            | <b>12.479</b>  | <b>11.728</b>             | <b>13.235</b>           | <b>57.855</b>               | <b>23.145</b>         |
| NORDESTE     | 15    | 770.501                | 64.241                                   | 3.643                   | 9.203          | 8.262                     | 11.795                  | 27.513                      | 3.825                 |
|              | 16    | 774.869                | 111.914                                  | 4.069                   | 15.331         | 9.359                     | 15.135                  | 52.836                      | 15.184                |
|              | 17    | 747.231                | 192.647                                  | 5.145                   | 18.777         | 12.099                    | 10.202                  | 80.868                      | 65.556                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>2.292.601</b>       | <b>368.802</b>                           | <b>12.857</b>           | <b>43.311</b>  | <b>29.720</b>             | <b>37.132</b>           | <b>161.217</b>              | <b>84.565</b>         |
| SUDESTE      | 15    | 1.238.239              | 83.154                                   | 7.047                   | 6.798          | 2.696                     | 5.882                   | 53.528                      | 7.203                 |
|              | 16    | 1.233.896              | 141.669                                  | 4.549                   | 10.707         | 6.180                     | 13.135                  | 74.373                      | 32.725                |
|              | 17    | 1.207.121              | 322.981                                  | 5.457                   | 19.565         | 2.599                     | 4.374                   | 138.165                     | 152.821               |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>3.679.256</b>       | <b>547.804</b>                           | <b>17.053</b>           | <b>37.070</b>  | <b>11.475</b>             | <b>23.391</b>           | <b>266.066</b>              | <b>192.749</b>        |
| SUL          | 15    | 423.338                | 37.436                                   | 1.383                   | 2.231          | 647                       | 1.142                   | 29.252                      | 2.781                 |
|              | 16    | 417.651                | 67.748                                   | 2.866                   | 3.009          | -                         | 2.258                   | 48.727                      | 10.888                |
|              | 17    | 387.380                | 107.402                                  | 2.645                   | 3.783          | 1.805                     | 1.733                   | 58.326                      | 39.110                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.228.369</b>       | <b>212.586</b>                           | <b>6.894</b>            | <b>9.023</b>   | <b>2.452</b>              | <b>5.133</b>            | <b>136.305</b>              | <b>52.779</b>         |
| CENTRO-OESTE | 15    | 225.873                | 17.036                                   | 1.182                   | 3.230          | 1.226                     | -                       | 9.525                       | 1.873                 |
|              | 16    | 236.940                | 31.352                                   | 723                     | 3.698          | 1.259                     | -                       | 17.585                      | 8.087                 |
|              | 17    | 218.737                | 52.074                                   | 1.544                   | 1.960          | 395                       | 2.736                   | 23.190                      | 22.249                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>681.550</b>         | <b>100.462</b>                           | <b>3.449</b>            | <b>8.888</b>   | <b>2.880</b>              | <b>2.736</b>            | <b>50.300</b>               | <b>32.209</b>         |

TABELA 9

**População de 15 a 17 anos residente na área rural por frequência à escola e etapa concluída, segundo idade e regiões (2011)**


| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL RURAL | NÃO FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA CONCLUÍDA |                         |               |                           |                         |                             |                       |
|--------------|-------|-----------------------|--|-------------------------|---------------|---------------------------|-------------------------|-----------------------------|-----------------------|
|              |       |                       | TOTAL                                    | NUNCA FREQUENTOU ESCOLA | ANALFABETOS   | ENSINO FUNDAMENTAL        |                         |                             | ENSINO MÉDIO COMPLETO |
|              |       |                       |  |                         |               | ANOS INICIAIS INCOMPLETOS | ANOS INICIAIS COMPLETOS | ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO |                       |
| BRASIL       | 15    | 649.638               | 63.167                                   | 3.281                   | 6.563         | 8.420                     | 8.989                   | 32.320                      | 3.594                 |
|              | 16    | 669.845               | 125.177                                  | 5.682                   | 13.593        | 9.089                     | 11.384                  | 70.203                      | 15.226                |
|              | 17    | 587.089               | 181.916                                  | 6.818                   | 11.248        | 14.049                    | 22.641                  | 82.913                      | 44.247                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.906.572</b>      | <b>370.260</b>                           | <b>15.781</b>           | <b>31.404</b> | <b>31.558</b>             | <b>43.014</b>           | <b>185.436</b>              | <b>63.067</b>         |
| NORTE        | 15    | 103.619               | 12.183                                   | 798                     | 954           | 2.082                     | 2.160                   | 5.634                       | 555                   |
|              | 16    | 94.673                | 19.506                                   | 1.431                   | 3.201         | 1.849                     | 2.983                   | 8.778                       | 1.264                 |
|              | 17    | 99.018                | 28.777                                   | 877                     | 2.172         | 4.975                     | 4.959                   | 11.303                      | 4.491                 |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>297.310</b>        | <b>60.466</b>                            | <b>3.106</b>            | <b>6.327</b>  | <b>8.906</b>              | <b>10.102</b>           | <b>25.715</b>               | <b>6.310</b>          |
| NORDESTE     | 15    | 344.841               | 30.404                                   | 1.501                   | 4.855         | 5.157                     | 3.275                   | 14.900                      | 716                   |
|              | 16    | 359.824               | 73.049                                   | 2.569                   | 9.638         | 5.785                     | 8.401                   | 39.500                      | 7.156                 |
|              | 17    | 289.136               | 84.111                                   | 2.630                   | 7.937         | 7.400                     | 9.825                   | 39.908                      | 16.411                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>993.801</b>        | <b>187.564</b>                           | <b>6.700</b>            | <b>22.430</b> | <b>18.342</b>             | <b>21.501</b>           | <b>94.308</b>               | <b>24.283</b>         |
| SUDESTE      | 15    | 103.575               | 11.069                                   | 755                     | 754           | 754                       | 2.600                   | 4.545                       | 1.661                 |
|              | 16    | 108.777               | 18.940                                   | 1.172                   | 754           | 754                       | -                       | 11.205                      | 5.055                 |
|              | 17    | 92.046                | 32.413                                   | 2.664                   | 505           | 586                       | 6.284                   | 13.263                      | 9.111                 |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>304.398</b>        | <b>62.422</b>                            | <b>4.591</b>            | <b>2.013</b>  | <b>2.094</b>              | <b>8.884</b>            | <b>29.013</b>               | <b>15.827</b>         |
| SUL          | 15    | 68.555                | 5.406                                    | 227                     | -             | -                         | 647                     | 3.870                       | 662                   |
|              | 16    | 82.100                | 10.901                                   | 510                     | -             | -                         | -                       | 9.067                       | 1.324                 |
|              | 17    | 84.936                | 31.647                                   | 647                     | 634           | 662                       | 1.157                   | 16.753                      | 11.794                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>235.591</b>        | <b>47.954</b>                            | <b>1.384</b>            | <b>634</b>    | <b>662</b>                | <b>1.804</b>            | <b>29.690</b>               | <b>13.780</b>         |
| CENTRO-OESTE | 15    | 29.048                | 4.105                                    | -                       | -             | 427                       | 307                     | 3.371                       | -                     |
|              | 16    | 24.471                | 2.781                                    | -                       | -             | 701                       | -                       | 1.653                       | 427                   |
|              | 17    | 21.953                | 4.968                                    | -                       | -             | 426                       | 416                     | 1.686                       | 2.440                 |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>75.472</b>         | <b>11.854</b>                            | <b>-</b>                | <b>-</b>      | <b>1.554</b>              | <b>723</b>              | <b>6.710</b>                | <b>2.867</b>          |

Fonte: IBGE/Phad

A questão da renda é um fator importante de exclusão escolar. Os adolescentes de famílias com renda familiar *per capita* mais baixa (1º quintil de renda<sup>7</sup>) que não frequentam a escola são 508.547 (18,2%). Já os de famílias que se encontram nos estratos mais altos (5º quintil de renda) somam 92.796 (8,3%).

No que diz respeito à localização, a quantidade de adolescentes de 15 a 17 anos fora da escola na zona urbana é de 1.351.915 (15,6%), enquanto na zona rural são 370.260 (19,4%). O maior grupo de adolescentes fora da escola na zona rural está na Região Nordeste, que concentra a maior população deste grupo: 187.564 pessoas (*ver tabelas 8 e 9*).

Do total de adolescentes brasileiros na faixa de 15 a 17 anos que não estudam, 59.853 nunca frequentaram a escola (3,5%). Como nos demais indicadores, os ho-

mens são os mais afetados: 38.495 adolescentes de 15 a 17 anos do sexo masculino nunca frequentaram, ante 21.358 do sexo feminino (*ver tabelas 11 e 12*). Em relação à raça, permanecem as diferenças entre a população branca e a negra: 24.555 adolescentes brancos nunca frequentaram a escola, ante 34.332 negros e 966 amarelos<sup>8</sup> e indígenas.

No que diz respeito à renda, as desigualdades são maiores. Enquanto 19.908 adolescentes de famílias com renda familiar *per capita* mais baixa (1º quintil de renda)

nunca frequentaram a escola, apenas 1.153 daqueles com famílias dos estratos mais altos (5º quintil de renda) encontram-se na mesma situação. Em termos de localização, a quantidade de adolescentes de 15 a 17 anos que nunca frequentaram a escola na zona urbana é de 44.072, e na zona rural é de 15.781 (*ver tabelas 8 e 9*).

Os dados da Pnad 2011 mostram ainda que o número de adolescentes de 15 a 17 anos analfabetos é maior do que o da população da mesma faixa etária que nunca frequentou a escola: 142.175 encontram-se nessa situação. Esse número indica que muitos adolescentes, apesar de ter frequentado a escola em algum momento, não conseguiram sequer concluir o processo de alfabetização. Comparando os dados por região, verifica-se que as maiores diferenças encontram-se na Nordeste e na Norte (*ver tabela 10*).

Entre os adolescentes de 15 a 17 anos que não estudam, mas já frequentaram a escola em algum momento, 89.813 não conseguiram completar os anos iniciais do ensino

Entre os adolescentes de 15 a 17 anos que não estudam, mas já frequentaram a escola em algum momento, 89.813 não conseguiram completar os anos iniciais do ensino fundamental. Outros 124.641 completaram essa etapa, mas não foram além. Os que completaram o ensino fundamental somam 857.179 — o maior contingente de adolescentes que hoje não estudam, mas já frequentaram a escola

7 Relação da renda familiar *per capita* entre os estratos superior (20% mais ricos) e inferior (20% mais pobres) da população.

8 O IBGE utiliza a classificação "amarela" para a pessoa que se declara de cor amarela, ou seja, de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana etc.

TABELA 10

### População de 15 a 17 anos que não frequenta a escola, por etapa concluída, segundo idade e regiões (2011)



| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL   | NÃO FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA CONCLUÍDA |                         |                |                           |                         |                             |                       |
|--------------|-------|-------------------|--|-------------------------|----------------|---------------------------|-------------------------|-----------------------------|-----------------------|
|              |       |                   | TOTAL                                    | NUNCA FREQUENTOU ESCOLA | ANALFABETOS    | ENSINO FUNDAMENTAL        |                         |                             | ENSINO MÉDIO COMPLETO |
|              |       |                   |  |                         |                | ANOS INICIAIS INCOMPLETOS | ANOS INICIAIS COMPLETOS | ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO |                       |
| BRASIL       | 15    | 3.573.982         | 287.601                                  | 17.231                  | 30.788         | 25.684                    | 33.499                  | 160.277                     | 20.122                |
|              | 16    | 3.600.306         | 513.368                                  | 18.741                  | 49.839         | 28.742                    | 45.095                  | 284.073                     | 86.878                |
|              | 17    | 3.405.772         | 921.206                                  | 23.881                  | 61.548         | 35.387                    | 46.047                  | 412.829                     | 341.514               |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>10.580.060</b> | <b>1.722.175</b>                         | <b>59.853</b>           | <b>142.175</b> | <b>89.813</b>             | <b>124.641</b>          | <b>857.179</b>              | <b>448.514</b>        |
| NORTE        | 15    | 370.012           | 34.750                                   | 1.493                   | 3.717          | 6.515                     | 7.851                   | 13.773                      | 1.401                 |
|              | 16    | 361.778           | 55.014                                   | 2.283                   | 6.702          | 4.704                     | 6.166                   | 29.127                      | 6.032                 |
|              | 17    | 357.232           | 92.963                                   | 3.149                   | 8.387          | 9.415                     | 9.320                   | 40.670                      | 22.022                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.089.022</b>  | <b>182.727</b>                           | <b>6.925</b>            | <b>18.806</b>  | <b>20.634</b>             | <b>23.337</b>           | <b>83.570</b>               | <b>29.455</b>         |
| NORDESTE     | 15    | 1.115.342         | 94.645                                   | 5.144                   | 14.058         | 13.419                    | 15.070                  | 42.413                      | 4.541                 |
|              | 16    | 1.134.693         | 184.963                                  | 6.638                   | 24.969         | 15.144                    | 23.536                  | 92.336                      | 22.340                |
|              | 17    | 1.036.367         | 276.758                                  | 7.775                   | 26.714         | 19.499                    | 20.027                  | 120.776                     | 81.967                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>3.286.402</b>  | <b>556.366</b>                           | <b>19.557</b>           | <b>65.741</b>  | <b>48.062</b>             | <b>58.633</b>           | <b>255.525</b>              | <b>108.848</b>        |
| SUDESTE      | 15    | 1.341.814         | 94.223                                   | 7.802                   | 7.552          | 3.450                     | 8.482                   | 58.073                      | 8.864                 |
|              | 16    | 1.342.673         | 160.609                                  | 5.721                   | 11.461         | 6.934                     | 13.135                  | 85.578                      | 37.780                |
|              | 17    | 1.299.167         | 355.394                                  | 8.121                   | 20.070         | 3.185                     | 10.658                  | 151.428                     | 161.932               |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>3.983.654</b>  | <b>610.226</b>                           | <b>21.644</b>           | <b>39.083</b>  | <b>13.569</b>             | <b>32.275</b>           | <b>295.079</b>              | <b>208.576</b>        |
| SUL          | 15    | 491.893           | 42.842                                   | 1.610                   | 2.231          | 647                       | 1.789                   | 33.122                      | 3.443                 |
|              | 16    | 499.751           | 78.649                                   | 3.376                   | 3.009          | -                         | 2.258                   | 57.794                      | 12.212                |
|              | 17    | 472.316           | 139.049                                  | 3.292                   | 4.417          | 2.467                     | 2.890                   | 75.079                      | 50.904                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.463.960</b>  | <b>260.540</b>                           | <b>8.278</b>            | <b>9.657</b>   | <b>3.114</b>              | <b>6.937</b>            | <b>165.995</b>              | <b>66.559</b>         |
| CENTRO-OESTE | 15    | 254.921           | 21.141                                   | 1.182                   | 3.230          | 1.653                     | 307                     | 12.896                      | 1.873                 |
|              | 16    | 261.411           | 34.133                                   | 723                     | 3.698          | 1.960                     | -                       | 19.238                      | 8.514                 |
|              | 17    | 240.690           | 57.042                                   | 1.544                   | 1.960          | 821                       | 3.152                   | 24.876                      | 24.689                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>757.022</b>    | <b>112.316</b>                           | <b>3.449</b>            | <b>8.888</b>   | <b>4.434</b>              | <b>3.459</b>            | <b>57.010</b>               | <b>35.076</b>         |

Fonte: IBGE/Pnad

TABELA 11

### População total masculina de 15 a 17 anos por frequência à escola e etapa, segundo idade e regiões (2011)



| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL MASCULINA | NÃO FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA CONCLUÍDA |                         |               |                           |                         |                             |                       |
|--------------|-------|---------------------------|--|-------------------------|---------------|---------------------------|-------------------------|-----------------------------|-----------------------|
|              |       |                           | TOTAL                                    | NUNCA FREQUENTOU ESCOLA | ANALFABETOS   | ENSINO FUNDAMENTAL        |                         |                             | ENSINO MÉDIO COMPLETO |
|              |       |                           |  |                         |               | ANOS INICIAIS INCOMPLETOS | ANOS INICIAIS COMPLETOS | ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO |                       |
| BRASIL       | 15    | 1.802.111                 | 149.502                                  | 11.871                  | 19.649        | 14.741                    | 16.616                  | 78.113                      | 8.512                 |
|              | 16    | 1.809.984                 | 274.363                                  | 11.428                  | 27.527        | 18.792                    | 32.406                  | 150.294                     | 33.916                |
|              | 17    | 1.790.077                 | 490.182                                  | 15.196                  | 38.148        | 22.634                    | 30.239                  | 231.087                     | 152.878               |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>5.402.172</b>          | <b>914.047</b>                           | <b>38.495</b>           | <b>85.324</b> | <b>56.167</b>             | <b>79.261</b>           | <b>459.494</b>              | <b>195.306</b>        |
| NORTE        | 15    | 178.959                   | 17.206                                   | 985                     | 1.134         | 4.433                     | 4.313                   | 5.362                       | 979                   |
|              | 16    | 183.917                   | 29.096                                   | 1.094                   | 3.551         | 2.303                     | 4.584                   | 14.229                      | 3.335                 |
|              | 17    | 187.427                   | 48.280                                   | 2.173                   | 5.905         | 6.718                     | 4.983                   | 20.104                      | 8.397                 |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>550.303</b>            | <b>94.582</b>                            | <b>4.252</b>            | <b>10.590</b> | <b>13.454</b>             | <b>13.880</b>           | <b>39.695</b>               | <b>12.711</b>         |
| NORDESTE     | 15    | 543.453                   | 45.109                                   | 4.183                   | 9.554         | 6.310                     | 7.918                   | 15.944                      | 1.200                 |
|              | 16    | 591.904                   | 95.928                                   | 3.952                   | 14.361        | 10.032                    | 15.816                  | 44.393                      | 7.374                 |
|              | 17    | 547.427                   | 147.791                                  | 5.743                   | 15.578        | 10.830                    | 13.901                  | 64.485                      | 37.254                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.682.784</b>          | <b>288.828</b>                           | <b>13.878</b>           | <b>39.493</b> | <b>27.172</b>             | <b>37.635</b>           | <b>124.822</b>              | <b>45.828</b>         |
| SUDESTE      | 15    | 701.275                   | 52.941                                   | 4.531                   | 5.070         | 2.772                     | 3.445                   | 32.818                      | 4.305                 |
|              | 16    | 653.770                   | 90.404                                   | 3.626                   | 7.952         | 4.497                     | 9.975                   | 47.742                      | 16.612                |
|              | 17    | 683.514                   | 190.723                                  | 4.470                   | 11.820        | 2.431                     | 7.546                   | 89.315                      | 75.141                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>2.038.559</b>          | <b>334.068</b>                           | <b>12.627</b>           | <b>24.842</b> | <b>9.700</b>              | <b>20.966</b>           | <b>169.875</b>              | <b>96.058</b>         |
| SUL          | 15    | 244.826                   | 22.027                                   | 1.384                   | 1.778         | -                         | 633                     | 17.343                      | 889                   |
|              | 16    | 252.160                   | 40.806                                   | 2.033                   | -             | -                         | 2.031                   | 33.397                      | 3.345                 |
|              | 17    | 246.447                   | 70.831                                   | 1.682                   | 3.301         | 1.834                     | 964                     | 43.882                      | 19.168                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>743.433</b>            | <b>133.664</b>                           | <b>5.099</b>            | <b>5.079</b>  | <b>1.834</b>              | <b>3.628</b>            | <b>94.622</b>               | <b>23.402</b>         |
| CENTRO-OESTE | 15    | 133.598                   | 12.219                                   | 788                     | 2.113         | 1.226                     | 307                     | 6.646                       | 1.139                 |
|              | 16    | 128.233                   | 18.129                                   | 723                     | 1.663         | 1.960                     | -                       | 10.533                      | 3.250                 |
|              | 17    | 125.262                   | 32.557                                   | 1.128                   | 1.544         | 821                       | 2.845                   | 13.301                      | 12.918                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>387.093</b>            | <b>62.905</b>                            | <b>2.639</b>            | <b>5.320</b>  | <b>4.007</b>              | <b>3.152</b>            | <b>30.480</b>               | <b>17.307</b>         |

Fonte: IBGE/Pnad

TABELA 12

### População feminina de 15 a 17 anos por frequência à escola e etapa, segundo idade e regiões (2011)



| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL FEMININA | NÃO FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA CONCLUÍDA |                         |               |                           |                         |                             |                       |
|--------------|-------|--------------------------|--|-------------------------|---------------|---------------------------|-------------------------|-----------------------------|-----------------------|
|              |       |                          | TOTAL                                    | NUNCA FREQUENTOU ESCOLA | ANALFABETOS   | ENSINO FUNDAMENTAL        |                         |                             | ENSINO MÉDIO COMPLETO |
|              |       |                          |  |                         |               | ANOS INICIAIS INCOMPLETOS | ANOS INICIAIS COMPLETOS | ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO |                       |
| BRASIL       | 15    | 1.771.871                | 138.099                                  | 5.360                   | 11.139        | 10.943                    | 16.883                  | 82.164                      | 11.610                |
|              | 16    | 1.790.322                | 239.005                                  | 7.313                   | 22.312        | 9.950                     | 12.689                  | 133.779                     | 52.962                |
|              | 17    | 1.615.695                | 431.024                                  | 8.685                   | 23.400        | 12.753                    | 15.808                  | 181.742                     | 188.636               |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>5.177.888</b>         | <b>808.128</b>                           | <b>21.358</b>           | <b>56.851</b> | <b>33.646</b>             | <b>45.380</b>           | <b>397.685</b>              | <b>253.208</b>        |
| NORTE        | 15    | 191.053                  | 17.544                                   | 508                     | 2.583         | 2.082                     | 3.538                   | 8.411                       | 422                   |
|              | 16    | 177.861                  | 25.918                                   | 1.189                   | 3.151         | 2.401                     | 1.582                   | 14.898                      | 2.697                 |
|              | 17    | 169.805                  | 44.683                                   | 976                     | 2.482         | 2.697                     | 4.337                   | 20.566                      | 13.625                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>538.719</b>           | <b>88.145</b>                            | <b>2.673</b>            | <b>8.216</b>  | <b>7.180</b>              | <b>9.457</b>            | <b>43.875</b>               | <b>16.744</b>         |
| NORDESTE     | 15    | 571.889                  | 49.536                                   | 961                     | 4.504         | 7.109                     | 7.152                   | 26.469                      | 3.341                 |
|              | 16    | 542.789                  | 89.035                                   | 2.686                   | 10.608        | 5.112                     | 7.720                   | 47.943                      | 14.966                |
|              | 17    | 488.940                  | 128.967                                  | 2.032                   | 11.136        | 8.669                     | 6.126                   | 56.291                      | 44.713                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.603.618</b>         | <b>267.538</b>                           | <b>5.679</b>            | <b>26.248</b> | <b>20.890</b>             | <b>20.998</b>           | <b>130.703</b>              | <b>63.020</b>         |
| SUDESTE      | 15    | 640.539                  | 41.282                                   | 3.271                   | 2.482         | 678                       | 5.037                   | 25.255                      | 4.559                 |
|              | 16    | 688.903                  | 70.205                                   | 2.095                   | 3.509         | 2.437                     | 3.160                   | 37.836                      | 21.168                |
|              | 17    | 615.653                  | 164.671                                  | 3.651                   | 8.250         | 754                       | 3.112                   | 62.113                      | 86.791                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.945.095</b>         | <b>276.158</b>                           | <b>9.017</b>            | <b>14.241</b> | <b>3.869</b>              | <b>11.309</b>           | <b>125.204</b>              | <b>112.518</b>        |
| SUL          | 15    | 247.067                  | 20.815                                   | 226                     | 453           | 647                       | 1.156                   | 15.779                      | 2.554                 |
|              | 16    | 247.591                  | 37.843                                   | 1.343                   | 3.009         | -                         | 227                     | 24.397                      | 8.867                 |
|              | 17    | 225.869                  | 68.218                                   | 1.610                   | 1.116         | 633                       | 1.926                   | 31.197                      | 31.736                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>720.527</b>           | <b>126.876</b>                           | <b>3.179</b>            | <b>4.578</b>  | <b>1.280</b>              | <b>3.309</b>            | <b>71.373</b>               | <b>43.157</b>         |
| CENTRO-OESTE | 15    | 121.323                  | 8.922                                    | 394                     | 1.117         | 427                       | -                       | 6.250                       | 734                   |
|              | 16    | 133.178                  | 16.004                                   | -                       | 2.035         | -                         | -                       | 8.705                       | 5.264                 |
|              | 17    | 115.428                  | 24.485                                   | 416                     | 416           | -                         | 307                     | 11.575                      | 11.771                |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>369.929</b>           | <b>49.411</b>                            | <b>810</b>              | <b>3.568</b>  | <b>427</b>                | <b>307</b>              | <b>26.530</b>               | <b>17.769</b>         |

Fonte: IBGE/Pnad

TABELA 13

### População de 15 a 17 anos por frequência à escola e etapa, segundo idade e regiões (2011)

| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL   | FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA |                          |                    |                |                  |                  |
|--------------|-------|-------------------|----------------------------|--------------------------|--------------------|----------------|------------------|------------------|
|              |       |                   | TOTAL*                     | ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS | ENSINO FUNDAMENTAL |                |                  | ENSINO MÉDIO     |
|              |       |                   |                            |                          | TOTAL              | ANOS INICIAIS  | ANOS FINAIS      |                  |
| BRASIL       | 15    | 3.573.982         | 3.286.381                  | 10.060                   | 1.661.210          | 171.750        | 1.489.460        | 1.578.501        |
|              | 16    | 3.600.306         | 3.086.938                  | 3.919                    | 957.982            | 105.011        | 852.971          | 2.067.845        |
|              | 17    | 3.405.772         | 2.484.566                  | 3.547                    | 495.658            | 50.884         | 444.774          | 1.813.499        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>10.580.060</b> | <b>8.857.885</b>           | <b>17.526</b>            | <b>3.114.850</b>   | <b>327.645</b> | <b>2.787.205</b> | <b>5.459.845</b> |
| NORTE        | 15    | 370.012           | 335.262                    | 321                      | 211.593            | 31.152         | 180.441          | 115.707          |
|              | 16    | 361.778           | 306.764                    | -                        | 128.534            | 16.947         | 111.587          | 167.588          |
|              | 17    | 357.232           | 264.269                    | 243                      | 75.742             | 10.926         | 64.816           | 165.272          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.089.022</b>  | <b>906.295</b>             | <b>564</b>               | <b>415.869</b>     | <b>59.025</b>  | <b>356.844</b>   | <b>448.567</b>   |
| NORDESTE     | 15    | 1.115.342         | 1.020.697                  | 5.120                    | 628.347            | 81.300         | 547.047          | 376.248          |
|              | 16    | 1.134.693         | 949.730                    | 1.711                    | 400.272            | 53.928         | 346.344          | 528.599          |
|              | 17    | 1.036.367         | 759.609                    | 1.763                    | 224.338            | 25.518         | 198.820          | 494.145          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>3.286.402</b>  | <b>2.730.036</b>           | <b>8.594</b>             | <b>1.252.957</b>   | <b>160.746</b> | <b>1.092.211</b> | <b>1.398.992</b> |
| SUDESTE      | 15    | 1.341.814         | 1.247.591                  | 3.745                    | 520.786            | 42.250         | 478.536          | 711.060          |
|              | 16    | 1.342.673         | 1.182.064                  | 1.554                    | 274.527            | 29.682         | 244.845          | 889.444          |
|              | 17    | 1.299.167         | 943.773                    | -                        | 112.477            | 10.751         | 101.726          | 775.129          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>3.983.654</b>  | <b>3.373.428</b>           | <b>5.299</b>             | <b>907.790</b>     | <b>82.683</b>  | <b>825.107</b>   | <b>2.375.633</b> |
| SUL          | 15    | 491.893           | 449.051                    | 874                      | 189.142            | 9.808          | 179.334          | 253.662          |
|              | 16    | 499.751           | 421.102                    | 227                      | 101.737            | 1.804          | 99.933           | 309.830          |
|              | 17    | 472.316           | 333.267                    | 1.115                    | 51.596             | 1.313          | 50.283           | 243.422          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.463.960</b>  | <b>1.203.420</b>           | <b>2.216</b>             | <b>342.475</b>     | <b>12.925</b>  | <b>329.550</b>   | <b>806.914</b>   |
| CENTRO-OESTE | 15    | 254.921           | 233.780                    | -                        | 111.342            | 7.240          | 104.102          | 121.824          |
|              | 16    | 261.411           | 227.278                    | 427                      | 52.912             | 2.650          | 50.262           | 172.384          |
|              | 17    | 240.690           | 183.648                    | 426                      | 31.505             | 2.376          | 29.129           | 135.531          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>757.022</b>    | <b>644.706</b>             | <b>853</b>               | <b>195.759</b>     | <b>12.266</b>  | <b>183.493</b>   | <b>429.739</b>   |

Fonte: IBGE/Pnad. \*O total representa a soma de todas as etapas de ensino: alfabetização de adultos, ensino fundamental, ensino médio, EJA fundamental, EJA médio, pré-vestibular e ensino superior

TABELA 14

### População masculina de 15 a 17 anos por frequência à escola e etapa, segundo idade e regiões (2011)



| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL  | FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA |                          |                    |                |                  | ENSINO MÉDIO     |
|--------------|-------|------------------|----------------------------|--------------------------|--------------------|----------------|------------------|------------------|
|              |       |                  | TOTAL*                     | ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS | ENSINO FUNDAMENTAL |                |                  |                  |
|              |       |                  |                            |                          | TOTAL              | ANOS INICIAIS  | ANOS FINAIS      |                  |
| BRASIL       | 15    | 1.802.111        | 1.652.609                  | 6.080                    | 949.889            | 112.671        | 837.218          | 673.132          |
|              | 16    | 1.809.984        | 1.535.621                  | 3.492                    | 572.885            | 69.231         | 503.654          | 917.316          |
|              | 17    | 1.790.077        | 1.299.895                  | 2.894                    | 312.576            | 34.273         | 278.303          | 887.780          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>5.402.172</b> | <b>4.488.125</b>           | <b>12.466</b>            | <b>1.835.350</b>   | <b>216.175</b> | <b>1.619.175</b> | <b>2.478.228</b> |
| NORTE        | 15    | 178.959          | 161.753                    | -                        | 114.391            | 19.139         | 95.252           | 41.453           |
|              | 16    | 183.917          | 154.821                    | -                        | 75.135             | 11.290         | 63.845           | 72.502           |
|              | 17    | 187.427          | 139.147                    | 243                      | 48.678             | 6.976          | 41.702           | 76.677           |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>550.303</b>   | <b>455.721</b>             | <b>243</b>               | <b>238.204</b>     | <b>37.405</b>  | <b>200.799</b>   | <b>190.632</b>   |
| NORDESTE     | 15    | 543.453          | 498.344                    | 3.043                    | 347.051            | 58.426         | 288.625          | 141.667          |
|              | 16    | 591.904          | 495.976                    | 1.711                    | 248.031            | 42.968         | 205.063          | 230.470          |
|              | 17    | 547.427          | 399.636                    | 1.763                    | 141.055            | 18.470         | 122.585          | 235.026          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.682.784</b> | <b>1.393.956</b>           | <b>6.517</b>             | <b>736.137</b>     | <b>119.864</b> | <b>616.273</b>   | <b>607.163</b>   |
| SUDESTE      | 15    | 701.275          | 648.334                    | 2.390                    | 303.896            | 23.351         | 280.545          | 335.635          |
|              | 16    | 653.770          | 563.366                    | 1.554                    | 156.506            | 12.698         | 143.808          | 393.137          |
|              | 17    | 683.514          | 492.791                    | -                        | 69.376             | 6.207          | 63.169           | 391.879          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>2.038.559</b> | <b>1.704.491</b>           | <b>3.944</b>             | <b>529.778</b>     | <b>42.256</b>  | <b>487.522</b>   | <b>1.120.651</b> |
| SUL          | 15    | 244.826          | 222.799                    | 647                      | 116.027            | 7.110          | 108.917          | 102.136          |
|              | 16    | 252.160          | 211.354                    | 227                      | 62.875             | 1.157          | 61.718           | 142.602          |
|              | 17    | 246.447          | 175.616                    | 888                      | 32.418             | 1.087          | 31.331           | 120.613          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>743.433</b>   | <b>609.769</b>             | <b>1.762</b>             | <b>211.320</b>     | <b>9.354</b>   | <b>201.966</b>   | <b>365.351</b>   |
| CENTRO-OESTE | 15    | 133.598          | 121.379                    | -                        | 68.524             | 4.645          | 63.879           | 52.241           |
|              | 16    | 128.233          | 110.104                    | -                        | 30.338             | 1.118          | 29.220           | 78.605           |
|              | 17    | 125.262          | 92.705                     | -                        | 21.049             | 1.533          | 19.516           | 63.585           |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>387.093</b>   | <b>324.188</b>             | <b>-</b>                 | <b>119.911</b>     | <b>7.296</b>   | <b>112.615</b>   | <b>194.431</b>   |

Fonte: IBGE/Pnad. \*O total representa a soma de todas as etapas de ensino: alfabetização de adultos, ensino fundamental, ensino médio, EJA fundamental, EJA médio, pré-vestibular e ensino superior

fundamental. Outros 124.641 completaram essa etapa, mas não foram além. Os que completaram o ensino fundamental somam 857.179 – o maior contingente de adolescentes que hoje não estudam, mas já frequentaram a escola (*ver tabela 10*). Esses dados permitem inferir que a conclusão do ensino fundamental é um momento crítico para a questão do abandono escolar. Muitos adolescentes não conseguem prosseguir nos estudos no ensino médio, como deveriam.

O segundo maior contingente de adolescentes de 15 a 17 anos que hoje não estudam, mas já frequentaram a escola, é formado por aqueles que completaram o ensino médio: 448.514 pessoas. Considerando que essa é a etapa da educação básica adequada para a faixa etária, o número de adolescentes com ensino médio concluído deveria ser muito maior. Em relação ao total da população de 17 anos – idade em que os adolescentes deveriam idealmente ter terminado o ensino médio –, esse número corresponde a apenas 13,2%.

## ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS RETIDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Do total de adolescentes de 15 a 17 anos que frequentam a escola (8.857.885) – e que deveriam estar cursando o ensino médio, etapa da educação básica adequada à faixa etária –, 3.114.850 (35,2%) ainda se encontram no ensino fundamental. A grande maioria (2.787.205) está nos anos finais desse nível de ensino, mas há 327.645 ainda nos anos iniciais, segundo os dados da Pnad 2011 (*ver tabela 13*).

**Dos adolescentes de 15 a 17 anos que frequentavam a escola, 5.459.845 estavam cursando o ensino médio – a etapa da educação básica recomendada para a faixa etária. Esse número corresponde a 61,6% do total**

A região com maior número de adolescentes de 15 a 17 anos no ensino fundamental é a Nordeste (1.252.957). Essa situação se repete em todas as faixas de idade e nas duas etapas desse nível de ensino (anos iniciais e anos finais).

Os homens são a maioria do total de adolescentes de 15 a 17 anos que frequentam o ensino fundamental: 1.835.350, ante 1.279.500 mulheres. Essa situação permanece tanto entre aqueles que estão matriculados nos anos iniciais quanto nos anos finais, e em todas as faixas de idade (*ver tabelas 14 e 15*).

No que diz respeito à raça/etnia, a maioria dos adolescentes de 15 a 17 anos que frequentam o ensino fundamental é negra (66%). Do total em números absolutos, 2.056.654 são negros, 1.022.653 brancos e 35.543 amarelos e indígenas. Essa situação se repete em todas as faixas de idade e nas duas etapas desse nível de educação (*ver tabelas 16, 17 e 18*).

TABELA 15

### População feminina de 15 a 17 anos por frequência à escola e etapa, segundo idade e regiões (2011)



| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL  | FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA |                          |                    |                |                  |                  |
|--------------|-------|------------------|----------------------------|--------------------------|--------------------|----------------|------------------|------------------|
|              |       |                  | TOTAL*                     | ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS | ENSINO FUNDAMENTAL |                |                  | ENSINO MÉDIO     |
|              |       |                  |                            |                          | TOTAL              | ANOS INICIAIS  | ANOS FINAIS      |                  |
| BRASIL       | 15    | 1.771.871        | 1.633.772                  | 3.980                    | 711.321            | 59.079         | 652.242          | 905.369          |
|              | 16    | 1.790.322        | 1.551.317                  | 427                      | 385.097            | 35.780         | 349.317          | 1.150.529        |
|              | 17    | 1.615.695        | 1.184.671                  | 653                      | 183.082            | 16.611         | 166.471          | 925.719          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>5.177.888</b> | <b>4.369.760</b>           | <b>5.060</b>             | <b>1.279.500</b>   | <b>111.470</b> | <b>1.168.030</b> | <b>2.981.617</b> |
| NORTE        | 15    | 191.053          | 173.509                    | 321                      | 97.202             | 12.013         | 85.189           | 74.254           |
|              | 16    | 177.861          | 151.943                    | -                        | 53.399             | 5.657          | 47.742           | 95.086           |
|              | 17    | 169.805          | 125.122                    | -                        | 27.064             | 3.950          | 23.114           | 88.595           |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>538.719</b>   | <b>450.574</b>             | <b>321</b>               | <b>177.665</b>     | <b>21.620</b>  | <b>156.045</b>   | <b>257.935</b>   |
| NORDESTE     | 15    | 571.889          | 522.353                    | 2.077                    | 281.296            | 22.874         | 258.422          | 234.581          |
|              | 16    | 542.789          | 453.754                    | -                        | 152.241            | 10.960         | 141.281          | 298.129          |
|              | 17    | 488.940          | 359.973                    | -                        | 83.283             | 7.048          | 76.235           | 259.119          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.603.618</b> | <b>1.336.080</b>           | <b>2.077</b>             | <b>516.820</b>     | <b>40.882</b>  | <b>475.938</b>   | <b>791.829</b>   |
| SUDESTE      | 15    | 640.539          | 599.257                    | 1.355                    | 216.890            | 18.899         | 197.991          | 375.425          |
|              | 16    | 688.903          | 618.698                    | -                        | 118.021            | 16.984         | 101.037          | 496.307          |
|              | 17    | 615.653          | 450.982                    | -                        | 43.101             | 4.544          | 38.557           | 383.250          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.945.095</b> | <b>1.668.937</b>           | <b>1.355</b>             | <b>378.012</b>     | <b>40.427</b>  | <b>337.585</b>   | <b>1.254.982</b> |
| SUL          | 15    | 247.067          | 226.252                    | 227                      | 73.115             | 2.698          | 70.417           | 151.526          |
|              | 16    | 247.591          | 209.748                    | -                        | 38.862             | 647            | 38.215           | 167.228          |
|              | 17    | 225.869          | 157.651                    | 227                      | 19.178             | 226            | 18.952           | 122.809          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>720.527</b>   | <b>593.651</b>             | <b>454</b>               | <b>131.155</b>     | <b>3.571</b>   | <b>127.584</b>   | <b>441.563</b>   |
| CENTRO-OESTE | 15    | 121.323          | 112.401                    | -                        | 42.818             | 2.595          | 40.223           | 69.583           |
|              | 16    | 133.178          | 117.174                    | 427                      | 22.574             | 1.532          | 21.042           | 93.779           |
|              | 17    | 115.428          | 90.943                     | 426                      | 10.456             | 843            | 9.613            | 71.946           |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>369.929</b>   | <b>320.518</b>             | <b>853</b>               | <b>75.848</b>      | <b>4.970</b>   | <b>70.878</b>    | <b>235.308</b>   |

Fonte: IBGE/Pnad. \*O total representa a soma de todas as etapas de ensino: alfabetização de adultos, ensino fundamental, ensino médio, EJA fundamental, EJA médio, pré-vestibular e ensino superior

TABELA 16

**População de 15 a 17 anos de raça/etnia branca por frequência à escola e etapa, segundo idade e regiões (2011)**


| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL  | FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA |                          |                    |               |                |                  |
|--------------|-------|------------------|----------------------------|--------------------------|--------------------|---------------|----------------|------------------|
|              |       |                  | TOTAL*                     | ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS | ENSINO FUNDAMENTAL |               |                | ENSINO MÉDIO     |
|              |       |                  |                            |                          | TOTAL              | ANOS INICIAIS | ANOS FINAIS    |                  |
| BRASIL       | 15    | 1.483.619        | 1.389.897                  | 2.570                    | 559.592            | 41.096        | 518.496        | 815.748          |
|              | 16    | 1.565.385        | 1.368.442                  | 2.970                    | 302.759            | 30.312        | 272.447        | 1.038.421        |
|              | 17    | 1.493.033        | 1.118.563                  | 1.314                    | 160.302            | 14.474        | 145.828        | 871.379          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>4.542.037</b> | <b>3.876.902</b>           | <b>6.854</b>             | <b>1.022.653</b>   | <b>85.882</b> | <b>936.771</b> | <b>2.725.548</b> |
| NORTE        | 15    | 85.493           | 79.059                     | 321                      | 43.704             | 8.001         | 35.703         | 34.204           |
|              | 16    | 82.117           | 69.959                     | -                        | 22.547             | 4.273         | 18.274         | 45.457           |
|              | 17    | 78.146           | 59.364                     | -                        | 14.225             | 2.625         | 11.600         | 38.005           |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>245.756</b>   | <b>208.382</b>             | <b>321</b>               | <b>80.476</b>      | <b>14.899</b> | <b>65.577</b>  | <b>117.666</b>   |
| NORDESTE     | 15    | 289.013          | 270.412                    | 621                      | 146.356            | 13.638        | 132.718        | 119.322          |
|              | 16    | 308.668          | 260.745                    | 989                      | 91.407             | 11.617        | 79.790         | 162.361          |
|              | 17    | 277.851          | 209.658                    | -                        | 51.145             | 6.389         | 44.756         | 146.241          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>875.532</b>   | <b>740.815</b>             | <b>1.610</b>             | <b>288.908</b>     | <b>31.644</b> | <b>257.264</b> | <b>427.924</b>   |
| SUDESTE      | 15    | 654.259          | 617.510                    | 754                      | 208.926            | 13.272        | 195.654        | 404.268          |
|              | 16    | 688.750          | 614.303                    | 1.554                    | 103.193            | 12.072        | 91.121         | 501.762          |
|              | 17    | 684.208          | 513.131                    | -                        | 42.267             | 3.315         | 38.952         | 439.201          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>2.027.217</b> | <b>1.744.944</b>           | <b>2.308</b>             | <b>354.386</b>     | <b>28.659</b> | <b>325.727</b> | <b>1.345.231</b> |
| SUL          | 15    | 357.801          | 332.289                    | 874                      | 125.437            | 5.451         | 119.986        | 202.803          |
|              | 16    | 378.642          | 328.752                    | -                        | 69.210             | 510           | 68.700         | 252.148          |
|              | 17    | 360.305          | 262.983                    | 888                      | 38.673             | 1.313         | 37.360         | 194.631          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.096.748</b> | <b>924.024</b>             | <b>1.762</b>             | <b>233.320</b>     | <b>7.274</b>  | <b>226.046</b> | <b>649.582</b>   |
| CENTRO-OESTE | 15    | 97.053           | 90.627                     | -                        | 35.169             | 734           | 34.435         | 55.151           |
|              | 16    | 107.208          | 94.683                     | 427                      | 16.402             | 1.840         | 14.562         | 76.693           |
|              | 17    | 92.523           | 73.427                     | 426                      | 13.992             | 832           | 13.160         | 53.301           |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>296.784</b>   | <b>258.737</b>             | <b>853</b>               | <b>65.563</b>      | <b>3.406</b>  | <b>62.157</b>  | <b>185.145</b>   |

Fonte: IBGE/Pnad. \*O total representa a soma de todas as etapas de ensino: alfabetização de adultos, ensino fundamental, ensino médio, EJA fundamental, EJA médio, pré-vestibular e ensino superior

TABELA 17

**População de 15 a 17 anos de raça/etnia negra (pretos e pardos)  
por frequência à escola e etapa, segundo idade e regiões (2011)**


| REGIÃO              | IDADE | POPULAÇÃO<br>TOTAL | FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA |                             |                    |                |                  |                  |
|---------------------|-------|--------------------|----------------------------|-----------------------------|--------------------|----------------|------------------|------------------|
|                     |       |                    | TOTAL*                     | ALFABETIZAÇÃO<br>DE ADULTOS | ENSINO FUNDAMENTAL |                |                  | ENSINO MÉDIO     |
|                     |       |                    |                            |                             | TOTAL              | ANOS INICIAIS  | ANOS FINAIS      |                  |
| <b>BRASIL</b>       | 15    | 2.061.309          | 1.870.759                  | 7.490                       | 1.089.368          | 127.024        | 962.344          | 749.278          |
|                     | 16    | 2.001.559          | 1.689.116                  | 949                         | 641.663            | 72.997         | 568.666          | 1.013.604        |
|                     | 17    | 1.883.132          | 1.343.372                  | 2.233                       | 325.623            | 35.390         | 290.233          | 929.543          |
| <b>TOTAL</b>        |       | <b>5.946.000</b>   | <b>4.903.247</b>           | <b>10.672</b>               | <b>2.056.654</b>   | <b>235.411</b> | <b>1.821.243</b> | <b>2.692.425</b> |
| <b>NORTE</b>        | 15    | 277.714            | 250.508                    | -                           | 163.510            | 21.546         | 141.964          | 80.187           |
|                     | 16    | 272.109            | 230.405                    | -                           | 102.230            | 11.711         | 90.519           | 119.488          |
|                     | 17    | 270.879            | 199.140                    | 243                         | 58.227             | 7.281          | 50.946           | 125.113          |
| <b>TOTAL</b>        |       | <b>820.702</b>     | <b>680.053</b>             | <b>243</b>                  | <b>323.967</b>     | <b>40.538</b>  | <b>283.429</b>   | <b>324.788</b>   |
| <b>NORDESTE</b>     | 15    | 819.392            | 745.340                    | 4.499                       | 478.297            | 65.944         | 412.353          | 255.675          |
|                     | 16    | 815.283            | 679.598                    | 722                         | 303.579            | 41.572         | 262.007          | 362.137          |
|                     | 17    | 749.115            | 541.972                    | 1.763                       | 168.300            | 19.129         | 149.171          | 344.818          |
| <b>TOTAL</b>        |       | <b>2.383.790</b>   | <b>1.966.910</b>           | <b>6.984</b>                | <b>950.176</b>     | <b>126.645</b> | <b>823.531</b>   | <b>962.630</b>   |
| <b>SUDESTE</b>      | 15    | 676.978            | 619.504                    | 2.991                       | 309.053            | 28.978         | 280.075          | 299.022          |
|                     | 16    | 643.979            | 558.322                    | -                           | 168.374            | 17.610         | 150.764          | 381.203          |
|                     | 17    | 607.558            | 425.292                    | -                           | 69.054             | 7.436          | 61.618           | 331.734          |
| <b>TOTAL</b>        |       | <b>1.928.515</b>   | <b>1.603.118</b>           | <b>2.991</b>                | <b>546.481</b>     | <b>54.024</b>  | <b>492.457</b>   | <b>1.011.959</b> |
| <b>SUL</b>          | 15    | 130.890            | 113.787                    | -                           | 63.058             | 4.357          | 58.701           | 48.531           |
|                     | 16    | 118.658            | 90.561                     | 227                         | 31.385             | 1.294          | 30.091           | 57.035           |
|                     | 17    | 109.450            | 68.357                     | 227                         | 12.923             | -              | 12.923           | 46.864           |
| <b>TOTAL</b>        |       | <b>358.998</b>     | <b>272.705</b>             | <b>454</b>                  | <b>107.366</b>     | <b>5.651</b>   | <b>101.715</b>   | <b>152.430</b>   |
| <b>CENTRO-OESTE</b> | 15    | 156.335            | 141.620                    | -                           | 75.450             | 6.199          | 69.251           | 65.863           |
|                     | 16    | 151.530            | 130.230                    | -                           | 36.095             | 810            | 35.285           | 93.741           |
|                     | 17    | 146.130            | 108.611                    | -                           | 17.119             | 1.544          | 15.575           | 81.014           |
| <b>TOTAL</b>        |       | <b>453.995</b>     | <b>380.461</b>             | <b>-</b>                    | <b>128.664</b>     | <b>8.553</b>   | <b>120.111</b>   | <b>240.618</b>   |

Fonte: IBGE/Pnad. \*O total representa a soma de todas as etapas de ensino: alfabetização de adultos, ensino fundamental, ensino médio, EJA fundamental, EJA médio, pré-vestibular e ensino superior

TABELA 18

**População de 15 a 17 anos de raça/etnia amarela e indígena por frequência à escola e etapa, segundo idade e regiões (2011)**


| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL | FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA |                          |                    |               |               |               |
|--------------|-------|-----------------|----------------------------|--------------------------|--------------------|---------------|---------------|---------------|
|              |       |                 | TOTAL*                     | ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS | ENSINO FUNDAMENTAL |               |               | ENSINO MÉDIO  |
|              |       |                 |                            |                          | TOTAL              | ANOS INICIAIS | ANOS FINAIS   |               |
| BRASIL       | 15    | 29.054          | 25.725                     | -                        | 12.250             | 3.630         | 8.620         | 13.475        |
|              | 16    | 33.362          | 29.380                     | -                        | 13.560             | 1.702         | 11.858        | 15.820        |
|              | 17    | 29.607          | 22.631                     | -                        | 9.733              | 1.020         | 8.713         | 12.577        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>92.023</b>   | <b>77.736</b>              | <b>-</b>                 | <b>35.543</b>      | <b>6.352</b>  | <b>29.191</b> | <b>41.872</b> |
| NORTE        | 15    | 6.805           | 5.695                      | -                        | 4.379              | 1.605         | 2.774         | 1.316         |
|              | 16    | 7.552           | 6.400                      | -                        | 3.757              | 963           | 2.794         | 2.643         |
|              | 17    | 8.207           | 5.765                      | -                        | 3.290              | 1.020         | 2.270         | 2.154         |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>22.564</b>   | <b>17.860</b>              | <b>-</b>                 | <b>11.426</b>      | <b>3.588</b>  | <b>7.838</b>  | <b>6.113</b>  |
| NORDESTE     | 15    | 6.937           | 4.945                      | -                        | 3.694              | 1.718         | 1.976         | 1.251         |
|              | 16    | 10.742          | 9.387                      | -                        | 5.286              | 739           | 4.547         | 4.101         |
|              | 17    | 9.401           | 7.979                      | -                        | 4.893              | -             | 4.893         | 3.086         |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>27.080</b>   | <b>22.311</b>              | <b>-</b>                 | <b>13.873</b>      | <b>2.457</b>  | <b>11.416</b> | <b>8.438</b>  |
| SUDESTE      | 15    | 10.577          | 10.577                     | -                        | 2.807              | -             | 2.807         | 7.770         |
|              | 16    | 9.944           | 9.439                      | -                        | 2.960              | -             | 2.960         | 6.479         |
|              | 17    | 7.401           | 5.350                      | -                        | 1.156              | -             | 1.156         | 4.194         |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>27.922</b>   | <b>25.366</b>              | <b>-</b>                 | <b>6.923</b>       | <b>-</b>      | <b>6.923</b>  | <b>18.443</b> |
| SUL          | 15    | 3.202           | 2.975                      | -                        | 647                | -             | 647           | 2.328         |
|              | 16    | 2.451           | 1.789                      | -                        | 1.142              | -             | 1.142         | 647           |
|              | 17    | 2.561           | 1.927                      | -                        | -                  | -             | -             | 1.927         |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>8.214</b>    | <b>6.691</b>               | <b>-</b>                 | <b>1.789</b>       | <b>-</b>      | <b>1.789</b>  | <b>4.902</b>  |
| CENTRO-OESTE | 15    | 1.533           | 1.533                      | -                        | 723                | 307           | 416           | 810           |
|              | 16    | 2.673           | 2.365                      | -                        | 415                | -             | 415           | 1.950         |
|              | 17    | 2.037           | 1.610                      | -                        | 394                | -             | 394           | 1.216         |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>6.243</b>    | <b>5.508</b>               | <b>-</b>                 | <b>1.532</b>       | <b>307</b>    | <b>1.225</b>  | <b>3.976</b>  |

Fonte: IBGE/Pnad. \*O total representa a soma de todas as etapas de ensino: alfabetização de adultos, ensino fundamental, ensino médio, EJA fundamental, EJA médio, pré-vestibular e ensino superior

TABELA 19

**População de 15 a 17 anos residente na área urbana, por frequência à escola e etapa, segundo idade e regiões (2011)**


| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL  | FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA |                          |                    |                |                  |                  |
|--------------|-------|------------------|----------------------------|--------------------------|--------------------|----------------|------------------|------------------|
|              |       |                  | TOTAL*                     | ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS | ENSINO FUNDAMENTAL |                |                  | ENSINO MÉDIO     |
|              |       |                  |                            |                          | TOTAL              | ANOS INICIAIS  | ANOS FINAIS      |                  |
| BRASIL       | 15    | 2.924.344        | 2.699.910                  | 8.606                    | 1.271.222          | 105.743        | 1.165.479        | 1.391.200        |
|              | 16    | 2.930.461        | 2.542.270                  | 3.919                    | 707.491            | 66.814         | 640.677          | 1.784.520        |
|              | 17    | 2.818.683        | 2.079.393                  | 2.728                    | 348.916            | 26.520         | 322.396          | 1.575.940        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>8.673.488</b> | <b>7.321.573</b>           | <b>15.253</b>            | <b>2.327.629</b>   | <b>199.077</b> | <b>2.128.552</b> | <b>4.751.660</b> |
| NORTE        | 15    | 266.393          | 243.826                    | 321                      | 140.032            | 14.355         | 125.677          | 97.461           |
|              | 16    | 267.105          | 231.597                    | -                        | 87.779             | 9.933          | 77.846           | 135.758          |
|              | 17    | 258.214          | 194.028                    | -                        | 47.526             | 3.950          | 43.576           | 130.368          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>791.712</b>   | <b>669.451</b>             | <b>321</b>               | <b>275.337</b>     | <b>28.238</b>  | <b>247.099</b>   | <b>363.587</b>   |
| NORDESTE     | 15    | 770.501          | 706.260                    | 3.666                    | 395.034            | 42.008         | 353.026          | 299.165          |
|              | 16    | 774.869          | 662.955                    | 1.711                    | 243.133            | 26.086         | 217.047          | 403.226          |
|              | 17    | 747.231          | 554.584                    | 1.187                    | 131.773            | 10.055         | 121.718          | 387.631          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>2.292.601</b> | <b>1.923.799</b>           | <b>6.564</b>             | <b>769.940</b>     | <b>78.149</b>  | <b>691.791</b>   | <b>1.090.022</b> |
| SUDESTE      | 15    | 1.238.239        | 1.155.085                  | 3.745                    | 474.497            | 34.449         | 440.048          | 667.693          |
|              | 16    | 1.233.896        | 1.092.227                  | 1.554                    | 246.704            | 27.172         | 219.532          | 828.184          |
|              | 17    | 1.207.121        | 884.140                    | -                        | 101.678            | 9.242          | 92.436           | 729.561          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>3.679.256</b> | <b>3.131.452</b>           | <b>5.299</b>             | <b>822.879</b>     | <b>70.863</b>  | <b>752.016</b>   | <b>2.225.438</b> |
| SUL          | 15    | 423.338          | 385.902                    | 874                      | 161.514            | 8.425          | 153.089          | 218.803          |
|              | 16    | 417.651          | 349.903                    | 227                      | 85.552             | 1.804          | 83.748           | 258.069          |
|              | 17    | 387.380          | 279.978                    | 1.115                    | 39.761             | 1.313          | 38.448           | 205.248          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.228.369</b> | <b>1.015.783</b>           | <b>2.216</b>             | <b>286.827</b>     | <b>11.542</b>  | <b>275.285</b>   | <b>682.120</b>   |
| CENTRO-OESTE | 15    | 225.873          | 208.837                    | -                        | 100.145            | 6.506          | 93.639           | 108.078          |
|              | 16    | 236.940          | 205.588                    | 427                      | 44.323             | 1.819          | 42.504           | 159.283          |
|              | 17    | 218.737          | 166.663                    | 426                      | 28.178             | 1.960          | 26.218           | 123.132          |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>681.550</b>   | <b>581.088</b>             | <b>853</b>               | <b>172.646</b>     | <b>10.285</b>  | <b>162.361</b>   | <b>390.493</b>   |

Fonte: IBGE/Pnad. \*O total representa a soma de todas as etapas de ensino: alfabetização de adultos, ensino fundamental, ensino médio, EJA fundamental, EJA médio, pré-vestibular e ensino superior

TABELA 20

**População de 15 a 17 anos residente na área rural, por frequência à escola e etapa, segundo idade e regiões (2011)**


| REGIÃO       | IDADE | POPULAÇÃO TOTAL  | FREQUENTA ESCOLA POR ETAPA |                          |                    |                |                |                |
|--------------|-------|------------------|----------------------------|--------------------------|--------------------|----------------|----------------|----------------|
|              |       |                  | TOTAL*                     | ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS | ENSINO FUNDAMENTAL |                |                | ENSINO MÉDIO   |
|              |       |                  |                            |                          | TOTAL              | ANOS INICIAIS  | ANOS FINAIS    |                |
| BRASIL       | 15    | 649.638          | 586.471                    | 1.454                    | 389.988            | 66.007         | 323.981        | 187.301        |
|              | 16    | 669.845          | 544.668                    | -                        | 250.491            | 38.197         | 212.294        | 283.325        |
|              | 17    | 587.089          | 405.173                    | 819                      | 146.742            | 24.364         | 122.378        | 237.559        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>1.906.572</b> | <b>1.536.312</b>           | <b>2.273</b>             | <b>787.221</b>     | <b>128.568</b> | <b>658.653</b> | <b>708.185</b> |
| NORTE        | 15    | 103.619          | 91.436                     | -                        | 71.561             | 16.797         | 54.764         | 18.246         |
|              | 16    | 94.673           | 75.167                     | -                        | 40.755             | 7.014          | 33.741         | 31.830         |
|              | 17    | 99.018           | 70.241                     | 243                      | 28.216             | 6.976          | 21.240         | 34.904         |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>297.310</b>   | <b>236.844</b>             | <b>243</b>               | <b>140.532</b>     | <b>30.787</b>  | <b>109.745</b> | <b>84.980</b>  |
| NORDESTE     | 15    | 344.841          | 314.437                    | 1.454                    | 233.313            | 39.292         | 194.021        | 77.083         |
|              | 16    | 359.824          | 286.775                    | -                        | 157.139            | 27.842         | 129.297        | 125.373        |
|              | 17    | 289.136          | 205.025                    | 576                      | 92.565             | 15.463         | 77.102         | 106.514        |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>993.801</b>   | <b>806.237</b>             | <b>2.030</b>             | <b>483.017</b>     | <b>82.597</b>  | <b>400.420</b> | <b>308.970</b> |
| SUDESTE      | 15    | 103.575          | 92.506                     | -                        | 46.289             | 7.801          | 38.488         | 43.367         |
|              | 16    | 108.777          | 89.837                     | -                        | 27.823             | 2.510          | 25.313         | 61.260         |
|              | 17    | 92.046           | 59.633                     | -                        | 10.799             | 1.509          | 9.290          | 45.568         |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>304.398</b>   | <b>241.976</b>             | <b>-</b>                 | <b>84.911</b>      | <b>11.820</b>  | <b>73.091</b>  | <b>150.195</b> |
| SUL          | 15    | 68.555           | 63.149                     | -                        | 27.628             | 1.383          | 26.245         | 34.859         |
|              | 16    | 82.100           | 71.199                     | -                        | 16.185             | -              | 16.185         | 51.761         |
|              | 17    | 84.936           | 53.289                     | -                        | 11.835             | -              | 11.835         | 38.174         |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>235.591</b>   | <b>187.637</b>             | <b>-</b>                 | <b>55.648</b>      | <b>1.383</b>   | <b>54.265</b>  | <b>124.794</b> |
| CENTRO-OESTE | 15    | 29.048           | 24.943                     | -                        | 11.197             | 734            | 10.463         | 13.746         |
|              | 16    | 24.471           | 21.690                     | -                        | 8.589              | 831            | 7.758          | 13.101         |
|              | 17    | 21.953           | 16.985                     | -                        | 3.327              | 416            | 2.911          | 12.399         |
| <b>TOTAL</b> |       | <b>75.472</b>    | <b>63.618</b>              | <b>-</b>                 | <b>23.113</b>      | <b>1.981</b>   | <b>21.132</b>  | <b>39.246</b>  |

Fonte: IBGE/Pnad. \*O total representa a soma de todas as etapas de ensino: alfabetização de adultos, ensino fundamental, ensino médio, EJA fundamental, EJA médio, pré-vestibular e ensino superior

Em relação à renda, os mais pobres são maioria entre os adolescentes de 15 a 17 anos que frequentam o ensino fundamental. São 1.207.552 oriundos de famílias do 1º quintil de renda, ante apenas 151.622 adolescentes de famílias do 5º quintil. Nos anos iniciais, os adolescentes do 1º quintil são 173.051, ante 11.117 do 5º quintil; nos anos finais, somam 1.034.501, ante 140.505.

Em termos de localização, o maior número de adolescentes matriculados no ensino fundamental vive na zona urbana. São 2.327.629, ante 787.221 que vivem na zona rural (ver tabelas 19 e 20). Nos anos iniciais, há 199.077 adolescentes da zona urbana e, nos anos finais, 2.128.552. Na área rural, eles somam 128.568 nos anos iniciais e 658.653 nos anos finais.

## ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS NO ENSINO MÉDIO

De acordo com os dados da Pnad 2011, dos adolescentes de 15 a 17 anos que frequentavam a escola, 5.459.845 estavam cursando o ensino médio – a etapa da educação básica recomendada para a faixa etária. Esse número corresponde a 61,6% do total (8.857.885). A região com maior número de adolescentes de 15 a 17 anos no ensino médio é a Sudeste (2.375.633), seguida pela Nordeste (1.398.992) (ver tabela 13).

Aos 19 anos de idade, apenas 48,7% dos jovens conseguiram concluir o ensino médio

Em relação a gênero, há mais mulheres matriculadas no ensino médio entre os adolescentes de 15 a 17 anos que frequentam a escola: 2.981.617, ante 2.478.228 homens (ver tabelas 14 e 15). Esse dado confirma os números já apresentados, que mostram que os meninos são mais atingidos pela exclusão escolar.

No que diz respeito à raça, a situação é a mesma. A população branca está em melhor situação que a negra. Do total de adolescentes de 15 a 17 anos que frequentam o ensino médio, 2.725.548 são brancos, 2.692.425 são negros e 41.872 amarelos e indígenas (ver tabelas 16, 17 e 18).

TABELA 21

### Taxa de distorção idade-série – ensino médio, Brasil (2012)

| LOCALIZAÇÃO   | ETAPA    |          |          |      |
|---------------|----------|----------|----------|------|
|               | 1ª série | 2ª série | 3ª série |      |
| <b>TOTAL</b>  | 31,1     | 34,9     | 29,4     | 26,8 |
| <b>RURAL</b>  | 43,5     | 46,0     | 42,2     | 41,0 |
| <b>URBANA</b> | 30,6     | 34,4     | 28,8     | 26,3 |

Fontes: MEC/Inep/Deed/CSI

Em relação à renda, 1.006.521 adolescentes de 15 a 17 anos que frequentam o ensino médio são oriundos de famílias do 1º quintil de renda. Já os adolescentes de famílias do 5º quintil são 831.100. Em termos de localização, a maioria dos adolescentes de 15 a 17 anos que cursam o ensino médio vive na zona urbana: 4.751.660. Os estudantes da zona rural nessa etapa de ensino somam 708.185 (ver tabelas 19 e 20).

## ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS NO ENSINO MÉDIO EM ATRASO ESCOLAR

A análise dos dados da Pnad 2011 aqui apresentada não faz um recorte específico sobre a quantidade de adolescentes de 15 a 17 anos matriculados no ensino médio que se encontram em situação de atraso escolar. O indicador que permite verificar a condição de atraso dessa população é a taxa de distorção idade-série, que mostra

TABELA 22

### Taxa de distorção idade-série, por regiões (2012)

| REGIÃO       | POR LOCALIZAÇÃO E ETAPA |             |             |             |             |
|--------------|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
|              |                         | Total médio | 1ª série    | 2ª série    | 3ª série    |
|              | <b>TOTAL</b>            | <b>47,0</b> | <b>49,0</b> | <b>45,9</b> | <b>45,5</b> |
| NORTE        | Rural                   | 60,2        | 60,6        | 59,8        | 60,6        |
|              | Urbana                  | 45,6        | 47,8        | 44,4        | 43,9        |
|              | <b>TOTAL</b>            | <b>41,8</b> | <b>45,1</b> | <b>39,6</b> | <b>39,0</b> |
| NORDESTE     | Rural                   | 49,6        | 52,2        | 47,9        | 47,3        |
|              | Urbana                  | 41,3        | 44,7        | 39,2        | 38,6        |
|              | <b>TOTAL</b>            | <b>23,0</b> | <b>26,8</b> | <b>21,8</b> | <b>17,6</b> |
| SUDESTE      | Rural                   | 25,5        | 28,8        | 24,2        | 22,1        |
|              | Urbana                  | 23,0        | 26,8        | 21,7        | 17,5        |
|              | <b>TOTAL</b>            | <b>23,3</b> | <b>28,5</b> | <b>21,2</b> | <b>17,1</b> |
| SUL          | Rural                   | 23,3        | 27,1        | 22,0        | 18,7        |
|              | Urbana                  | 23,3        | 28,6        | 21,2        | 17,0        |
|              | <b>TOTAL</b>            | <b>30,5</b> | <b>35,4</b> | <b>27,7</b> | <b>25,2</b> |
| CENTRO-OESTE | Rural                   | 40,5        | 44,2        | 38,1        | 36,4        |
|              | Urbana                  | 30,0        | 35,0        | 27,3        | 24,8        |

Fontes: MEC/Inep/Deed/CSI

o percentual de alunos, em cada série, com dois anos ou mais do que a idade recomendada. Essa taxa é calculada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), do Ministério da Educação (MEC), e divulgada anualmente no Censo Escolar.

De acordo com o Censo Escolar de 2012, o número de alunos com idade acima da recomendada para a série que frequentam no ensino médio é de 31,1% do total de matriculados nessa etapa de ensino, o que corresponde a 2.605.200 estudantes. Como em outros indicadores educacionais, a situação dos estudantes da zona rural é pior que a dos da área urbana: 43,5% têm idade superior à recomendada, ante 30,6% daqueles que vivem na cidade (*ver tabela 21*).

Como em outros indicadores educacionais, a situação de atraso escolar dos estudantes da zona rural é pior que a dos da área urbana: 43,5% têm idade superior à recomendada, ante 30,6% daqueles que vivem na cidade

Também há grandes diferenças regionais. As regiões com maiores taxas de distorção idade-série são a Norte, com 47%, e a Nordeste, com 41,8%. As desigualdades se acentuam quando se faz o recorte por localização. A taxa de distorção idade-série da zona rural da Região Norte chega a 60,2% – a mais alta do país. Na Região Nordeste, o índice é de 49,6%. A única região que apresenta equilíbrio é a Sul, com 23,3% tanto na zona rural quanto na urbana (*ver tabela 22*).

A 1ª série é a que apresenta a maior distorção no ensino médio, 34,9%. Esse dado permite inferir que há um problema de fluxo ao longo do ensino fundamental, que dificulta a conclusão dessa etapa da educação básica e a continuidade dos estudos. As taxas de aprovação, reprovação e abandono no ensino médio confirmam esse problema. Em 2012, a de aprovação no ensino médio foi de 78,7%; a de reprovação, 12,2%; e a de abandono, 9,1% (*ver tabelas 23, 24 e 25*).

TABELA 23

## Taxa de aprovação no ensino médio (2012)

| REGIÃO       | ETAPAS             |          |          |          |          |                                |
|--------------|--------------------|----------|----------|----------|----------|--------------------------------|
|              | Total ensino médio | 1ª série | 2ª série | 3ª série | 4ª série | Total ensino médio não seriado |
| BRASIL       | 78,7               | 71,6     | 80,4     | 86,8     | 89,9     | 82,5                           |
| NORTE        | 74,9               | 69,6     | 77,1     | 80,3     | 87,6     | 80,5                           |
| NORDESTE     | 77,7               | 71,2     | 79,2     | 85,1     | 88,9     | 76,0                           |
| SUDESTE      | 80,6               | 73,7     | 81,9     | 89,1     | 90,9     | 87,6                           |
| SUL          | 78,6               | 70,3     | 80,7     | 88,6     | 91,1     | 80,5                           |
| CENTRO-OESTE | 76,2               | 67,2     | 79,9     | 86,0     | 86,2     | 78,3                           |

Fontes: MEC/Inep/Deed/CSI

Há diferenças significativas entre as regiões. Norte e Centro-Oeste apresentam as menores taxas de aprovação do país, com 74,9% e 76,2%, respectivamente. As maiores taxas de reprovação são as das regiões Centro-Oeste (14,6%) e Sul (13,6%). Já em relação ao abandono, as taxas mais altas são da Norte (13,8%) e da Nordeste (12,5%).

A 1ª série do ensino médio é a que apresenta o menor percentual de aprovação: 71,6% em 2012. Como consequência, as taxas de reprovação e abandono também são mais elevadas nessa série: 16,8% e 11,6%, respectivamente. Esses dados apontam a necessidade de ações voltadas para a melhoria do fluxo escolar, já que, em muitos casos, o abandono está relacionado à reprovação e ao fracasso escolar.

## A QUESTÃO DO FLUXO ESCOLAR

A análise das taxas de frequência à escola da Pnad 2011 permite dimensionar as dificuldades que os adolescentes brasileiros encontram para progredir nos estu-

TABELA 24

### Taxa de reprovação no ensino médio (2012)

| REGIÃO       | ETAPAS             |          |          |          |          |                                |
|--------------|--------------------|----------|----------|----------|----------|--------------------------------|
|              | Total ensino médio | 1ª série | 2ª série | 3ª série | 4ª série | Total ensino médio não seriado |
| BRASIL       | 12,2               | 16,8     | 11,1     | 6,9      | 4,7      | 7,4                            |
| NORTE        | 11,3               | 13,6     | 10,2     | 9,2      | 9,4      | 7,8                            |
| NORDESTE     | 9,8                | 13,2     | 9,0      | 5,9      | 5,7      | 5,1                            |
| SUDESTE      | 13,1               | 18,3     | 12,2     | 7,0      | 3,6      | 4,7                            |
| SUL          | 13,6               | 19,2     | 12,4     | 6,6      | 3,9      | 13,2                           |
| CENTRO-OESTE | 14,6               | 21,0     | 12,1     | 7,6      | 7,9      | 10,2                           |

Fontes: MEC/Inep/Deed/CSI

TABELA 25

### Taxa de abandono no ensino médio (2012)

| REGIÃO       | ETAPAS             |          |          |          |          |                                |
|--------------|--------------------|----------|----------|----------|----------|--------------------------------|
|              | Total ensino médio | 1ª série | 2ª série | 3ª série | 4ª série | Total ensino médio não seriado |
| BRASIL       | 9,1                | 11,6     | 8,5      | 6,3      | 5,4      | 10,1                           |
| NORTE        | 13,8               | 16,8     | 12,7     | 10,5     | 3,0      | 11,7                           |
| NORDESTE     | 12,5               | 15,6     | 11,8     | 9,0      | 5,4      | 18,9                           |
| SUDESTE      | 6,3                | 8,0      | 5,9      | 3,9      | 5,5      | 7,7                            |
| SUL          | 7,8                | 10,5     | 6,9      | 4,8      | 5,0      | 6,3                            |
| CENTRO-OESTE | 9,2                | 11,8     | 8,0      | 6,4      | 5,9      | 11,5                           |

Fontes: MEC/Inep/Deed/CSI

dos. Aos 6 anos de idade, o percentual médio de frequência à escola no país é de 95,4%, índice satisfatório considerando que a matrícula das crianças de 6 anos no ensino fundamental é obrigatória desde 2006.

Numa condição ideal/adequada, todas as crianças brasileiras deveriam ter concluído os anos iniciais do ensino fundamental até os 12 anos de idade. No entanto, segundo a Pnad 2011, a proporção de crianças nessa situação é muito menor: a média do país fica em 76,2%. Aos 16 anos de idade, a situação se agrava. Nessa idade, o ideal é que os adolescentes estejam cursando o ensino médio. No entanto, segundo a Pnad, apenas 62,7% concluíram o ensino fundamental. Aos 19 anos de idade, apenas 48,7% dos jovens conseguiram concluir o ensino médio.

**As desigualdades são grandes entre as raças/etnias na progressão dos estudos. Enquanto 71,9% dos adolescentes brancos de 16 anos têm oito anos de escolaridade, a taxa dos negros é de 55,6% e a dos amarelos e indígenas, 50,9%**

Como em outros indicadores educacionais, há grandes diferenças regionais. As regiões Norte e Nordeste são as que apresentam os mais baixos índices de adolescentes escolarizados (*ver tabela 26*).

Quando se compara raça/etnia, percebe-se que, na matrícula, não há tantas diferenças, apesar de algumas variações entre os Estados. Mas, na progressão dos estudos, as desigualdades são grandes. Enquanto 71,9% da população branca de 16 anos tem oito anos de escolaridade, entre os negros essa taxa baixa para 55,6% e, para os amarelos e indígenas, para 50,9%. No grupo de 19 anos de idade com 11 anos de escolaridade, o que equivale ao ensino médio concluído, o índice da população branca é de 59,9%, o de amarelos e indígenas é de 51,7% e o de negros é de apenas 39,3%.

TABELA 26

### Retrato do atraso escolar (2011)

| REGIÃO              | Frequência à escola da população de 6 anos de idade |      | População de 12 anos de idade com ao menos quatro anos de estudo (anos iniciais do EF) |      | População de 16 anos de idade com ao menos oito anos de estudo (EF completo) |      | População de 19 anos de idade com ao menos 11 anos de estudo (EM completo) |      |
|---------------------|---|------|--|------|--|------|--|------|
|                     | TOTAL   | %    | TOTAL  | %    | TOTAL  | %    | TOTAL  | %    |
| <b>BRASIL</b>       | 2.822.161   | 95,4 | 2.625.196  | 76,2 | 2.255.912  | 62,7 | 1.536.141  | 48,7 |
| <b>NORTE</b>        | 285.902   | 89,1 | 231.339  | 64,3 | 182.210  | 50,4 | 107.722  | 34,1 |
| <b>NORDESTE</b>     | 896.022   | 97,2 | 698.465  | 69,0 | 573.526  | 50,5 | 365.404  | 39,7 |
| <b>SUDESTE</b>      | 1.085.231   | 97,0 | 1.099.859  | 79,9 | 968.491  | 72,1 | 712.360  | 56,4 |
| <b>SUL</b>          | 356.742   | 93,4 | 396.691  | 86,7 | 343.004  | 68,6 | 218.874  | 52,7 |
| <b>CENTRO-OESTE</b> | 198.264   | 92,1 | 198.842  | 82,8 | 188.681  | 72,2 | 131.781  | 54,5 |

Fonte: IBGE/Pnad

Em relação a gênero, as diferenças também são significativas. Apenas 54,9% dos homens de 16 anos têm oito anos de escolaridade, ante 70,5% das mulheres da mesma idade. Já os homens de 19 anos com 11 anos de estudo são 41,4%, enquanto as mulheres correspondem a 55,8%.

No que diz respeito à localização, há grande desigualdade entre os adolescentes que vivem na cidade e no campo. Enquanto 66,1% da população urbana de 16 anos apresenta oito anos de escolaridade, entre os adolescentes da zona rural a proporção é de 47,6%. Na faixa seguinte – pessoas de 19 anos com o ensino médio concluído –, a diferença se amplia ainda mais: o índice da população urbana é de 51,9%, ante 29,3% da população rural.

A renda também influi de maneira significativa no fluxo escolar. Dos adolescentes de 16 anos de famílias mais pobres (no 1º quintil de renda), 42,5% têm oito anos de estudo, enquanto 85,3% daqueles com famílias mais ricas (no 5º quintil de renda) encontram-se na mesma situação. Na população de 19 anos de idade, apenas 29,2% dos oriundos de famílias mais pobres têm 11 anos de escolaridade, ante 78,3% daqueles de famílias mais ricas.

## O ENSINO MÉDIO NO BRASIL HOJE

De acordo com dados do Censo Escolar 2012, a oferta no ensino médio em 2012 totalizou 8.376.852 matrículas. A rede estadual é a que oferece o maior número de vagas, concentrando 85% das matrículas. A rede privada responde por 12,7%, e as redes federal e municipal somam pouco mais que 2% das matrículas.

**Do total de matriculados no ensino médio no país, apenas 65,2% têm a idade adequada para essa etapa da educação básica – de 15 a 17 anos. Os 34,8% restantes são jovens com idade acima de 18 anos, o que revela um grave problema de atraso escolar**

Do total de matrículas no ensino médio em 2012 nas redes estadual e municipal, apenas 4,1% estavam na área rural. Somente 3,2% de todas as matrículas correspondiam à educação em tempo integral, a maioria oferecida na rede estadual.

Se cruzarmos os dados do número de adolescentes de 15 a 17 anos que cursam o ensino médio, segundo a Pnad 2011, com o total de matrículas nessa etapa da educação básica, de acordo com o Censo Escolar, veremos que apenas 65,2% deles têm a idade adequada. Os 34,8% restantes são jovens com idade acima de 18 anos. Como foi visto, as altas taxas de repetência, a evasão escolar e a distorção idade-série fazem com que esses adolescentes levem muito mais tempo para concluir o ensino fundamental e cheguem ao ensino médio com atraso e idade mais elevada.

## INFRAESTRUTURA

Segundo o Censo Escolar 2012, existem hoje 27.164 estabelecimentos de ensino médio no país. Sua distribuição é desigual entre as regiões: a maior parte se concentra na Sudeste. Nas regiões Norte e Centro-Oeste, que têm área mais extensa, mas menor população, o número de estabelecimentos é reduzido. Existem apenas 2.041 escolas na Norte e 2.089 na Centro-Oeste, o que explica as taxas mais baixas de escolarização nessas regiões.

Do total de estabelecimentos, apenas 2.516 estão na área rural. O maior número está na Nordeste (794) e o menor, na Centro-Oeste (280), regiões que detêm taxas expressivas de população residente na área rural. Esses indicadores denotam a falta de investimentos nessas regiões (*ver tabela 27*).

Os dados do Censo Escolar 2012 indicam que o número de funções docentes no ensino médio é proporcional ao de estabelecimentos. Do total de 497.797 funções docentes em 2012, 221.219 estavam na Região Sudeste, apenas 34.977 na Região Norte e 37.004 na Região Centro-Oeste.

Em relação à formação, de todos os professores que atuam no ensino médio, em todas as redes, 95,4% têm curso superior, sendo que 85,5% têm diploma de Licenciatura. Esses índices evidenciam que houve um avanço significativo no sentido de cumprir as determinações da LDB de 1996. No entanto, persiste a desigualdade da distribuição da qualificação entre as disciplinas. Apenas 53% dos professores que atuam no ensino médio têm formação compatível com a disciplina que lecionam.

TABELA 27

### Número de escolas de ensino médio rurais por região (2012)

| REGIÃO       | ESCOLAS |
|--------------|---------|
| BRASIL       | 2.516   |
| NORTE        | 521     |
| NORDESTE     | 794     |
| SUDESTE      | 516     |
| SUL          | 405     |
| CENTRO-OESTE | 280     |

Fonte: Censo Escolar 2012

TABELA 28

### Recursos disponíveis nas escolas da rede pública por região (2012)

| REGIÃO       | TOTAL DE ESCOLAS | PORCENTAGEM DE ESCOLAS COM RECURSOS |                   |                            |  |                    |
|--------------|------------------|-------------------------------------|-------------------|----------------------------|--|--------------------|
|              |                  | RECURSOS DISPONÍVEIS                |                   |                            |  |                    |
|              |                  | Biblioteca ou sala de leitura       | Acesso à internet | Laboratório de informática | Dependências adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida | Quadra de esportes |
| BRASIL       | 19.279           | 87,4                                | 93,0              | 92,4                       | 37,2   | 74,5               |
| NORTE        | 1.683            | 79,3                                | 81,3              | 80,3                       | 28,2   | 64,7               |
| NORDESTE     | 5.024            | 79,7                                | 87,0              | 89,4                       | 42,0   | 50,8               |
| SUDESTE      | 7.747            | 91,7                                | 97,1              | 94,6                       | 31,0   | 86,9               |
| SUL          | 3.350            | 96,1                                | 98,1              | 97,6                       | 45,3   | 86,8               |
| CENTRO-OESTE | 1.475            | 80,9                                | 93,6              | 92,7                       | 45,9   | 72,7               |

Fontes: MEC/Inep/Deed

Segundo um estudo realizado pelo Inep (2009)<sup>9</sup>, a disciplina mais crítica é Física, em que apenas 25,2% têm formação específica. Química, Artes e Língua e Literatura Estrangeira têm aproximadamente 40% de professores com formação específica; nas demais disciplinas – exceto Educação Física, que tem o índice mais alto (77,2%) –, o percentual de professores que têm formação específica fica entre 50% e pouco mais de 60%.

Em relação à infraestrutura física dos estabelecimentos de ensino médio, apenas 87,4% deles possuem biblioteca ou sala de leitura e menos ainda têm quadra de esportes: 74,5%, segundo o Censo Escolar 2012. No que diz respeito ao mundo digital, a situação é melhor: 93% contam com acesso à internet e 92,4% oferecem laboratório de informática aos

alunos. Como em outros indicadores, há uma distribuição desigual desses recursos entre as regiões. Enquanto as escolas do Sudeste têm os maiores percentuais em praticamente todos os recursos, as do Norte e do Nordeste apresentam as menores taxas (ver tabela 28).

**O gargalo do ensino médio tem impactos sérios para o país. De acordo com a Pnad 2011, na população de 18 a 24 anos, 69,1% dos jovens não estudam e apenas 9% ingressam no ensino superior, etapa adequada para essa faixa etária**

## PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

De acordo com o Resumo Técnico do Censo Escolar da Educação Básica 2012, publicado pelo Inep, considerando o raciocínio de que o aluno potencial do ensino médio regular é o concluinte do ensino fundamental, a estimativa é que o ponto de equilíbrio da matrícula na etapa final da educação básica seja de aproximadamente 10,6 milhões de alunos, que corresponde à população na faixa etária de 15 a 17 anos. Hoje, há 8,3 milhões de alunos matriculados nessa etapa de ensino. Assim, há espaço para a expansão do ensino médio. No entanto, essa expansão só ocorrerá com a melhoria do fluxo escolar no ensino fundamental, etapa que gera demanda para o ensino médio.

<sup>9</sup> Estudo Exploratório Sobre o Professor Brasileiro. Brasília: Inep/MEC, 2009.

TABELA 29

### Número de matrículas no ensino médio por série (2011-2012)

| ANO  | ENSINO MÉDIO, NORMAL/MAGISTÉRIO E INTEGRADO* |           |           |           |          |             |
|------|--|-----------|-----------|-----------|----------|-------------|
|      | TOTAL  | 1ª série  | 2ª série  | 3ª série  | 4ª série | Não seriada |
| 2011 | 8.400.689                                    | 3.424.501 | 2.634.575 | 2.213.534 | 72.044   | 56.035      |
| 2012 | 8.376.852                                    | 3.410.809 | 2.611.031 | 2.225.621 | 66.474   | 62.917      |

Fontes: MEC/Inep/Deed

\* Inclui os três turnos: diurno, vespertino e noturno

De fato, os dados do Censo Escolar apontam que o ensino médio, etapa em que deveriam estar matriculados todos os adolescentes de 15 a 17 anos, tem passado por uma crescente retração, em vez de se expandir. Enquanto entre 1996 e 2001 as matrículas nesse nível de ensino cresceram 47%, passando de aproximadamente 5,7 milhões para 8,4 milhões, no quinquênio seguinte (2002-2006) aumentaram apenas 2,2%. A partir de 2007, as matrículas passaram a decrescer, segundo os dados do Inep. A retração continua até 2012, atingindo um percentual de -5,9% em relação a 2006 – 8.376.852 matrículas em 2012 ante 8.906.820 em 2006.

A comparação entre o número de concluintes do ensino fundamental (2.532.754) e o número de matrículas no ensino médio em 2012, segundo o Censo Escolar, mostra que há uma demanda reprimida que ainda vem sendo atendida neste nível de ensino. Matricularam-se no primeiro ano do ensino médio, em 2012, 3.410.809 estudantes, o que indica que pessoas que haviam abandonado os estudos ao completar o ensino fundamental ou durante o ensino médio têm voltado à escola (*ver tabela 29*).

Esse gargalo do ensino médio tem impactos sérios para o país. Segundo os dados da Pnad 2011, na faixa etária de 18 a 24 anos – que deveria estar cursando o ensino superior –, 16,5 milhões de jovens (69,1%) não estudam. E apenas 9% ingressam no curso superior. Assim, para que o Brasil possa avançar em termos de desenvolvimento social e econômico é necessário investir na oferta de um ensino médio de qualidade para todos os adolescentes do país. □

# A EXCLUSÃO NO ENSINO MÉDIO

*Além de trazer análises e dados estatísticos, o estudo sobre a exclusão de adolescentes no ensino médio no Brasil ouviu os próprios adolescentes. O objetivo foi buscar informações que, em geral, não aparecem nas estatísticas nem nas pesquisas acadêmicas, mas são fundamentais para o entendimento da exclusão escolar de milhares de garotos e garotas. O estudo faz parte de uma pesquisa internacional realizada pelo UNICEF em 24 países*





Qual o papel dos estudos nos seus planos de futuro? O que deveria ser feito para melhorar a educação no Brasil? Qual foi a principal razão para você ter pensado em desistir (ou ter desistido) da escola?

Essas e outras perguntas estiveram no centro das discussões com adolescentes de 15 a 17 anos já excluídos ou em processo de exclusão do ensino médio durante a realização de 25 grupos focais<sup>1</sup> e de 51 entrevistas em profundidade nas cidades de Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Belém (PA), Fortaleza (CE), São Paulo (SP) e Santana do Riacho (MG)<sup>2</sup>.

O principal objetivo deste estudo do UNICEF foi ouvir os próprios adolescentes em busca de informações que são fundamentais para o entendimento da exclusão escolar no país. Para isso, contou com o apoio da Secretaria de Educação Básica do MEC, do Observatório da Juventude<sup>3</sup>,

<sup>1</sup> Os grupos focais são uma das técnicas utilizadas em pesquisa qualitativa. Consistem em uma “entrevista” em grupo, na qual a participação de todos os integrantes é fundamental. Os dados vão surgindo por meio da discussão sobre um tema específico e não por uma mera sequência de perguntas e respostas.

<sup>2</sup> Na primeira fase da investigação, realizada no período de outubro a dezembro de 2012, foram contempladas as cidades de Belo Horizonte e Brasília. Já a segunda, realizada no período de maio a novembro de 2013, contemplou as cidades de Belém, Fortaleza, São Paulo e Santana do Riacho (MG).

<sup>3</sup> O Observatório da Juventude, da UFMG (<http://observatoriodajuventude.ufmg.br>), é um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação que, desde 2002, vem realizando atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos adolescentes e jovens no Brasil.

### O GRAFITEIRO

Gabriel Lima, de 16 anos, diz que tem dias que gosta de ir para a escola, e outros, não, enquanto conclui o desenho que ilustra a capa do livro. O adolescente está no 1º ano do ensino médio porque repetiu o 7º ano do fundamental

da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania (Iidac).

O estudo faz parte de uma pesquisa internacional do UNICEF realizada em 24 países em desenvolvimento (na África, no Leste Europeu, no Leste da Ásia e na América Latina), sobre exclusão de adolescentes no ensino médio.

No Brasil e em outros três países (Indonésia, México e Turquia), a pesquisa incluiu, além do levantamento quantitativo, utilizando bases de dados locais, a realização de grupos focais e entrevistas em profundidade.

**O estudo do UNICEF teve como preocupação selecionar adolescentes de diferentes regiões do Brasil para ilustrar a realidade de meninos e meninas que estão fora da escola ou em risco de exclusão no país**

A seleção dos locais teve como preocupação realizar os grupos e as entrevistas em importantes cidades brasileiras distribuídas em diferentes regiões do país. Já Santana do Riacho, cidade mineira com cerca de 4 mil habitantes, foi selecionada por ter características rurais.

O grupo focal foi escolhido por causa da interação entre os membros que a técnica proporciona e também pela possibilidade de estimular os participantes a buscar argumentos que, normalmente, não seriam lembrados caso estivessem dando um depoimento isolado. As entrevistas em profundidade, por sua vez, serviram como técnica de pesquisa complementar aos grupos focais. Os participantes foram selecionados entre os integrantes dos grupos com o objetivo de trazer sua experiência de vida para ilustrar a realidade dos que estão fora da escola ou em risco de exclusão (*veja os depoimentos dos adolescentes nos quadros do capítulo 3*).

Tanto no estudo internacional quanto na investigação brasileira parte-se do conceito de que a exclusão escolar acontece quando um adolescente de 15 a 17 anos não está na escola ou corre o risco de abandoná-la, de não concluir a educação básica na idade adequada ou de não assimilar os conhecimentos e as habilidades de que necessita para que mais adiante possa cursar o ensino superior, caso seja essa a sua escolha.

Para efeito de análise, os chamados determinantes da exclusão escolar foram agrupados em três níveis:

 **Fatores individuais e familiares**

 **Fatores comunitários**

 **Macrofatores**

## FATORES INDIVIDUAIS E FAMILIARES

---

O primeiro conjunto de fatores está relacionado às características pessoais e domésticas que determinam ou influenciam, de um modo ou de outro, o comportamento individual.

Na questão da oferta, a localização, por exemplo, é importante. Morar em uma área remota diminui a probabilidade de que haja escolas próximas. Já em relação à demanda, as características pessoais e familiares também influenciam no acesso à educação.

A família pode cumprir um papel crucial em garantir um ambiente de proteção, mas também pode se tornar uma fonte de risco quando houver violência, abuso, discriminação ou exclusão dentro de casa.

Entre as características domiciliares que podem influenciar na exclusão escolar destacam-se ainda a estrutura, a disponibilidade dos serviços básicos, como água e eletricidade, o tamanho das famílias, as condições socioeconômicas, o ambiente doméstico e as atitudes em relação à violência.

Uma das hipóteses exploradas no estudo é se os padrões de exclusão para os adolescentes no ensino médio estão relacionados às características domiciliares ou pessoais e às condições que foram oferecidas na infância para que eles pudessem se desenvolver.

## FATORES COMUNITÁRIOS

---

Relacionados à qualidade de serviços como infraestrutura urbana, saúde, educação e segurança, os chamados fatores comunitários podem aumentar o risco de exclusão escolar e até mesmo desencadear outras vulnerabilidades.

A discriminação – ou um ambiente escolar negativo – é outro mecanismo de exclusão no nível comunitário. Padrões culturais, condições do mercado de trabalho local e até mesmo o fácil acesso a atividades ilegais economicamente rentáveis também podem pesar na decisão do adolescente se matricular – ou não – na escola e foram investigados na pesquisa.

## MACROFATORES

---

Como o nome sugere, os macrofatores se referem às questões presentes no ambiente geral e nas instituições que afetam os adolescentes, podendo gerar a exclusão.

Esses macrofatores incluem elementos da política educacional e financeira, especificamente o nível de gastos com educação, além das condições econômicas, demográficas e sociais.

Também dizem respeito às oportunidades no mercado de trabalho, à demanda global por diferentes tipos de habilidade e até mesmo à legislação trabalhista, que define as condições nas quais as atividades econômicas acontecem.

Pelo menos três hipóteses foram investigadas no estudo. A primeira é que a capacidade de os sistemas educacionais absorverem os adolescentes de 15 a 17 anos tem alta propensão a influenciar os padrões de exclusão. A segunda é que as oportunidades restritas no mercado de trabalho, incluindo os baixos retornos financeiros para a educação, podem ser fator implícito de exclusão. A terceira é que a taxa de crescimento desse grupo pode, em função da dinâmica demográfica, resultar em um ambiente mais competitivo que restringe temporariamente as oportunidades de uma educação de qualidade.

## LINHAS GERAIS DA PESQUISA

Como aconteceu no estudo global *Out of School Children (Crianças Fora da Escola*, em tradução livre), também do UNICEF, que identificou a alta vulnerabilidade desse grupo, o estudo sobre a exclusão de adolescentes no ensino médio no Brasil<sup>4</sup>, que serviu de referência para essa publicação, foi desenvol-

vido em torno de três componentes principais: os perfis dos adolescentes excluídos, a identificação dos gargalos e das barreiras e as políticas e estratégias de combate à exclusão, que serão detalhados nos capítulos 3 e 4.

Para incorporar essa faixa etária, o mo-

delo original, que abrange cinco dimensões (crianças em idade pré-escolar fora da escola, crianças de 6 a 10 anos fora da escola, crianças de 11 a 14 anos fora da escola, crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em risco de abandono e crianças dos anos finais do ensino fundamental em risco de abandono), sofreu alterações, mas manteve o mesmo conceito de exclusão escolar abordado anteriormente, que engloba tanto os adolescentes que estão fora da escola quanto os que correm risco de abandoná-la.

No total, 250 adolescentes participaram da pesquisa — 55,6% homens e 44,4% mulheres. Em relação à cor/raça, 69,6% se declararam negros, 18,8% brancos, 2,8% indígenas e 7,6% amarelos

<sup>4</sup> O estudo foi elaborado para o UNICEF pelos professores Acacia Zeneida Kuenzer, Gabriel Grabowski e Elisabeth Cristina Drumm.

Com base em critérios comuns ao estudo internacional, foram definidos cinco perfis

- 1** *Adolescentes que cursam o ensino fundamental, mas apresentam um dos fatores de risco para a evasão: estão atrasados, com defasagem idade-série, notas e/ou frequência baixas ou são repetentes.*
- 2** *Adolescentes que abandonaram a escola durante o ensino fundamental.*
- 3** *Adolescentes que concluíram o ensino fundamental, mas abandonaram a escola sem ter cursado o ensino médio.*
- 4** *Adolescentes que abandonaram a escola durante o ensino médio.*
- 5** *Adolescentes que estão no ensino médio, mas apresentam um dos fatores de risco para a evasão: estão atrasados, com defasagem idade-série, notas e/ou frequência baixas ou são repetentes.*

## QUEM FEZ PARTE DA PESQUISA

Cada grupo focal reuniu adolescentes de um dos cinco perfis. Ao todo, 250 adolescentes participaram da pesquisa. Desse total, 55,6% eram homens e 44,4% mulheres. Perguntados sobre sua cor/raça, a maioria declarou-se pardo (52,4%) e preto (17,2%), somando 69,6% de negros. Apenas 18,8% se declararam brancos, 2,8% indígenas e 7,6% amarelos.

Em relação à renda, a maioria dos adolescentes pesquisados integra famílias dos setores mais empobrecidos da população. Perguntados sobre os rendimentos aproximados das pessoas que vivem na sua casa, 67,1% deles afirmaram que a renda média é de até dois salários mínimos. Apenas 2,3% disseram pertencer a famílias com renda acima de nove salários mínimos.

Na primeira fase da pesquisa, realizada de outubro a novembro de 2012, foram realizados cinco grupos focais e nove entrevistas em profundidade, em Belo Horizonte, e quatro grupos focais e dez entrevistas em profundidade, em Brasília.

A segunda etapa, de maio a novembro de 2013, incorporou as cidades de Fortaleza, Belém, São Paulo e Santana do Riacho. Com exceção de Santana do Riacho, em que foram realizados um grupo focal e duas entrevistas em profundidade, nas demais cidades foram feitas dez entrevistas em profundidade e cinco grupos focais.

Em todas as cidades, o grupo constituído por adolescentes que abandonaram os estudos após concluir o ensino fundamental foi o que apresentou mais dificuldades para seu recrutamento.

O roteiro dos grupos focais foi organizado em torno de seis questões gerais. Já o das entrevistas em profundidade estava estruturado em 27 questões. Os dois tiveram como base módulos temáticos previamente definidos, em que foram levantados incentivos, aspirações dos adolescentes, barreiras, mecanismos de contenção, avaliação e importância da educação formal e áreas de oportunidade.

## A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Todas as entrevistas e todos os grupos focais foram gravados e transcritos para, depois, ser categorizados, por meio de um *software* de análise de dados qualitativos. O uso desses programas em pesquisas sociais vem sendo difundido recentemente no Brasil.

Para facilitar a análise, a cada trecho do texto é atribuído um código ou uma categoria. No caso desse estudo, entre as categorias atribuídas aos depoimentos estavam qualidade da educação, dificuldades psicológicas, apoio recebido em relação aos estudos, trajetória escolar e perfil do estudante, por exemplo. Essas categorias (ou códigos) são arquivadas em um sistema denominado “*nodes*” (nós), que vai conter as referências para a formulação de conceitos e hipóteses.

O conjunto de “*nodes*” forma, por sua vez, uma espécie de árvore, em que as categorias encontram-se dispostas de forma hierarquizada e sempre relacionadas umas com as outras.

Após a leitura minuciosa das transcrições das entrevistas individuais e dos grupos focais, os dados foram categorizados e analisados por meio de um software de **análise de dados qualitativos**.

## PONTOS EM COMUM

De acordo com Juarez Dayrell e Rodrigo Ednilson de Jesus, responsáveis pela realização dos grupos focais, independentemente do lugar, a relação dos adolescentes com a escola é muito parecida. “A reiteração nos chamou a atenção”, afirmaram.

Outro aspecto destacado pelos pesquisadores é a forma como a pobreza é vivenciada pelos adolescentes. “Há diferenças significativas entre os grupos”, apontam. Para eles, os relatos evidenciam a existência de várias formas de lidar com a carência material, que interferem de modo distinto nos arranjos familiares, na presença ou na ausência da violência no âmbito doméstico e na trajetória educacional dos membros da família. “Os depoimentos desafiam a lógica homogeneizadora de categorias tais como ‘carentes’, entre outras, que nos fazem crer que uma semelhante condição socioeconômica determinaria a mesma forma de estar no mundo, marcada, quase sempre, pela falta”, alertam.

Segundo eles, os depoimentos também desafiam outra crença fortemente arraigada no senso comum: a de que as famílias desses jovens seriam desestruturadas e, em consequência, “deseducadoras”. Boa parte dos adolescentes entrevistados fez questão

de salientar o apoio dado por seus familiares, em especial as mães, para continuar seus estudos e superar as condições adversas de origem social.

Em relação à escolaridade dos pais, chama a atenção o fato de que a maioria deles não possui ensino médio completo (71,4% das mães e 62,8% dos pais). A trajetória escolar também é, em geral, curta: 40% das mães e 40,6% dos pais são analfabetos ou não completaram o ensino fundamental.

Entre as adolescentes que participaram da pesquisa, algumas delas relataram já ter filhos, o que não foi o caso de nenhum dos garotos. De acordo com os coordenadores dos grupos focais, a gravidez na adolescência apareceu como um desafio importante nas cidades pesquisadas, especialmente em Fortaleza e Brasília (*veja mais sobre o assunto no capítulo 3*). “Muitas das garotas abordaram as dificuldades de conciliar a escola com a maternidade, talvez pela ausência dos homens no cuidado com os filhos”, enfatizou Juarez Dayrell.

Outro fator que aparece como um problema na trajetória escolar dos adolescentes que participaram da pesquisa é o trabalho. Grande parte deles estava exercendo alguma atividade ou em busca de emprego no momento do grupo focal ou da entrevista. Apenas 20% afirmaram, no entanto, trabalhar com carteira assinada.

Segundo os pesquisadores, as barreiras e os gargalos citados pelos adolescentes como obstáculos à continuidade dos estudos não podem ser reduzidos a aspectos estritamente escolares (*veja mais sobre o assunto no capítulo 3*). Refletem, de modo geral, as características mais aparentes de um contexto no qual esses adolescentes estão imersos: a desigualdade social.

Desigualdade que não se expressa apenas no tipo de escola frequentada pela grande maioria mas também nos altos índices de gravidez na adolescência, que provoca a evasão escolar, em especial, das meninas, e também nas reiteradas situações de discriminação racial, de homofobia e de sexismo, que acontecem cotidianamente nessas escolas e reforçam os estigmas já existentes.

Mais um reflexo importante dessa desigualdade, segundo os coordenadores dos grupos focais, é a “restrita consciência” que os adolescentes mostram acerca de seu direito à educação pública e de qualidade. “Mesmo entre aqueles jovens que expressaram suas frustrações face aos tempos, formas e currículos escolares, a escola chata e cansativa parece ser reconhecida enquanto um mal necessário”, afirma a pesquisa. 

**Os depoimentos dos adolescentes  
desafiaram crenças arraigadas no senso  
comum, como a de que as famílias  
desses jovens são desestruturadas e,  
por isso, “deseducadoras”**

# O GRAFITE DA DA CAPA

O processo de escuta dos adolescentes sobre o ensino médio no Brasil não se restringiu aos grupos focais e às entrevistas em profundidade. A capa do livro que você tem em mãos foi produzida coletivamente por adolescentes de 15 a 18 anos, entre outubro e dezembro de 2013. Nesse período, foi realizada uma série de oficinas pelo Projeto Quixote<sup>1</sup>, por meio da agência Quixote Spray Arte, a pedido do UNICEF.

Para chegar ao grafite da capa, os adolescentes discutiram como enxergam essa etapa de ensino e seus principais desafios. Depois, passaram a debater qual a melhor forma de ilustrar suas ideias. Oito propostas foram apresentadas e uma delas foi selecionada pelo grupo. No desenho, a escola aparece distante e os adolescentes perdidos num mar de livros.

**“ Não gosto quando os professores só seguem a apostila. É importante passar algo diferente ”**

**Rodrigo Santos Reis, grafiteiro**

“O mar de livros é porque tem muita matéria, muita coisa na cabeça”, explica Gabriel Lima, um dos grafiteiros responsáveis pelo trabalho. Gabriel tem 16 anos e está no 1º ano do ensino médio porque repetiu o 7º ano. Segundo ele, tem dias que gosta de ir para a escola, e outros, não. Reclama da “má vontade” dos professores e também de alguns alunos que acabam atrapalhando a aula, e enxerga no garoto e na garota que ilustram a capa muitos de seus colegas.

O garoto está na escola, mas quer sair, e a garota abandonou os estudos e sonha em voltar, no futuro. Mais velha que o menino, ela representa, segundo ele, os alunos que ficam anos retidos no ensino fundamental e acabam deixando a escola. A ponte do desenho expressa, segundo o grupo de artistas, o desejo e a possibilidade de recomeço.

Uma história que sintetiza a trajetória escolar da maioria deles. Daniel Castro Pereira, o grafiteiro responsável pela finalização do desenho, tem 17 anos e faz supletivo do ensino fundamental. Repetiu o 4º, o 5º e o 6º ano e ficou fora da escola dois anos. Voltou em 2013 e, hoje, sonha em terminar o ensino médio e fazer faculdade.

Daniel diz que nunca teve prazer de ir para a escola. Encarava como uma obrigação. O grafiteiro também reclama da falta de paciência dos professores e do excesso de conteúdo. Segundo ele, os livros espalhados pelo grafite são “o problema e a solução.”

Rodrigo Santos Reis, de 18 anos, é o mais velho do grupo. Está no 2º ano do ensino médio, pois repetiu duas vezes o 6º ano. Foi dele a ideia de desenhar um skate do lado de fora da escola e, junto com Daniel Castro Pereira, fez questão de demonstrar algumas manobras no dia da foto da capa.

Segundo Rodrigo, entre o skate e a sala de aula, ele preferiu o skate e, por isso, acabou sendo reprovado. Para Rodrigo, o papel da escola é aproximar o conteúdo da vida deles. “Não gosto quando os professores só seguem a apostila. É importante passar algo diferente”, diz ele.

Já Julia Santos da Silva tem 16 anos e está no 2º ano do ensino médio. É a única da turma que nunca repetiu de ano. A grafiteira atribui os bons resultados na escola à sua curiosidade. “Sempre gostei de entender as coisas”, diz ela. Para a adolescente, é preciso que o ensino médio seja mais focado, que tenha um objetivo e um significado na vida do jovem.

<sup>1</sup> O Projeto Quixote é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) sem fins lucrativos que tem como missão transformar a história de crianças, adolescentes, jovens e famílias em complexas situações de risco, por meio do atendimento clínico, pedagógico e social integrados.



Da esquerda para a direita, os grafiteiros Daniel Castro Pereira, Gabriel Lima e Rodrigo Santos Reis

De acordo com Otávio Fabro, o Ota, do Projeto Quixote, a ideia foi trazer para a escola esse debate sobre os desafios do ensino médio.

Entre 2006 e 2007, Ota deu aula de Arte na Escola Estadual João Amos Comenius, em São Paulo, onde o grafite foi pintado no anfiteatro. “Os adolescentes ficaram felizes de ver sua arte num lugar nobre, onde são realizadas as reuniões de pais e mestres e as apresentações”, diz ele.

Segundo o professor João Domingos Cavallaro Junior, diretor da escola, que tem 925 alunos de ensino médio, divididos entre os períodos da manhã e da noite,

o papel e o grande desafio do ensino médio são emancipar o aluno enquanto protagonista. “Essa é uma meta que tem que ser cumprida. Por isso, as escolas devem repensar constantemente o currículo e utilizar o que é disponibilizado pelo governo estadual e federal para enriquecê-lo”, diz ele.

Para Cavallaro, o grafite que hoje decora o anfiteatro da escola faz pensar sobre esse e outros desafios que o ensino médio brasileiro tem pela frente. Por isso, de acordo com o diretor, o local escolhido para ele foi um espaço importante da escola e bastante utilizado no seu dia a dia.

# PRINCIPAIS DESAFIOS PARA O ENSINO MÉDIO

*A escuta dos adolescentes, por meio de grupos focais e entrevistas em profundidade, mostrou que há uma série de barreiras para que todos os adolescentes brasileiros consigam permanecer na escola, aprender de fato e progredir em seus estudos na educação básica na idade adequada*





**A**lguns dos obstáculos estão relacionados ao contexto socioeconômico dos adolescentes, como o trabalho precoce, a gravidez e a violência familiar e no entorno da escola. Outros estão vinculados a questões ligadas à organização da escola, como os conteúdos desinteressantes, distantes da realidade dos alunos; a falta de diálogo entre alunos, professores e a gestão da escola; a desmotivação e as condições de trabalho dos professores; a violência existente no cotidiano escolar; e a infraestrutura precária dos estabelecimentos.

Ampliar os investimentos, melhorar o fluxo escolar, mudar a organização e o currículo são alguns dos desafios que, segundo especialistas e os próprios adolescentes ouvidos pelo estudo, devem ser enfrentados para mudar o atual cenário de exclusão que persiste no ensino médio, de forma a garantir o direito à conclusão da educação básica para todos os brasileiros.

#### **MAR DE LIVROS**

Detalhe do grafite da capa, que ilustra alguns dos principais desafios do ensino médio no Brasil

### **1 Lidar com os adolescentes que estão retidos no ensino fundamental**

Como vimos pelos dados da Pnad 2011 apresentados até aqui, embora as matrículas de adolescentes de 15 a 17 anos no país tenham apresentado uma evolução consistente nos últimos anos, 35,2% desse grupo (o que corresponde a 3.114.850 adoles-

centes), parcela que deveria estar cursando o ensino médio, encontra-se retido em algumas das séries do ensino fundamental. Ou seja, a repetência e sua consequência direta, a distorção idade-série, são a realidade de um número significativo de adolescentes brasileiros (*veja capítulo 1*).

Essa situação revela que o sistema de ensino brasileiro não tem sido capaz de ensinar a uma grande parcela de garotos e garotas o que eles deveriam aprender para ter condições de concluir a primeira etapa da educação básica na idade adequada e prosseguir os estudos no ensino médio. Entre as várias causas estão a deficiência de infraestrutura das escolas, a falta de valorização dos professores, a pressão para que os adolescentes contribuam com a renda familiar e uma cultura que ainda pouco valoriza o estudo no país.

A reprovação é hoje um dos principais problemas da educação brasileira. E isso decorre da visão, muito difundida no país, não só entre educadores mas também entre as famílias, de que a repetência é um instrumento pedagógico importante, necessário para o aprendizado<sup>1</sup>.

São várias as causas da dificuldade dos adolescentes brasileiros em concluir o ensino médio. Entre elas estão a deficiência de infraestrutura das escolas e a falta de uma cultura que valorize os estudos no país

De acordo com Nora Krawczyk, professora-doutora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), levantamentos realizados no estado do Rio Grande do Sul em 2011, com base nos dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)<sup>2</sup>, verificaram que, embora os índices de aprovação fossem

muito baixos, o nível de aprendizagem dos adolescentes era adequado – portanto, muitos não precisavam ser reprovados. “O grau de exigência para a aprovação era maior do que a aprendizagem necessária para determinadas disciplinas”, explica. Essa situação chamou a atenção da equipe da Secretaria de Educação e foi um dos aspectos importantes que levaram à realização de um conjunto de reformas.

Para Krawczyk, como a reprovação faz parte da cultura escolar há pelo menos um século, esse é um quadro que não se consegue mudar no curto prazo, embora afete a possibilidade de resolver a questão do fluxo escolar. “Isso não quer dizer que o aluno tem que ser aprovado sem aprender. Estamos falando que os critérios de aprovação e reprovação não são consensuais na escola, dentro de seu projeto pedagógico. Dependem muito do jeito do professor e do que ele considera conhecimento e saber”, aponta.

<sup>1</sup> Em um país em que muitos ainda acreditam que reter alunos ao longo da trajetória escolar é um instrumento pedagógico, não surpreende que as estatísticas registrem uma taxa de reprovação média de quase 10% no ensino fundamental e de 13% no ensino médio. (...) O que se espera é que todos os alunos avancem em sua escolaridade com aprendizado adequado ao ano em que estão matriculados. O que ocorre, porém, é que essa taxa vai caindo significativamente, enquanto aumentam os percentuais dos alunos reprovados ou que abandonam a escola, com impacto direto sobre as matrículas”. *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2013*. Todos Pela Educação e Editora Moderna. São Paulo, 2013.

<sup>2</sup> O Ideb mede desempenho obtido pelos alunos que participaram da Prova Brasil/Saeb e das taxas de aprovação, calculadas com base nas informações prestadas ao Censo Escolar.

Os resultados negativos da repetência e da defasagem escolar, que retêm tantos adolescentes de 15 a 17 anos no ensino fundamental, são vários. Entre eles, de acordo com o estudo *Anos Finais do Ensino Fundamental: Aproximando-se da Configuração Atual*<sup>3</sup>, estão: a queda na autoestima e a desmotivação dos estudantes em razão da dificuldade de acompanhar os colegas, o inchaço das classes de ensino fundamental e o aumento dos custos educacionais pelo maior número de anos que os alunos permanecem nessa etapa da educação básica (veja mais sobre o assunto no item Garantir um fluxo escolar adequado e o acesso ao ensino médio para todos os adolescentes, na página 99).

## O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES

Os adolescentes entrevistados pela pesquisa<sup>4</sup> apontaram como um dos principais motivos para a reprovação a falta de interesse nos estudos, que os leva a se envolver com a bagunça. É o que revela o depoimento desse adolescente de 15 anos de Belo Horizonte, aluno do 9º ano do ensino fundamental:

*“Eu fui reprovado pela primeira vez na 4ª série. Também tomei ‘bomba’ na 5ª. Depois disso, cheguei na 8ª sem tomar mais nenhuma. Na sala era muita bagunça. Não tinha nem como me concentrar no estudo, eu brincava muito. Na hora que você está brincando, acha engraçado, mas depois, quando não passa, repete de ano, se arrepende. A maioria de meus colegas tomou ‘bomba’ comigo. Pra conseguir chegar à faculdade tem de estudar, passar de ano, de preferência passar sem tomar nenhuma bomba”.*

Também contribui para a reprovação a atitude de alguns professores e diretores, que não incentivam e até desestimulam os alunos a se esforçar para aprender e melhorar seu desempenho, como mostra este depoimento de uma adolescente de Brasília cursando o ensino fundamental:

*“Tem de partir primeiro dos professores ensinarem, porque uns não ensinam nada, só ficam falando da vida deles. Aí quando chega a prova a gente se ferra. E eles cobram coisas que a gente não estudou”.*

<sup>3</sup> Fundação Victor Civita e Fundação Carlos Chagas. São Paulo, julho de 2012.

<sup>4</sup> Alguns dos adolescentes que participaram dos grupos de pesquisa foram entrevistados individualmente, para obter mais detalhes sobre as questões tratadas pelo estudo e sobre seu perfil. Por isso, é indicada a idade nos seus depoimentos. Nos casos dos depoimentos extraídos das discussões em grupo, essa informação não é dada porque em muitos casos não é possível identificar especificamente de quem são as opiniões, apenas o local de origem e o gênero dos adolescentes.

**“Oitenta por cento dos alunos reprovaram numa matéria: Matemática. É o professor que não ensina direito. Por exemplo: ‘Professor, repete de novo’. ‘Não vou repetir porque vocês não prestam atenção.’ Aí, muitos alunos são reprovados na matéria. Como eu estou na 8ª série e não tem dependência, fica difícil ir até o final. Eu reprovei duas vezes na 8ª série por causa disso, Matemática.”**

**Adolescente de Brasília,  
aluno do ensino fundamental**

A reprovação aparece como o estopim que os leva a abandonar os estudos, em especial quando não há apoio dos profissionais da escola, como apontam esses adolescentes de Belo Horizonte e de São Paulo que deixaram de estudar no ensino fundamental:

*“Parei de estudar tem umas duas, três semanas. Chamaram minha mãe na escola porque eu estava fazendo bagunça. A diretora passou meu boletim para minha mãe, isso no segundo bimestre ainda, e falou que eu já tinha tomado ‘bomba’. Nisso, eu comecei a não querer fazer nada, não querer estudar. Depois de já ter perdido muita prova, não valia nem a pena eu ficar indo para a escola. Aí parei de ir. Acho que eu teria continuado mesmo sabendo que ia tomar ‘bomba’, teria tentado me esforçar, se a diretora não tivesse falado para minha mãe, na minha frente, que eu já tinha tomado ‘bomba’. Isso me desanimou muito”.*

*“Não conseguia entender nada. Ficava lá só batendo cabeça! Tentava entender e não conseguia. Por que vou ficar perdendo tempo na escola se não vou conseguir estudar?”*

## A SITUAÇÃO DOS ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

**S**e já é difícil para uma grande parte dos adolescentes de 15 a 17 anos progredir nos estudos e concluir a educação básica na idade adequada, para aqueles em conflito com a lei as barreiras são ainda maiores.

De acordo com a pesquisa *Panorama Nacional – A Execução das Medidas Socioeducativas de Internação* (2012), realizada com base nos dados do programa Justiça ao Jovem, do Conselho Nacional de Justiça, dos adolescentes que cumpriam medida de privação de liberdade em todas as regiões do país entre 2010 e 2011, 63% tinham de 15 a 17 anos. No entanto, 86% declararam que a última etapa cursada na escola antes da internação foi o ensino fundamental, a maioria a 5ª e a 6ª séries (21% e 18% respectivamente).

Uma análise das taxas de distorção idade-série entre os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio fechado realizada pela Diretoria de Estatísticas Educacionais (Inep/MEC), com base nos dados do Censo Escolar de 2010 e 2012, confirma a situação de significativo atraso escolar dessa população (veja gráfico 1). Nos anos iniciais do ensino fundamental, a taxa é de 55,6% entre os jovens internos – na população em geral, ela é de 16,6%. Essa diferença se mantém nos anos finais e no ensino médio. Nos anos finais, a taxa de distorção idade-série dos internos é de 79,4%, ante 28,2% na população em geral. No ensino médio, os índices são de 61,4% e 31,1%, respectivamente.

## O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

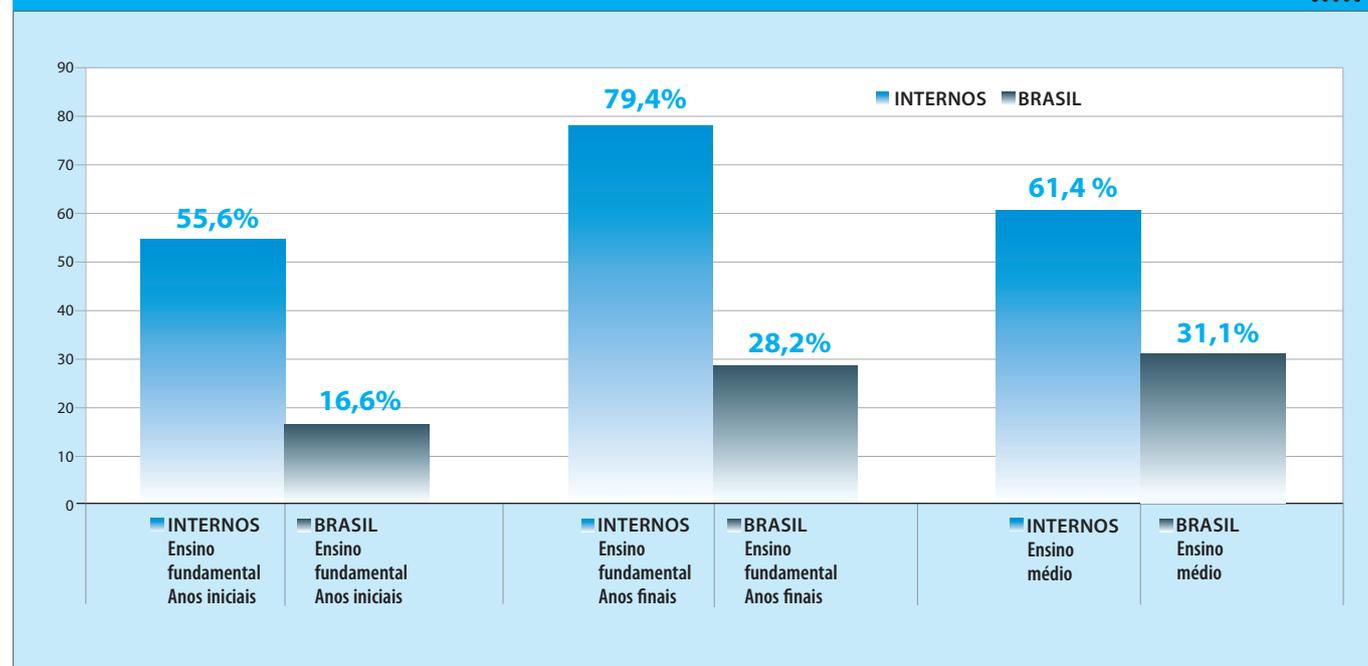
Uma das medidas adotadas pelo MEC para lidar com a questão dos adolescentes de 15 a 17 anos que se encontram retidos no ensino fundamental por sucessivas repetências é a inclusão desse grupo em escolas com jornada ampliada ou educação integral, que recebem recursos para promover ações de adequação ano-idade escolar no ensino fundamental.

O programa Mais Educação (*veja mais sobre o assunto no item Definir uma identidade para o ensino médio, na página 90*) tem uma ação específica com esse fim, por meio da oferta a esses adolescentes de atividades diferenciadas, que levam em consideração suas necessidades de autonomia e de afirmação de identidade e sua situação de vulnerabilidade social. O objetivo é fazer com que o currículo da escola inclua os saberes e os fazeres característicos do contexto juvenil, para que o conhecimento se torne mais significativo e tenha mais sentido para os adolescentes. Além disso, as atividades oferecidas – como esportes, cultura, artes, saúde, entre outras – buscam abrir canais de diálogo com os professores e permitir mudanças no cotidiano escolar, de forma a ampliar as possibilidades de aprendizado.

O eixo central do programa Mais Educação para Jovens de 15 a 17 Anos no Ensino Fundamental é a atividade Projeto de Vida. Por meio de trabalhos que integram dife-

GRÁFICO 1

### Taxa de distorção idade-série (%) – Brasil – 2012



Fontes: MEC/Inep/Deed

rentes áreas de conhecimento, essa atividade possibilita aos adolescentes a construção de projetos de vida, estimulando a autoria, a criação, o protagonismo e a autonomia. A intenção é fazer com que os estudantes reflitam sobre sua trajetória escolar e consigam colocar em prática ações que estimulem o prosseguimento dos estudos e a aproximação com o mundo do trabalho<sup>5</sup>.

Em 2013, segundo o MEC, 2.347 escolas públicas aderiram ao programa Mais Educação para Jovens de 15 a 17 Anos no Ensino Fundamental. Também foi realizado o seminário Política de Adequação Idade-Ano Escolar para Jovens de 15 a 17 Anos Retidos no Ensino Fundamental, reunindo os coordenadores do programa Mais Educação de todos os Estados, além de estudantes, professores e representantes de universidades públicas e das secretarias Nacional da Juventude e de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. No evento, promovido pela Secretaria de Educação Básica (SEB), foram apresentadas experiências bem-sucedidas de melhoria da escolarização dos adolescentes retidos no ensino fundamental e discutidos caminhos para tratar da questão do atraso escolar na faixa dos 15 aos 17 anos.

## 2 Trazer para a sala de aula os excluídos do ensino médio

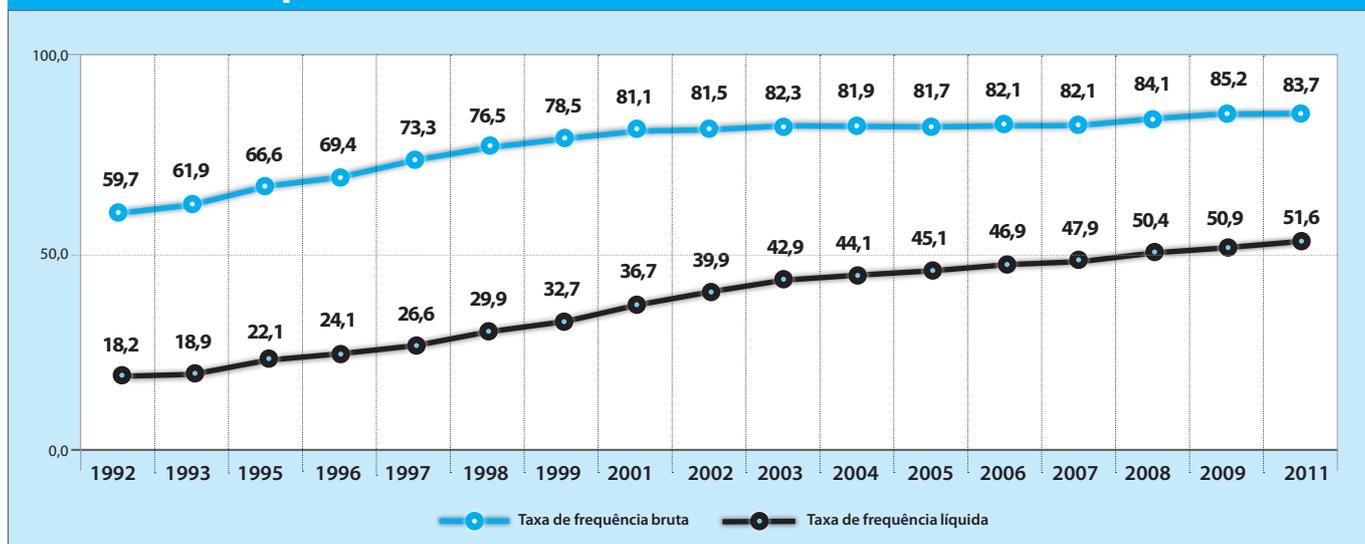
As estatísticas mostram que tem havido melhoria constante na escolarização líquida<sup>6</sup> dos adolescentes de 15 a 17 anos. Em 2001, a taxa era de 36,7%; em 2011, de 51,6%, de acordo com dados da Pnad. Ou seja, mais estudantes têm conseguido superar o gargalo do ensino fundamental e prosseguir os estudos

<sup>5</sup> Manual Mais Educação 2013. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília, 2013.

<sup>6</sup> Taxa de escolarização líquida: percentual da população em determinada faixa etária que se encontra matriculada no nível de ensino recomendado para essa faixa etária. No caso da faixa etária de 15 a 17 anos, é o ensino médio.

GRÁFICO 2

### Evolução das taxas de frequência líquida e bruta à escola para a faixa etária de 15 a 17 anos



Fonte: IBGE/Pnad. Elaboração: Disoc/Ipea, 1992/2011

no ensino médio. Mas o desafio ainda é grande, uma vez que quase metade dos adolescentes de 15 a 17 anos não frequenta essa etapa de ensino.

O país ainda tem um longo caminho a percorrer para universalizar o ensino médio, como prevê a legislação. Ainda mais se considerarmos que tem havido uma tendência de estagnação no número de matrículas nessa etapa da educação básica. De acordo com os dados do Censo Escolar 2012, a oferta no ensino médio em 2012 foi 0,3% menor que em 2011 (veja tabela 1, ao lado).

Além disso, um contingente significativo sequer estuda. Do total de adolescentes com idade de 15 a 17 anos, 16,3% encontram-se fora da escola hoje, o que corresponde a 1.722.175 pessoas. Desse grupo, apenas 3,5% nunca frequentaram a escola. A maioria dos que já estudaram em algum momento chegou a completar o ensino fundamental (857.179 adolescentes). Isso significa que, para uma boa parcela dos adolescentes, a conclusão dessa etapa da educação básica é um momento crítico do abandono escolar, e muitos não conseguem prosseguir os estudos no ensino médio (veja mais sobre o assunto no capítulo 1).

De acordo com relatório publicado pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE)<sup>7</sup>, os altos índices de abandono são resultado de fatores como falta de acesso à escola dos alunos da zona rural pela irregularidade e baixa qualidade do transporte escolar, ausência de propostas pedagógicas mais motivadoras e com ênfase na multi e na interdisciplinaridade, carência de professores mais bem remunerados e preparados e falta de financiamento.

Outra questão que interfere na exclusão escolar é a gravidez na adolescência. Não existem pesquisas específicas recentes sobre a relação entre gravidez na adolescência e abandono escolar. Os poucos dados existentes revelam que entre as meninas de 15 a 17 anos que estudam, 1,6% são mães. Esse número sobe para 28,8% entre as adolescentes que estão fora da sala de aula. Isso mostra que a evasão e o abandono podem estar relacionados à gravidez na adolescência, em especial entre as adolescentes de famílias de baixa renda<sup>8</sup>.

O trabalho precoce é outro fator que influencia a evasão escolar dos adolescentes. Embora as taxas venham diminuindo nos últimos anos, ele ainda persiste por al-

TABELA 1

### Número de matrículas no ensino médio no Brasil (2008-2012)

| ANO         | MATRÍCULAS |
|-------------|------------|
| 2008        | 8.366.100  |
| 2009        | 8.337.160  |
| 2010        | 8.357.675  |
| 2011        | 8.400.689  |
| 2012        | 8.376.852  |
| Δ%2011/2012 | - 0,3      |

Fontes: MEC/Inep/Deed; IBGE/Pnad 2008/2012

Nota: O total não inclui matrículas em turmas de atendimento complementar e atendimento educacional especializado (AEE). Inclui matrículas no ensino médio integrado à educação profissional e no ensino médio normal/Magistério.

<sup>7</sup> Antonio Ibañez Ruiz, Mozart Neves Ramos e Murílio Hingel. Relatório *Escassez de Professores no Ensino Médio: Propostas Estruturais e Emergenciais*. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2007.

<sup>8</sup> Acesso, Permanência, Aprendizagem e Conclusão da Educação Básica na Idade Certa – Direito de Todas e de Cada uma das Crianças e dos Adolescentes. Brasília: UNICEF, 2012.

guns fatores culturais. As famílias mais pobres ainda enxergam “o trabalho como espaço educativo complementar e ‘não conflitante’ à escola; como espaço de segurança em contraposição à violência do ‘mundo da rua’; como possibilidade de afirmação e empoderamento de crianças e adolescentes nos círculos familiares; e como oportunidade de acesso de crianças e adolescentes a alguns bens de consumo de uma sociedade capitalista”<sup>9</sup>.

Além disso, o trabalho permite o acesso a uma renda em um momento em que o adolescente busca uma autonomia financeira que lhe possibilite o acesso ao consumo e maior mobilidade.

No entanto, diversos estudos mostram que o trabalho impacta negativamente na escolarização dos adolescentes. Segundo o estudo *Trabalho Infantil e Adolescente – Impactos Econômicos e os Desafios para a Inserção de Jovens no Mercado de Trabalho no Cone Sul* (Fundação Telefônica, 2013), o trabalho reduz em 17,2% a aprovação escolar, afeta o progresso educacional em 24,2% dos casos e aumenta em 22,6% a evasão escolar. De acordo com o levantamento, 20% das crianças e dos adolescentes que trabalham não frequentam a escola. Além disso, os adolescentes que trabalham e estudam têm desempenho inferior ao daqueles que só estudam (*ver mais no capítulo 1*).

## O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES

Entre as adolescentes ouvidas pela pesquisa, algumas afirmaram já ter filhos e várias disseram ter deixado a escola por causa da gravidez. Algumas tiveram de levar os filhos nas entrevistas porque não tinham com quem deixá-los ou pela necessidade de amamentação. Essa evidência explicita as dificuldades que uma mãe adolescente enfrenta para conciliar a maternidade com a escola, o que leva várias delas a interromper os estudos.

Além das tensões próprias da gravidez, tanto físicas quanto psicológicas, as mães adolescentes entrevistadas revelaram que tiveram de enfrentar a incompreensão da escola em relação a seu estado, reprovando-as por faltas, o que diminuiu mais sua disposição de continuar os estudos. É o caso dessa adolescente de 16 anos de Belo Horizonte que está cursando o ensino fundamental:

*“Na primeira gravidez eu passei mal demais. Só parei (de ir à escola) quando estava perto de ganhar, porque eu não estava aguentando mais. Eu voltei para a mesma escola. Mas mesmo assim eles não estavam querendo me aceitar mais, porque eu faltei muito. Aí este ano eu tomei bomba”.*

<sup>9</sup> Informe Brasil – Gênero e Educação. Campanha Educação Não Sexista e Antidiscriminatória. Ação Educativa, Ecos – Comunicação e Sexualidade e Centro de Referência às Vítimas de Violência do Instituto Sedes Sapientiae/SP. São Paulo, 2011.

Algumas delas relataram ainda o sentimento de vergonha, provocado pelas reações negativas tanto da família quanto dos profissionais e dos colegas da escola. Parece existir uma discriminação em relação às adolescentes que engravidam, situação que pode fragilizar ainda mais a sua realidade, como mostram esses depoimentos da adolescente de Brasília, que abandonou a escola durante o ensino médio, e da de Fortaleza, que saiu do colégio ainda no ensino fundamental:

*“Eu parei (de ir à escola) porque engravidei e aí minha mãe não quis deixar eu ir para a escola, mas eu vou voltar. Pretendo. Ela falava que eu não ia para a escola para ninguém me ver grávida”.*

*“Saí do colégio porque engravidei. Aí, fiquei com vergonha de ir para o colégio. Os professores falam: ‘Ah, é muito nova, engravidou’. Essas coisas”.*

Entre os adolescentes pesquisados que afirmaram trabalhar, foram comuns os depoimentos justificando o abandono escolar em função das condições de trabalho ou mesmo em função das distâncias e dos horários. Para alguns adolescentes, é possível conciliar o trabalho e os estudos, para outros essa coexistência não se dá sem conflitos que são decisivos para a evasão escolar, como revelam esses depoimentos de dois adolescentes, um de Belo Horizonte e outro de Brasília, que abandonaram a escola no ensino médio:

*“Foi mais por causa do serviço mesmo. Eu chegava cansado, dormia tarde, no outro dia tinha que escutar o professor falar na cabeça da gente, aí eu dormia na sala. Direto eles chamavam a minha mãe lá, ela explicava. Então eu falei com minha mãe que não ia para escola mais não”.*

*“Foi a distância que me fez sair da escola. Eu saía da escola 23h30, ia para a parada de ônibus e pegava meia-noite, meia-noite e meia. Chegava em casa já tarde, no outro dia tinha que acordar cedo para ir trabalhar. A mesma rotina, foi me cansando aquilo. Ai eu acabei desistindo mesmo”.*

É importante ressaltar o que leva os adolescentes a escolher o mercado de trabalho em detrimento da escola. Segundo os depoimentos, ao ampliar seu leque de experiências sociais, incluindo a vida afetiva, aumentam suas demandas por maior auto-

**Diversos estudos mostram que o trabalho impacta negativamente na escolarização dos adolescentes: reduz a aprovação escolar, afeta o progresso educacional e aumenta a evasão escolar. Além disso, os adolescentes que trabalham e estudam têm desempenho inferior ao daqueles que só estudam**

nomia. Para uma grande parcela de adolescentes, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo, além de independência, como mostra esse depoimento de um adolescente de Santana do Riacho, que parou de estudar no 1º ano do ensino médio:

*“Parei de estudar no 1º ano para trabalhar, para conseguir ter as coisas mais rápido. Tem muita coisa que meu pai não pode me dar. Aí, saí fora da escola, mas, no ano que vem, entro de novo, no período da noite. Fica mais fácil trabalhar e estudar de noite”.*

Para outros, foi muito comum o discurso em torno da necessidade de sobrevivência e de ajuda à família. Além disso, a escola é pouco atrativa para os adolescentes, sendo marcada para alguns pela “chatice” e pelo cansaço em relação à fala ininterrupta dos professores, sem diálogo. É o que apontam uma adolescente de 16 anos de Belo Horizonte, que deixou a escola no 8º ano do ensino fundamental, e outro adolescente de Santana do Riacho, que abandonou a escola sem concluir o ensino médio:

“ Eu ia para o colégio só para bagunçar. Os professores tinham raiva de mim. A única matéria que eu gostava mesmo era Ciências. Ciências e Artes. Matemática para mim não. É porque eu não gostava de estudar mesmo. ”

**Adolescente de 17 anos, de Brasília, que abandonou a escola no ensino fundamental**

*“Tem aula que o professor é muito pegajoso, muito chato. Implica com você à toa, por causa de livro, por causa de tudo. Se você esquece um dia, tem que ir para a sala da diretora. Às vezes alguns dão chance. Outros, se já não vão com sua cara no primeiro dia, não dão chance nem nada. Aí, se eu não gostava da aula nem ia. Eu nem me animava em ir para a escola”.*

*“Tem muitos professores que fazem de conta que estão ensinando e alunos que fazem de conta que estão aprendendo”.*

Portanto, o apelo ao trabalho nessa idade correlaciona-se com uma escola sem sentido e desinteressante (*veja mais sobre o assunto no item Repensar a organização escolar, na página 83*).

Outro ponto levantado pelos adolescentes entrevistados como causa para a evasão escolar foi a falta de diálogo e de estímulo dos professores e da família.

## O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

A inclusão escolar dos adolescentes de 15 a 17 anos no ensino médio, para ser efetiva, precisa ser tratada com ações de curto prazo, para atender aqueles que

já se encontram nessa faixa etária e estão fora da escola, e de longo prazo, para evitar que mais crianças brasileiras, em especial aquelas vulneráveis à exclusão, sigam a trajetória de repetência e abandono ainda comum no cenário da educação pública brasileira.

De acordo com Romeu Caputo, secretário de Educação Básica do MEC entre janeiro de 2013 e fevereiro de 2014, o combate à exclusão no ensino médio deve ser tratado de forma geracional, ou seja, o processo deve ser iniciado desde a educação infantil. “Para termos todos os adolescentes de 15 a 17 anos no ensino médio, precisamos ampliar a cobertura na creche e na pré-escola, garantir a alfabetização das crianças na idade certa e melhorar muito o fluxo escolar. Assim, vamos garantir que os estudantes tenham um percurso escolar sem sobressaltos e consigam completar seus estudos na educação básica”, afirma. “Se eles tiverem uma trajetória mais adequada no seu processo educacional, seguramente vão parar de evadir.”

Para o contingente de adolescentes de 15 a 17 anos que estão fora da escola atualmente, as ações são mais pontuais, de acordo com Romeu Caputo. Entre elas está a construção de escolas em cidades que crescem muito rapidamente, em regiões periféricas e em algumas áreas do campo, para ampliar a oferta de vagas no ensino médio e atender à demanda crescente.

Outra ação é a busca ativa de adolescentes que estão fora da escola, especialmente os que estão cadastrados no Programa Bolsa Família, realizada pela Secretaria de Educação Básica (SEB) em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), também do MEC.

Segundo Caputo, nesse caso é preciso também ampliar a Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma vez que muitos desses adolescentes, quando voltam para a escola, já têm 18 anos ou mais, idade superior à adequada ao ensino médio regular. A exceção são os adolescentes que deixam a escola por um curto período, como nos casos de gravidez. No entanto, há uma grande parcela de adolescentes que, por falta de oferta de vagas no ensino médio regular, acabam por ingressar precocemente na EJA. De acordo com dados da Pnad 2011, 17.271 adolescentes de 17 anos cursavam a EJA de ensino médio.

“ Eu acho que a mãe tem que ficar mais por dentro. Quando eu estava na escola, minha mãe não ficava em cima. Aí eu comecei com malandragem, molecagem na escola. Minha mãe não olhava meu caderno. Acho que isso é essencial para qualquer pessoa que está começando a estudar. Meu primo é mais novo que eu e já está se formando agora, porque a mãe dele é formada e fica em cima dele, vendo se ele está estudando, olhando caderno e tudo. Eu acho que tem que ser assim. Acho que na família da gente tem que ter uma cobrança. Você pensa: ‘Mas minha mãe nunca olhou meus cadernos, nunca se preocupou de eu ir na escola’. Aí você pensa: ‘Eu não vou na escola mais não!’ ”

**Adolescente de Belo Horizonte que concluiu o ensino fundamental, mas abandonou a escola antes de começar o ensino médio**

### 3 Investir na relação educador-educando

O relacionamento entre o professor e o aluno é condição essencial para uma boa aula. Para a pesquisadora Inês Teixeira<sup>10</sup>, ele se constitui no coração da docência. Os alunos intuem essa centralidade e valorizam os professores que os reconhecem como sujeitos. Como mostra a pesquisa *Retratos da Juventude Brasileira*<sup>11</sup>, entre as pessoas que os adolescentes mais escutam estão os professores, atrás somente da mãe e do pai. Na publicação *O Ensino Médio no Brasil*<sup>12</sup>, Nora Krawczyk aponta que os docentes de ensino médio, ainda que não sejam tão idealizados como os professores do ensino fundamental, continuam sendo referência de motivação muito importante para os alunos: “Para os estudantes, o sentido da escola está bastante vinculado à sua integração escolar e à sua identificação com o professor. (...) Quanto ao interesse intelectual, na maioria dos casos, a atração ou a rejeição dos alunos por uma ou outra disciplina está vinculada à experiência e aos resultados escolares. A curiosidade por uma determinada disciplina também pode ser associada à atitude do docente: ao jeito de ensinar, à sua paciência com os alunos e à capacidade de estimulá-los”.

Quando um adolescente diz que não gosta de uma matéria, na verdade ele está manifestando que não gosta da forma como ela está sendo ensinada. “Essa relação entre o professor e a disciplina deveria ser levada muito mais em conta na educação. Tem se falado muito sobre o currículo no ensino médio ser elaborado com base nas escolhas dos alunos. Essas escolhas são muito mais determinadas por suas experiências escolares do que pelo que eles querem fazer quando forem adultos. E nesse processo o professor é uma figura fundamental”, afirma a pesquisadora.

No entanto, ainda que aparentemente pareça que estão em lados opostos, o professor e o aluno estão ambos insatisfeitos com a escola, sentindo-se não valorizados, não respeitados e não compreendidos.

Além das deficiências de infraestrutura das escolas, outra questão que interfere na relação professor-aluno é a dinâmica do trabalho docente. O professor acaba tendo que trabalhar em várias escolas, com muitas turmas e alunos. Dessa forma, não consegue estabelecer um vínculo com os estudantes, o que torna o ensino massificado e homogeneizado. Essa situação é prejudicial à educação, porque o adolescente está numa faixa etária em que necessita muito do diálogo e da capacidade de escuta do outro. Em geral, os alunos aprovam os professores exigentes, que utilizam diferentes recursos para explicar os conteúdos e têm disponibilidade para eles dentro e fora da sala de aula.

Além de não estabelecer um vínculo com os estudantes, os professores, ao atuar em várias escolas, não têm condições de trabalhar por área de conhecimento, como

<sup>10</sup> Inês Assunção de Castro Teixeira. *Da Condição Docente: Primeiras Aproximações Teóricas*. Educ. Soc., Campinas, v. 28, nº. 99, pp. 426-443, maio/ago. 2007.

<sup>11</sup> Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma Pesquisa Nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

<sup>12</sup> Nora Krawczyk. *O Ensino Médio no Brasil*. São Paulo: Ação Educativa, 2009.

preveem as diretrizes curriculares do ensino médio, segundo Mozart Neves Ramos, membro do Conselho de Governança do movimento Todos Pela Educação e diretor de Articulação e Inovação do Instituto Ayrton Senna.

## O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES

Grande parte dos adolescentes entrevistados nas diferentes cidades afirmou ter tido professores que fizeram a diferença na sua trajetória escolar e apontou características positivas desses profissionais.

Ao mesmo tempo, atribuíram as dificuldades que enfrentam em algumas matérias aos professores que as lecionam. Para os adolescentes, é o professor que faz a matéria ser interessante ou “chata”. Ou seja, eles estabelecem uma relação muito clara entre a postura do professor com os alunos, os métodos utilizados e as possibilidades de aprendizagem, como mostram esses depoimentos de dois adolescentes de Brasília que estão cursando o ensino fundamental:

*“A gente não tem nenhum interesse de ficar olhando para a cara de alguns professores. Aí a gente se desconcentra, começa a conversar com a amiga do lado, começa a fazer brincadeira. Por isso é que leva uma má nota às vezes em algumas matérias”.*

*“Tem dias que eu nem mato a aula, a aula é que me mata”.*

Os depoimentos mostram ainda que os alunos não estão dispostos a reconhecer a autoridade do professor como natural e óbvia. Se antes essa autoridade era legitimada pelo papel que o professor ocupava – de principal ator na visão clássica de socialização –, hoje ele precisa construir sua própria legitimidade entre os adolescentes. Mas isso não diminui sua importância na relação pedagógica. É o que revela esse depoimento de uma adolescente de Belo Horizonte cursando o ensino médio:

*“Acho que o professor tem que ter didática para dar aula, tem que saber lidar com jovem. Jovem é uma coisa muito chata, muito enjoado, insuportável. Se você chega e é brutal demais, ele vai te odiar para sempre. Se é mole demais, ele vai ficar bagunçando. Agora, se você está entre os dois termos, você vai adquirir um respeito. O professor não tem que falar que é superior ao aluno, ele não é superior, ele está ali simplesmente para passar uma coisa que você precisa”.*

“*(Os professores) ficavam no meu pé, mas era o trabalho deles, está certo! (...) Quando o professor pega no pé, querendo ou não você aprende alguma coisa. Mais pra frente, se você precisar, você vai lembrar daquele professor, que ficou enchendo o saco, mas ajudou. Querendo ou não, esse foi um professor bom.*”

**Adolescente de São Paulo que está cursando o ensino fundamental**

As entrevistas com os adolescentes revelam que nas escolas existem professores com as mais diversas posturas, tanto em relação ao ensino e suas funções como em relação ao posicionamento diante dos alunos. A postura do professor, tanto no discurso quanto no comportamento, acaba por produzir normas e escalas de valores com base nas quais classifica os alunos e a própria turma, comparando, hierarquizando, valorizando, desvalorizando, influenciando na criação de imagens e estereótipos que têm uma grande influência, positiva ou negativa, no processo de ensino e aprendizagem.

Por sua vez, os alunos também classificam os professores de acordo com sua postura. Alguns deles fazem reclamações relacionadas à falta de com-

promisso e ao pouco investimento na qualidade das aulas. Outros criticam o desrespeito e mesmo a humilhação a que são submetidos muitas vezes pelos professores, resultado da inexistência de regras estáveis que regulem essa relação, como revelam esses depoimentos de um adolescente de Belém e de outro de Belo Horizonte, que concluíram o ensino fundamental, mas abandonaram a escola antes de começar o ensino médio:

*“Acho errado o professor já ‘sentar’ o conteúdo e pronto. Deveria ter mais diálogo com os alunos, né? Às vezes, eles já chegam gritando. Não sabem o que está acontecendo”.*

*“Tem alguns professores que explicam a matéria, e se você fala que não entendeu, eles não querem nem saber. Não prestou atenção, então, pronto! E você estava na aula, prestando atenção. E se você não entendeu, eles falam que você estava fazendo bagunça, sendo que você estava quieto”.*

Além disso, os adolescentes entrevistados nas diferentes cidades reclamam que não são ouvidos na escola, tanto pelos professores quanto pela gestão. Segundo

eles, a escola e os professores não abrem espaços para os alunos se manifestarem, principalmente em relação à avaliação dos docentes. Na opinião deles, existe uma postura de “infantilizá-los”, não os considerando interlocutores válidos sobre o cotidiano escolar, do qual são parte integrante. É o que revela esse depoimento de um adolescente de 15 anos de Belo Horizonte, aluno do 9º ano do ensino fundamental:

“ Na minha escola alguns professores não têm interesse nenhum de ir para a aula. Isso influencia muito a gente também. Temos que ver que o professor quer ensinar a gente, porque senão não há interesse nenhum, você vai ficar lá olhando para o teto. Também tem muitos professores que ensinam só brincando, e isso é uma coisa muito boa, porque a gente fica feliz.

Eles se divertem com a gente. É uma amizade entre aluno e professor, mas tem uns professores que são insuportáveis, ficam só gritando na sala. ”

**Adolescente de Brasília  
que está cursando o ensino  
fundamental**

*“Na minha escola teve época que todo mundo arrumou um caderninho brochurão, que é baratinho, para fazer um abaixo-assinado para tirar certos professores da escola. A gente levou na diretoria o caderno quase cheio, praticamente todo mundo da escola assinou, querendo tirar aquele professor, já que ele não ensinava, não fazia nada. Aí mesmo assim nunca adiantou, nem deram resposta”.*

Nesta pesquisa, ouvimos os alunos. Se tivéssemos escutado os professores, qual seria o resultado? No caso dos alunos, é importante entender as críticas aos professores no contexto mais amplo do sistema de ensino público no Brasil, e especificamente no ensino médio. O professor, na sua relação com o aluno, expressa de alguma forma a instituição e o próprio sistema de ensino, com todos os seus problemas e suas dificuldades. Ou seja, boa parte das críticas dos adolescentes se refere à estrutura escolar, com seus tempos e espaços rígidos, e uma cultura que dificulta as transformações. O professor também enfrenta o problema da motivação para o trabalho escolar, em razão das condições precárias que encontra. Assim, professores e alunos se culpam mutuamente, gerando um círculo vicioso no qual é o adolescente que tende a sair perdendo.

## O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

A complexidade da relação aluno-professor, acentuada pelas mudanças em curso no âmbito da educação pública, exige cada vez mais dos docentes habilidades que eles não possuem e não têm sido contempladas em sua formação (*veja mais sobre o assunto no item Valorizar o professor, na página 70*). Esse cenário coloca a necessidade de mudar a formação dos professores, de acordo com Mozart Neves Ramos, do Conselho de Governança do movimento Todos Pela Educação.

Necessariamente isso exige uma mudança nas universidades, que são responsáveis por essa tarefa. “Se o ensino superior não criar uma agenda com o ensino médio e com a educação básica, de maneira geral, não vai haver mudança. A universidade está formando o professor para algo que ela não entende. É preciso haver um diálogo entre a escola e a universidade, uma ponte entre as licenciaturas e a escola”, alerta. Segundo Ramos, a formação do professor é imprescindível para colocar em prática um modelo de interdisciplinaridade, sempre com foco na prática de sala de aula, por exemplo, com a criação de uma residência docente.

É preciso ainda, de acordo com o especialista, avançar na busca de estratégias para a fixação dos professores na escola. Entre elas destaca-se a concentração do trabalho dos docentes numa mesma instituição, em tempo integral. “É importante que o professor atue em uma única escola, para que possa planejar suas atividades de maneira organizada e criativa, de forma que os conteúdos se articulem e que o aluno possa ter uma visão interdisciplinar daquilo que está estudando”, aponta.

O trabalho numa única escola faz com que o professor se identifique e se envolva mais com a instituição e com os alunos, o que, como foi visto, é fundamental para a aprendizagem dos adolescentes. Também é importante que a questão da jornada de trabalho seja revista, incluindo o tempo que o professor utiliza fora da sala de aula para atender os alunos e em outras atividades relacionadas ao ensino.

#### 4 Valorizar o professor

Outro problema sério da educação brasileira, que aparece também no ensino médio, é a não valorização dos profissionais de educação, que se manifesta nas deficiências na formação dos professores, nas más condições de trabalho e na falta de remuneração adequada.

As escolas brasileiras de ensino médio carecem de professores com formação adequada, assim como ocorre nas outras etapas da educação básica. Os dados do Censo Escolar 2012 mostram que, nas cidades, 51% dos professores do ensino médio têm curso superior com Licenciatura, o nível exigido pela legislação para lecionar nessa etapa. Na zona rural, o percentual é de 49,5% (veja tabela 2, na página ao lado).

De fato, a formação vem melhorando, como mostram dados da publicação da Semana de Ação Mundial 2013: entre 2010 e 2011 a proporção de professores com ensino superior que

lecionam na educação básica cresceu 7,6%. No entanto, os números do Censo Escolar indicam que o país tem um grande desafio a superar para oferecer uma educação de qualidade a seus adolescentes, já que quase a metade dos professores brasileiros ainda não tem a titulação necessária para atuar em sala de aula.

Também faltam professores para o ensino médio no país, particularmente nas disciplinas de Física, Química, Matemática e Biologia<sup>13</sup>. Entre as causas da escassez estão a insuficiência no número de vagas nos cursos de Licenciatura e a alta evasão registrada nesses cursos. Com isso, o número de ingressantes na profissão é cada vez menor, fato agravado pela perda de profissionais por aposentadoria e por baixa remuneração.

Há ainda deficiências na formação. Os professores, em especial os especialistas, têm pouco contato com as questões pedagógicas durante seu curso de formação e não são preparados de forma adequada para lidar com as particularidades dos alunos que começam a entrar ou já entraram na adolescência<sup>14</sup>.

“ Não adianta o professor ter duas faculdades, ter profissionalização, se ele não sabe passar para os alunos o que significa isso. Então o professor tem que saber explicar também a matéria, não é só ter faculdade não. ”

**Adolescente de Belo Horizonte que abandonou a escola no ensino médio**

<sup>13</sup> Antonio Ibañez Ruiz, Mozart Neves Ramos e Murílio Hingel. *Escassez de Professores no Ensino Médio: Propostas Estruturais e Emergenciais*. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, MEC, Brasília, 2007.

<sup>14</sup> *Anos Finais do Ensino Fundamental: Aproximando-se da Configuração Atual*. Fundação Victor Civita e Fundação Carlos Chagas. São Paulo, julho de 2012.

TABELA 2

Nível de formação dos professores do ensino médio (em %) por localização (2012)<sup>1</sup>

| REGIÃO       | UF      | URBANO             |                    |                      |                           |                |                       | RURAL              |                    |                      |                           |                |                       |
|--------------|---------|--------------------|--------------------|----------------------|---------------------------|----------------|-----------------------|--------------------|--------------------|----------------------|---------------------------|----------------|-----------------------|
|              |         | Número de docentes | Leigo <sup>2</sup> | Médio com Magistério | Superior com Licenciatura | Especialização | Mestrado ou doutorado | Número de docentes | Leigo <sup>2</sup> | Médio com Magistério | Superior com Licenciatura | Especialização | Mestrado ou doutorado |
| NORTE        | AC      | 1.481              | 9,0                | 0,6                  | 61,4                      | 27,1           | 1,9                   | 468                | 8,5                | 5,1                  | 72,9                      | 13,2           | 0,2                   |
|              | AM      | 5.992              | 7,1                | 0,4                  | 64,6                      | 25,4           | 2,5                   | 1.546              | 3,4                | 4,5                  | 76,9                      | 14,3           | 0,9                   |
|              | AP      | 1.818              | 10,3               | 1,4                  | 58,2                      | 28,7           | 1,4                   | 331                | 9,1                | 1,8                  | 60,1                      | 27,5           | 1,5                   |
|              | PA      | 13.213             | 11,0               | 0,5                  | 57,6                      | 28,0           | 3,0                   | 1.972              | 10,3               | 0,6                  | 65,3                      | 22,7           | 1,1                   |
|              | RO      | 3.729              | 8,8                | 0,6                  | 50,1                      | 39,0           | 1,5                   | 713                | 11,5               | 1,7                  | 48,0                      | 37,6           | 1,3                   |
|              | RR      | 972                | 11,4               | 4,6                  | 40,0                      | 38,8           | 5,1                   | 589                | 24,1               | 21,6                 | 41,1                      | 12,2           | 1,0                   |
|              | TO      | 3.627              | 7,2                | 0,7                  | 61,5                      | 29,4           | 1,2                   | 524                | 16,2               | 6,1                  | 57,6                      | 18,9           | 1,1                   |
|              | REGIÃO  | 30.832             | 9,4                | 0,7                  | 58,2                      | 29,3           | 2,4                   | 6.143              | 10,3               | 4,6                  | 63,5                      | 20,5           | 1,0                   |
| NORDESTE     | AL      | 5.112              | 19,2               | 5,3                  | 47,3                      | 25,1           | 3,1                   | 465                | 7,5                | 8,0                  | 53,1                      | 31,0           | 0,4                   |
|              | BA      | 30.227             | 47,0               | 4,6                  | 25,8                      | 21,1           | 1,5                   | 3.945              | 36,1               | 12,5                 | 33,0                      | 17,1           | 1,3                   |
|              | CE      | 17.521             | 10,6               | 0,2                  | 61,9                      | 25,9           | 1,4                   | 1.512              | 5,5                | -                    | 69,6                      | 22,9           | 2,1                   |
|              | MA      | 14.554             | 10,6               | 5,7                  | 52,2                      | 29,9           | 1,7                   | 4.202              | 9,4                | 10,8                 | 50,7                      | 27,7           | 1,4                   |
|              | PB      | 9.347              | 18,6               | 3,0                  | 51,3                      | 23,4           | 3,7                   | 672                | 18,8               | 2,2                  | 45,8                      | 29,8           | 3,4                   |
|              | PE      | 20.013             | 11,1               | 2,2                  | 48,8                      | 35,9           | 1,9                   | 2.167              | 11,7               | 5,1                  | 48,1                      | 33,0           | 2,1                   |
|              | PI      | 10.129             | 15,4               | 4,0                  | 52,8                      | 26,4           | 1,4                   | 1.622              | 14,9               | 7,0                  | 56,4                      | 21,5           | 0,2                   |
|              | RN      | 6.367              | 14,9               | 1,5                  | 55,6                      | 23,7           | 4,3                   | 527                | 17,1               | 1,1                  | 54,1                      | 23,3           | 4,4                   |
|              | SE      | 4.313              | 7,5                | 0,6                  | 54,5                      | 34,0           | 3,3                   | 703                | 13,9               | 1,1                  | 48,6                      | 30,7           | 5,5                   |
| REGIÃO       | 117.583 | 21,6               | 3,2                | 46,3                 | 26,9                      | 2,0            | 15.815                | 17,4               | 7,8                | 48,2                 | 24,9                      | 1,8            |                       |
| SUDESTE      | ES      | 8.404              | 40,9               | -                    | 30,5                      | 25,6           | 2,9                   | 896                | 34,9               | 0,1                  | 24,1                      | 36,5           | 4,4                   |
|              | MG      | 53.975             | 11,5               | 0,1                  | 53,6                      | 32,5           | 2,4                   | 3.988              | 14,5               | 0,3                  | 62,1                      | 21,0           | 2,1                   |
|              | RJ      | 41.616             | 13,3               | 1,1                  | 68,5                      | 12,9           | 4,2                   | 2.133              | 10,6               | 0,4                  | 72,0                      | 14,8           | 2,3                   |
|              | SP      | 112.942            | 18,2               | 0,4                  | 59,4                      | 19,8           | 2,2                   | 3.372              | 19,6               | 0,6                  | 59,4                      | 19,1           | 1,4                   |
|              | REGIÃO  | 216.937            | 16,5               | 0,4                  | 58,6                      | 21,9           | 2,7                   | 10.389             | 17,1               | 0,4                  | 60,0                      | 20,4           | 2,1                   |
| SUL          | PR      | 34.256             | 11,1               | -                    | 18,3                      | 66,0           | 4,6                   | 3.988              | 8,1                | 0,1                  | 21,2                      | 68,8           | 1,8                   |
|              | RS      | 28.021             | 10,7               | 0,6                  | 49,8                      | 34,2           | 4,8                   | 3.075              | 11,1               | 0,6                  | 44,2                      | 40,3           | 3,9                   |
|              | SC      | 15.727             | 19,7               | 1,2                  | 33,5                      | 41,2           | 4,4                   | 1.490              | 19,5               | 1,1                  | 31,3                      | 44,6           | 3,6                   |
|              | REGIÃO  | 78.004             | 12,7               | 0,5                  | 32,7                      | 49,6           | 4,6                   | 8.553              | 11,1               | 0,5                  | 31,2                      | 54,3           | 2,9                   |
| CENTRO-OESTE | DF      | 4.795              | 12,3               | 0,1                  | 55,3                      | 27,4           | 5,0                   | 181                | 21,0               | -                    | 44,8                      | 27,1           | 7,2                   |
|              | GO      | 14.845             | 13,9               | 0,9                  | 66,5                      | 16,8           | 1,8                   | 719                | 29,6               | 0,8                  | 51,9                      | 14,6           | 3,1                   |
|              | MS      | 6.401              | 6,6                | -                    | 58,9                      | 31,7           | 2,7                   | 955                | 8,6                | 0,4                  | 62,0                      | 26,9           | 2,1                   |
|              | MT      | 8.154              | 41,9               | 0,2                  | 30,0                      | 26,5           | 1,4                   | 2.214              | 42,1               | -                    | 36,3                      | 20,3           | 1,3                   |
|              | REGIÃO  | 34.195             | 19,0               | 0,5                  | 54,8                      | 23,4           | 2,4                   | 4.069              | 31,1               | 0,3                  | 45,5                      | 21,2           | 2,0                   |
| BRASIL       | 477.551 | 16,8               | 1,1                | 51,0                 | 28,2                      | 2,8            | 44.969                | 16,4               | 3,6                | 49,5                 | 28,5                      | 2,0            |                       |

Fonte: elaborado com base nos microdados do Curso Escolar 2012 fornecidos pelo o Inep

Notas: 1) Um professor pode atuar simultaneamente em mais de uma escola, inclusive sendo uma urbana e outra rural. Portanto, pode ser contado duas vezes na análise apresentada no quadro.

2) Leigo: ensino fundamental ou sem formação para atuar como professor (médio sem Magistério ou superior sem Licenciatura).

Considerando que a formação é a mesma para os professores que atuam nos anos finais do ensino fundamental e no médio, essas questões são comuns aos dois grupos de docentes. E a formação continuada não tem atendido a essa demanda.

Outro problema que também desestimula os professores já em atuação e afasta os universitários da carreira docente é a falta de remuneração adequada. De acordo com o artigo “Remuneração e características do trabalho docente no Brasil: um aporte dos dados do Censo Escolar e da Pnad”<sup>15</sup>, o rendimento médio dos professores é menor que o de profissionais com nível de formação equivalente, conforme uma análise dos microdados da Pnad 2009. Segundo os autores, o rendimento de um professor que atua no ensino médio, com formação em nível superior, corresponde a cerca da metade daquele obtido por profissionais como economistas, contadores ou advogados, que não têm formação ou jornada de trabalho que justifiquem essa diferença.

“A minha professora de Português não explicava a matéria para a gente e, quando explicava, ninguém entendia. Ela chegava, botava a tarefa no quadro e a gente tinha que se virar para fazer. E ela ficava sentada até terminar a aula. No final das contas, ninguém aprendia Português.”

**Adolescente de Fortaleza que abandonou a escola no ensino médio**

O artigo também revela que os professores de ensino médio compõem o grupo de ocupações com menores rendimentos entre as profissões de nível superior, e que algumas ocupações técnicas, inclusive sem nível de formação definida, oferecem remuneração melhor que a docência (como corretores de imóveis e fiscais de tributação). Segundo os autores, considerando a meta constante no novo Plano Nacional de Educação (PNE), sancionado em junho de 2014, de que os rendimentos dos professores se aproximem daqueles recebidos por profissionais com nível de formação equivalente, isso significa praticamente dobrar os atuais salários médios da profissão.

A desmotivação causada pelos baixos salários e pelas más condições da escola tem como um de seus reflexos mais visíveis o elevado número de faltas de professores registrado pela rede pública de ensino. E essa situação acaba por tornar a escola ainda mais desinteressante para os alunos.

“Há uma espécie de naturalização dessa situação, que faz com que já não chame a atenção nem dos diretores nem dos alunos o fato de que dois ou três professores faltem em cada turno”, alerta Nora Krawczyk<sup>16</sup>. “O absentismo frequente dos professores, justificado pela insatisfação com suas condições de trabalho, gera um clima de baixa produção na escola: alunos fora da sala e desanimados, diretores e/ou coordenadores tentando suprir a ausência do docente com atividades lúdicas etc.”, completa.

<sup>15</sup> Thiago Alves e José Marcelino de Rezende Pinto. *Caderno de Pesquisas*, Fundação Carlos Chagas, v. 41, nº 143, maio/ago 2011.

<sup>16</sup> Nora Krawczyk. “A escola média: um espaço sem consenso.” *Cadernos de Pesquisa* nº 120, São Paulo/SP, novembro 2003.

## O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES

---

Os adolescentes entrevistados pela pesquisa nas diferentes cidades brasileiras, apesar de fazer muitas reclamações sobre os professores, seja à forma de ensinar, seja à postura deles em sala de aula, como apresentado anteriormente, reconhecem as dificuldades enfrentadas pelos docentes no seu cotidiano.

Vários deles declararam que os professores deveriam ter melhores salários e receber mais qualificação para ensinar melhor os seus alunos. É o que aponta este adolescente de Brasília que cursa o ensino fundamental:

*“(Para melhorar a escola é preciso) um professor que ensine mais. Acho que, para eles ensinarem melhor, é só com o salário deles aumentando”.*

Alguns reconheceram o esforço pessoal de alguns professores que, apesar das precárias condições das escolas, buscavam alternativas para melhorar a aprendizagem dos alunos. Outros apontaram também o mau comportamento dos alunos e sua falta de interesse como fatores de desestímulo para o professor, como esse adolescente de Brasília que abandonou a escola no ensino médio:

*“Tem aluno que não coopera com o professor, o professor está falando e o aluno conversando, jogando bolinha, fazendo bagunça”.*

## O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

---

Uma das ações em curso para melhorar a qualificação dos professores da educação básica, incluindo os do ensino médio, é o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), lançado em 2009. O plano consiste na oferta de cursos de Licenciatura e Pedagogia para professores que atuam no sistema de ensino público ainda sem a formação adequada, para aqueles que já possuem formação em Licenciatura, mas lecionam em área diferente, e para graduados não licenciados que são docentes na rede pública.

Os cursos são oferecidos por universidades federais, universidades estaduais e institutos federais parceiros, tanto na modalidade presencial como a distância. O acompanhamento e a gestão do plano são feitos pelo MEC por meio de um sistema eletrônico, a Plataforma Paulo Freire, gerido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Nesse sistema, os professores da rede pública de educação básica têm acesso à relação dos cursos superiores oferecidos pelas instituições de ensino superior e podem fazer sua pré-inscrição, que depois deve ser validada pelas secretarias municipais e estaduais de Educação para que as matrículas sejam efetivadas.

No que diz respeito à melhoria de remuneração, como o salário dos professores responde por mais da metade dos custos de uma rede de ensino, é necessário ampliar de forma significativa os gastos públicos com educação no país, segundo Thiago Alves e José Marcelino de Rezende Pinto<sup>17</sup>. Além disso, os pesquisadores apontam a importância de que seja determinado por lei federal “um patamar mínimo de horas a ser contempladas nos planos de carreira docente e que correspondam às atividades de planejamento, preparação de aulas, visitas às famílias e correção de provas e trabalhos”<sup>18</sup>, já que a jornada de trabalho de um professor vai além do tempo que ele passa em sala de aula. Dessa forma, será estimulada a dedicação exclusiva à docência, o que tem impacto na qualidade da educação. Segundo Rezende Pinto, a nova lei do piso salarial contempla parcialmente esse aspecto, com a fixação de um mínimo de horas para essas atividades. Faltou, contudo, definir seu local de realização. “Se isso não ocorrer, corre-se o risco, em função da baixa remuneração, que o tempo seja usado para ministrar mais aulas”, afirma.

## 5 Levar em conta a diversidade do público e dos contextos

Nos últimos anos, registrou-se uma ampliação significativa do acesso à escola no ensino médio. A expansão é representada pela evolução no número de matrículas e na taxa de escolarização líquida dos adolescentes de 15 a 17 anos no país (*veja mais sobre o tema no item Trazer para a sala de aula os excluídos do ensino médio, na página 60*).

Esse quadro se deve principalmente à correção do fluxo escolar no ensino fundamental, que tem possibilitado a diminuição da idade dos concluintes dessa etapa da educação básica e sua progressão para o ensino médio, e às exigências cada vez maiores do mercado de trabalho, que fazem com que os adolescentes e os jovens busquem ampliar sua escolarização<sup>19</sup>. Também contribui para esse cenário a inclusão escolar das camadas mais vulneráveis da população, em razão da implantação de programas sociais que contemplam também os adolescentes de 15 a 17 anos, como o Bolsa Família.

Com isso, o público atendido pelo ensino médio no país é cada vez mais heterogêneo, tanto no que diz respeito às condições socioeconômicas quanto em relação às faixas etárias, tendo em vista as altas taxas de distorção idade-série que ainda persistem na educação básica (*veja mais sobre o perfil dos alunos no ensino médio no capítulo 1*).

Assim, o ensino médio, que antes era voltado basicamente às classes média e alta e que, por isso, tinha como foco principal o ingresso na educação superior, passou a receber as demandas dos adolescentes das camadas populares, cujas necessidades são outras – socialização, preparação para o mercado profissional etc.

<sup>17</sup> Thiago Alves e José Marcelino de Rezende Pinto. “Remuneração e características do trabalho docente no Brasil: um aporte dos dados do Censo Escolar e da Pnad”. *Caderno de Pesquisas*, Fundação Carlos Chagas, v. 41, nº 143, maio/ago 2011.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Nora Krawczyk. “A escola média: um espaço sem consenso”. Faculdade de Educação da Unicamp. *Cadernos de Pesquisa* nº 120, São Paulo/SP, novembro 2003.

Além disso, estudos realizados pela pesquisadora Maria Luiza Canedo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), evidenciam que as famílias com baixa escolaridade tendem a apresentar maiores dificuldades em compreender e lidar com a cultura escolar e suas regras, em elaborar projetos educacionais que se concretizam na busca de melhores escolas, na valorização e na aquisição de livros, em acompanhar a rotina escolar dos filhos bem como valorizar as tarefas escolares, fatores que podem contribuir para a produtividade escolar<sup>20</sup>.

A definição do perfil dos alunos do ensino médio noturno é ainda mais complexa. Levantamento realizado em 2003 em algumas redes estaduais de ensino no âmbito da pesquisa *Acompanhamento e Avaliação Interativa da Implantação das Novas Políticas de Gestão de Ensino Médio*, coordenada por Dagmar Zibas, da Fundação Carlos Chagas, e por Nora Krawczyk, mostrou que há a percepção entre os professores de que os estudantes do noturno, que trabalham ou buscam uma atividade profissional, têm menor poder aquisitivo e pouco tempo e interesse em estudar. Outros professores declararam que esses alunos são mais maduros e interessados que os do diurno, porque eles não querem perder tempo<sup>21</sup>.

Por outro lado, a pesquisa mostra que muitos alunos trabalham não só para sua sobrevivência e da sua família mas também pelo desejo de independência econômica e de acesso ao consumo (*veja mais no item Trazer para a sala de aula os excluídos do ensino médio, na página 60*). Além disso, o noturno é procurado por adolescentes que têm maior afinidade com o clima mais descontraído desse turno ou querem mais tempo livre para fazer outras coisas. Às vezes, o trabalho é resultado da frequência à escola noturna, incentivado pelos pais, para que os adolescentes ocupem seu tempo livre e não fiquem na rua<sup>22</sup>.

No entanto, a escola de ensino médio não está preparada para lidar com uma realidade muito mais complexa do que aquela para qual foi pensada. Hoje os jovens têm necessidades diferentes, e o processo de conhecimento também é muito distinto.

## O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES

Os contextos familiares e pessoais dos adolescentes ouvidos pela pesquisa são muito diversificados, variando desde extremos como a vivência do cuidado e

“ Na minha família só tem gente que mexe com coisas erradas. Aí dá até desânimo de estudar. Eu ia para a escola. Até a 5ª série eu ia, estudava, era a melhor aluna. Mas depois foi dando um desgosto de ir para a escola (*porque*) minha mãe usa drogas. ”

**Adolescente de Brasília, de 15 anos, que parou de estudar durante o ensino médio**

<sup>20</sup> Maria Luiza Canedo. "Possibilidades e limites de uma escola pública: percepções de famílias populares". *Revista Luso Brasileira de Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio. Edição especial, 2012.

<sup>21</sup> Nora Krawczyk. "A escola média: um espaço sem consenso". Faculdade de Educação da Unicamp. *Cadernos de Pesquisa* nº 120, São Paulo/SP, novembro 2003.

<sup>22</sup> Idem.

do estímulo constantes até as mais diversas experiências desagregadoras de violência doméstica. Este é o caso dessa adolescente de Brasília que abandonou a escola durante o ensino médio:

*“A primeira vez que eu reprovei foi por causa do meu pai. Ele batia muito na minha mãe e a gente teve que se mudar. Ele ia atrás dela em todo lugar em que a gente morava e batia nela. Aí gente teve que mudar e eu tive que parar de ir para a escola”.*

Também é comum a experiência do trabalho, que para muitos deles aparece como uma realidade desde muito cedo em ocupações as mais variadas. Alguns ficam com o salário, outros o dividem com a família. O lazer é bem diferenciado, quase sempre restrito, devido à falta de recursos.

**“O problema já não é nem briga na minha escola, é homicídio mesmo! Mataram um menino na porta da escola. O menino pulou o muro da escola para poder dar tiro, deu tiro em aluno, em professor, na minha prima. Muita gente desanimou de estudar nessa escola por causa disso. Eu também. Porque lá (tem) encontro, eles se encontravam para a guerra. Na porta da escola ficava a polícia e não adiantava. Os alunos ficavam morrendo de medo e os policiais não faziam nada.”**

**Adolescente de Belo Horizonte que abandonou a escola após concluir o ensino fundamental**

Os depoimentos nas diferentes cidades mostram que as condições econômicas, culturais e sociais influem na definição das trajetórias escolares dos adolescentes pesquisados, ainda mais quando são ressaltadas pela vulnerabilidade social, com condições precarizadas de moradia e do próprio território, carente de equipamentos públicos mínimos como suporte na socialização dos filhos.

Em um mesmo grupo, havia estudantes cujos pais e mães apresentavam baixa escolaridade e outros com parentes (irmãos, padrastos, tios etc.) que cursavam o ensino superior. Nos depoimentos, fica evidente que a escolaridade dos pais é outro fator que interfere na trajetória escolar dos adolescentes pesquisados, sendo que a presença da mãe é mais marcante na sua socialização. Um exemplo é esse depoimento de um adolescente de Belo Horizonte que está cursando o ensino médio:

*“Lá em casa minha irmã é formada em Letras. Minha mãe acho que parou na 8ª série, não lembro direito. Em vez de falar para eu seguir o exemplo dela, ela fica falando para a gente seguir mais o exemplo da (minha irmã) Lilian. Lá em casa, comigo, somos nove, a metade gosta de estudar e a outra metade não. Eu tenho um irmão que faz faculdade, tenho essa irmã que é formada, uns nem têm 8ª série. Então é muito desigual mesmo”.*

A grande maioria dos adolescentes pesquisados está inserida em famílias nas quais ocorre uma diferença geracional significativa, com os pais apresentando pouca escolaridade e os irmãos com escolaridades diferenciadas. Vários desses jovens tenderam a explicar a baixa escolaridade dos pais pelas dificuldades de acesso à escola e pela pobreza, o que serve para reforçar o discurso da maioria dos pais sobre a importância de os filhos continuarem os estudos para não ter uma vida de dificuldade como a deles, enfatizando uma relação direta entre a escola e o mercado de trabalho. É o caso desses depoimentos de uma adolescente de São Paulo e outra de Belém que cursam o ensino fundamental:

*“A minha mãe me criticou bastante quando eu saí da escola, porque para ela o estudo é tudo. Porque minha mãe não teve estudo, ela veio lá de Pernambuco mesmo. Trabalha de faxineira”.*

*“Eles (meus pais) falam: ‘Minha filha, não precisa trabalhar’. Minha mãe é feirante e meu pai é açougueiro. ‘Não que o nosso trabalho não seja digno, mas tu podes ter uma coisa melhor, dar para os teus filhos o que a gente não te deu’. E por mais que a gente passou dificuldade assim, eu tive praticamente tudo. Eles falam que um dia eu vou estar num lugar melhor se eu continuar a estudar”.*

## O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

Para eliminar as desigualdades que ainda persistem na educação e tornar o ensino médio de fato relevante para os adolescentes brasileiros, de forma que o aprendizado se efetive, é preciso que a escola e os currículos estejam mais vinculados à realidade, às necessidades, aos valores e aos interesses dos estudantes dessa etapa da educação básica (*veja mais sobre o assunto no item Definir uma identidade para o ensino médio, na página 90*). É preciso levar em conta o contexto em que estão inseridos e as dificuldades que enfrentam para ter acesso e permanecer na escola.

Além disso, é fundamental que os sistemas públicos de ensino reconheçam, respeitem e efetivem o direito à educação específica, diferenciada, intercultural, comunitária e de qualidade para todos também no ensino médio, em especial para as populações mais atingidas pela exclusão escolar, como indígenas, quilombolas e com deficiência (*veja mais no quadro Diversidade e educação*). O objetivo deve ser garantir o direito de todos os adolescentes de concluir toda a educação básica, prosseguindo seus estudos no ensino superior ou ingressando de forma mais qualificada no mercado de trabalho.

## 6 Enfrentar a discriminação, a violência e o bullying

A discriminação racial é uma das principais barreiras que os adolescentes brasileiros enfrentam para ter garantido seu direito à educação. Do total de excluídos do ensino médio, a maioria é negra. A população negra também é a mais afetada pela repetência e pelo abandono (*veja mais sobre o assunto no capítulo 1*).

Embora significativos, os números não revelam toda a dimensão da discriminação sobre o desempenho escolar. Segundo a publicação *Informe Brasil – Gênero*

# DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO

Um dos principais desafios das políticas educacionais é ampliar o acesso ao ensino médio dos grupos mais excluídos da população, como os indígenas, os quilombolas e os adolescentes com deficiência.

Os dados do Censo Escolar 2012 mostram que a maior parte do número de matrículas nas áreas indígenas e remanescentes de quilombos e em assentamentos de reforma agrária ainda se concentra no ensino fundamental, com mais de 70% do total na educação básica. Mas entre 2011 e 2012 o ensino médio teve um aumento expressivo nas áreas remanescentes de quilombo. Nas áreas indígenas, registrou-se uma diminuição no número de matrículas nessa etapa de ensino, porém um aumento na educação de jovens e adultos e na educação especial (*veja tabelas abaixo*).

TABELA 3

### Número de matrículas na educação indígena por modalidade e etapa de ensino – Brasil (2007-2012)

| ANO         | MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA POR MODALIDADE E ETAPA DE ENSINO |                   |                    |               |             |              |  |                                    |                   |
|-------------|--|-------------------|--------------------|---------------|-------------|--------------|--|------------------------------------|-------------------|
|             | Total geral  | Educação infantil | ENSINO REGULAR     |               |             |              |  | EJA (presencial e semi-presencial) | Educação especial |
|             |  |                   | ENSINO FUNDAMENTAL |               |             | Ensino médio | Educação profissional (concomitante e subsequente) |                                    |                   |
|             |  |                   | Total              | Anos iniciais | Anos finais |              |  |                                    |                   |
| 2007        | 208.205  | 18.389            | 151.323            | 112.673       | 38.650      | 14.987       | -  | 23.403                             | 103               |
| 2008        | 205.871  | 20.281            | 151.788            | 112.358       | 39.430      | 11.466       | 1.367  | 20.766                             | 203               |
| 2009        | 229.945  | 22.537            | 164.727            | 117.119       | 47.608      | 19.021       | 152  | 23.343                             | 165               |
| 2010        | 246.793  | 22.048            | 175.032            | 119.597       | 55.435      | 27.615       | 1.021  | 20.997                             | 80                |
| 2011        | 243.599  | 23.782            | 175.098            | 121.167       | 53.931      | 19.193       | 1.639  | 23.794                             | 93                |
| 2012        | 234.869  | 22.856            | 167.338            | 113.495       | 53.843      | 17.586       | 824  | 26.022                             | 243               |
| Δ%2011/2012 | -3,6   | -3,9              | -4,4               | -6,3          | -0,2        | -8,4         | -49,7  | 9,4                                | 161,3             |

Fontes: MEC/Inep/Deed

Notas: Não inclui matrículas em turmas de atendimento complementar e atendimento educacional especializado (AEE)

Ensino médio: Inclui matrículas no ensino médio integrado à educação profissional e no ensino médio normal/Magistério

Educação especial classes comuns: as matrículas já estão distribuídas nas modalidades de ensino regular e/ou educação de jovens e adultos

EJA: Inclui matrículas de EJA presencial, EJA presencial de nível fundamental, ProJovem (Urbano) e EJA Integrada à educação profissional de nível fundamental e médio

e Educação, “o racismo na escola se concretiza por meio não só de atitudes ativas (agressões, humilhações, apelidos, violências físicas) mas de forma mais ‘sutil’ por meio da falta de reconhecimento e de estímulo, da negação de uma história de resistência do povo negro no Brasil e de suas identidades, da desatenção, da distribuição desigual de afeto e da baixa expectativa positiva por parte dos profissionais de educação com relação ao desempenho de crianças, adolescentes e adultos negros”<sup>23</sup>.

23 Campanha Educação Não Sexista e Antidiscriminatória. Ação Educativa, Ecos - Comunicação e Sexualidade e Centro de Referência às Vítimas de Violência do Instituto Sedes Sapientiae/SP, São Paulo, 2011.

Segundo o *Resumo Técnico do Censo Escolar da Educação Básica 2012*, para aumentar a oferta de ensino médio nessas áreas é preciso implantar políticas públicas que considerem a territorialidade, a participação das comunidades e a articulação entre os órgãos públicos. Uma das iniciativas é a ampliação do uso de materiais didáticos específicos para a realidade dos alunos indígenas e quilombolas. Os dados do Censo Escolar 2012 mostram que mais da metade das escolas e dos estudantes indígenas utiliza materiais específicos, mas ainda há um número expressivo a incluir.

Na educação especial, entre 2011 e 2012 o crescimento na oferta de ensino médio na modalidade Classes Comuns, segundo o Censo Escolar 2012, foi ainda mais expressivo que nas áreas remanescentes de quilombos: 28,2%. De fato, se considerarmos os últimos cinco anos, o número de matrículas deu um salto significativo: passou de 13.306 em 2007 para 42.499 em 2012. Apesar de o ensino médio ser responsável por cerca de 5% do total de matrículas na educação especial, essa expansão revela uma melhora no fluxo escolar dos estudantes dessa modalidade de ensino.

TABELA 4

### Número de matrículas em escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos por modalidade e etapa de ensino – Brasil (2007-2012)

| ANO         | MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA POR MODALIDADE E ETAPA DE ENSINO |                   |                    |               |             |              |  |                                    |                   |
|-------------|--|-------------------|--------------------|---------------|-------------|--------------|--|------------------------------------|-------------------|
|             | Total geral  | Educação infantil | ENSINO REGULAR     |               |             |              |  | EJA (presencial e semi-presencial) | Educação especial |
|             |  |                   | ENSINO FUNDAMENTAL |               |             | Ensino médio | Educação profissional (concomitante e subsequente) |                                    |                   |
|             |  |                   | Total              | Anos iniciais | Anos finais |              |  |                                    |                   |
| 2007        | 151.782  | 19.509            | 110.041            | 79.698        | 30.343      | 3.155        | 48   | 18.914                             | 115               |
| 2008        | 196.866  | 25.492            | 137.114            | 88.726        | 48.388      | 8.432        | 749  | 24.977                             | 102               |
| 2009        | 200.579  | 25.670            | 137.656            | 84.141        | 53.515      | 10.601       | 534  | 26.055                             | 63                |
| 2010        | 210.485  | 28.027            | 145.065            | 89.074        | 55.991      | 12.152       | 55   | 25.052                             | 134               |
| 2011        | 214.502  | 29.164            | 148.982            | 92.110        | 56.872      | 11.036       | 634  | 24.669                             | 17                |
| 2012        | 212.987  | 29.640            | 149.336            | 90.876        | 58.460      | 12.262       | 127  | 21.588                             | 34                |
| Δ%2011/2012 | -0,7   | 1,6               | 0,2                | -1,3          | 2,8         | 11,1         | -80,0  | -12,5                              | 100,0             |

Fontes: MEC/Inep/Deed

Notas: Não inclui matrículas em turmas de atendimento complementar e atendimento educacional especializado (AEE)

Ensino médio: Inclui matrículas no ensino médio integrado à educação profissional e no ensino médio normal/Magistério

Educação especial classes comuns: as matrículas já estão distribuídas nas modalidades de ensino regular e/ou educação de jovens e adultos

EJA: Inclui matrículas de EJA presencial, semipresencial, EJA presencial de nível fundamental, ProJovem (Urbano) e EJA Integrada à educação profissional de nível fundamental e médio

A violência é outro obstáculo à permanência dos adolescentes na escola. Uma de suas manifestações é o *bullying*. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2012 pelo IBGE<sup>24</sup>, 7,2% dos estudantes entrevistados sofreram *bullying* dos colegas, afirmando ter se sentido humilhados por provocações “sempre” ou “quase sempre”. Os percentuais foram maiores entre os meninos (7,9%) do que entre as meninas (6,5%), e também entre os alunos de escolas particulares (7,9%) em relação aos de escolas públicas (7,1%). Além disso, 20,8% dos estudantes declararam ter praticado algum tipo de *bullying* (esculachar, zoar, mangar, intimidar ou caçoar) contra os colegas, levando-os a ficar magoados, incomodados ou aborrecidos, nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa. A prática de *bullying* também foi maior entre os estudantes do sexo masculino (26,1%) do que do feminino (16,0%)<sup>25</sup>.

No entanto, como apontam Nogueira e Vilas (2012), a utilização de apelidos pejorativos na sociabilidade de adolescentes em idade escolar é recorrente, sendo muitas vezes nomeada como *bullying*. Para os autores, nos últimos anos o termo passou a ser utilizado para designar atitudes tão diferenciadas que seu significado acabou sendo relativamente banalizado: “Ao tratar tudo como farinha do mesmo saco, acabamos minimizando o que realmente deveria ser combatido, que são as desigualdades e hierarquias sociais praticadas na forma de racismo, homofobia e sexismo, por exemplo”.

Na escola, os encontros e os desencontros não são fortuitos. O esbarrão no recreio não é dado em uma pessoa aleatória, mas em alguém com quem, possivelmente, se compartilha a vizinhança no entorno da escola e se convive por muito tempo durante os anos de trajetória escolar. Essa relação que, a princípio, deveria ser mediada pela impessoalidade com que se deve tratar um esbarrão, é afetada por um conjunto de percepções sobre si e sobre o outro que promove uma dinâmica de mútua implicação para os atos mais banais, o que traz o desafio de construir as regras escolares, com normas claras para aplicar as punições (Dayrell et alii, 2011).

De acordo com o estudo *Educação, Violência e Criminalidade: Uma Análise do Impacto dos Gastos com Educação e do Ambiente Escolar sobre a Criminalidade e o Comportamento Violento*<sup>26</sup>, a violência na escola (que abrange os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos etc.) traz consequências de curto e longo prazo tanto para as vítimas como para os causadores. As vítimas são mais propensas a apresentar depressão e baixa autoestima quando adultas. Já os

24 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão e Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, 2013.

25 A pesquisa entrevistou 109.104 estudantes do 9º ano do ensino fundamental no turno diurno em 2.842 escolas com um total de 15 estudantes ou mais nesse ano letivo, públicas ou privadas, em todo o território brasileiro. O cadastro utilizado para a seleção da amostra foi formado pelas escolas de ensino fundamental listadas pelo Censo Escolar 2010.

26 Kalinca Léia Becker. Orientadora: Ana Lúcia Kassouf. Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2012.

causadores tendem a manter o comportamento agressivo. Além disso, a violência escolar pode ter consequências negativas sobre o resultado escolar dos alunos.

Segundo a autora, o comportamento de professores, pais e membros da comunidade local, que geralmente funcionam como exemplo de conduta para os adolescentes, pode ser determinante para a manifestação da agressividade entre os alunos. Além disso, o uso de armas, a disseminação da utilização de drogas e a expansão de gangues influenciam o ambiente escolar e fazem com que as escolas deixem de ser áreas protegidas e se incorporem à violência cotidiana do espaço urbano. Assim, a escola pode influenciar o comportamento agressivo dos alunos de maneira positiva ou negativa.

Além da violência dentro da escola, os adolescentes são atingidos de forma intensa pela violência no local onde vivem e dentro da própria família. Segundo dados do Ministério da Saúde<sup>27</sup>, em 2010 morreram no Brasil 52.260 pessoas vítimas de homicídio; dessas, 27.977 eram adolescentes e jovens de 15 a 29 anos, 53,5% do total. Os adolescentes mais expostos à violência são aqueles que vivenciam em sua trajetória a violação de outros direitos, como à educação, ao trabalho decente, à moradia digna, ao acesso ao esporte, à cultura e à Justiça.

“ Repeti de ano porque tinha um aluno que me espancava todo dia. Ele era visto como o bonzão, namorado, inteligente, com dinheiro... Por causa dele, larguei a escola. ”

**Adolescente de Belém que abandonou a escola após concluir o ensino fundamental**

## O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES

Os adolescentes responsabilizam a bagunça (ou “zoação”, como chamam) pelo não envolvimento com a escola. E muitas vezes a “zoação” se confunde com a indisciplina e, em menor grau, com o *bullying* na escola, que gera algum tipo de constrangimento ou sofrimento psíquico. Vários adolescentes relataram situações de discriminação, desrespeito, incivilidade e humilhação ocorridas na escola, inclusive nomeando algumas manifestações como *bullying*. É o que revela esse depoimento de uma adolescente de Belém que abandonou a escola após concluir o ensino fundamental:

*“Eu sempre fui uma criança gorda. Aí tem aquelas piadinhas, ‘a gorda, baleia’. Eu me sentia muito oprimida, não tinha vontade de ir para a escola assim. Mas eu sempre fui. Eu não deixei isso abater meus objetivos. Agora as pessoas me chamam de preta, de apelido chato, como queimada. Até tento reagir, entendeu? Mas às vezes não dá jeito”.*

27 MS/SVS/Dasis - Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Dados preliminares de 2010.

Outros fazem a devida separação entre o que é *bullying* e o que é brincadeira, como esse adolescente de Belo Horizonte que cursa o ensino médio:

*“Quando começa a interferir, deixa de ser uma brincadeira, muda de assunto e já passa para o bullying, que afeta a pessoa e vai gerar um transtorno lá na frente. Então você tem que saber discernir o que é brincadeira do que é bullying. Eu só brinco com quem me dá ousadia, com quem eu tenho liberdade. Agora, tem gente que ‘zoa’ com todo mundo”.*

Alguns disseram também ter presenciado e até cometido agressões e ameaças contra professores e gestores da escola. Os depoimentos deixam clara a complexidade das relações sociais no cotidiano escolar, como esse de uma adolescente de Fortaleza que abandonou a escola no ensino fundamental:

*“Todo mundo saiu da sala, e ela (a professora) entrou. Aí ninguém entrou. Ela falou, falou, e quando a gente foi falar, ela se exaltou, gritou com a gente. Então, (se) ela grita com a gente, a gente revida do mesmo jeito. Já que ela quer gritar, vamos gritar com ela também”.*

**“Comecei a vender drogas, mas nunca fui desse negócio de malandragem não. Vendia drogas, e isso atrapalhou muito na escola porque só me interessava aquilo (...) Conheci muita gente assim.”**

**Adolescente de Fortaleza que está no ensino médio, mas corre risco de evasão**

A pesquisa mostrou ainda que a violência vivenciada no local onde moram interfere na trajetória escolar dos adolescentes ouvidos, como no caso dessa adolescente de Brasília que parou de estudar durante o ensino médio:

*“Eu parei de estudar por causa da guerra (disputa entre grupos rivais do tráfico). Meus irmãos estão em guerra lá em Brazlândia. Eu tenho medo porque os que (estão em) guerra com eles sabem que eu sou irmã. Tenho medo de ir para a escola e eles tentarem fazer alguma coisa comigo, me matar. Aí eu não vou mais para a escola”.*

Para outros adolescentes, a evasão é causada pela violência dentro da própria família, como revela este adolescente de Fortaleza que abandonou a escola no ensino médio:

*“Tem vez que meu pai briga com a minha mãe. Uma vez eles discutiram muito porque meu pai estava pegando outra mulher. Aí eles passaram o dia brigando. Fiquei triste também, desanimei e fiquei pensando naquilo. Uma vez, também, eu briguei com a minha irmã. Eu não aguentava mais aquilo, tentei até me matar! Foi aí que resolvi largar a escola”.*

## O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

De acordo com Kalinca Becker<sup>28</sup>, algumas iniciativas de gestão escolar podem contribuir para reduzir a violência. Adotar medidas de segurança para proteger os estudantes nas imediações da escola reduz a probabilidade de um aluno manifestar comportamento violento, assim como promover atividades extracurriculares. Por isso, muitos programas de redução de violência nas escolas incluem atividades de esporte, cultura e lazer como forma de socializar os alunos e diminuir a violência. Segundo a pesquisadora, também há evidências de que o ambiente familiar e a participação dos pais nas reuniões da escola podem influenciar o comportamento do aluno.

Além disso, a autora aponta que é necessário que o ambiente escolar funcione como espaço para desenvolver o conhecimento e para fornecer bons exemplos de conduta aos alunos, já que a interação dos adolescentes com os demais indivíduos no ambiente em que estão inseridos exerce grande influência sobre seu comportamento.

No caso da violência fora da escola, devem ser tomadas medidas pelo Estado e pela sociedade civil para reduzir a vulnerabilidade dos adolescentes à violência, por meio do Sistema de Garantia de Direitos, entre os quais se inclui o direito ao acesso e à permanência na escola.

### 7 Repensar a organização escolar

Exatamente no contexto de transformações da adolescência, o estudante enfrenta também uma mudança significativa na organização escolar. Nos primeiros anos do ensino fundamental, o aluno convive, no seu cotidiano, com menor divisão das disciplinas e poucos professores por turma. Dessa forma, há um acompanhamento mais próximo, maior articulação dos conteúdos com a realidade dos alunos, presença de atividades lúdicas, entre outras características.

A passagem para o ciclo seguinte (a partir da antiga 5ª série) representa um momento difícil para muitos alunos. O adolescente passa a conviver com uma série de disciplinas e professores diferentes, sem um docente que seja referência para a turma. Ao mesmo tempo, o professor tem menos tempo disponível para os alunos, além dos 50 minutos regulares de sua aula, e dá maior ênfase aos conteúdos escolares. Por isso, essa etapa é considerada um gargalo, com altos índices de reprovação e evasão. E a realidade se torna ainda mais complexa na passagem para o ensino médio, quando há, em média, 12 disciplinas diferentes ao longo da semana.

28 Kalinca Léia Becker. *Educação, Violência e Criminalidade: Uma Análise do Impacto dos Gastos com Educação e do Ambiente Escolar sobre a Criminalidade e o Comportamento Violento*. Orientadora: Ana Lúcia Kassouf. Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2012.

Outra questão importante no ensino médio é o período noturno. De acordo com o Censo 2012, do total de 8.376.852 matrículas nesse nível de ensino, 2.574.116 são ofertadas no período noturno, o que representa 30,7%. Em geral, as escolas não desenvolvem uma proposta específica considerando as particularidades dos alunos que optam por esse turno. Algumas fazem uma adaptação para atender os estudantes do noturno, reduzindo a duração da hora-aula, abolindo os intervalos e incluindo menos atividades e conteúdos no programa, com a justificativa de que a jornada é mais curta e que os alunos estão mais cansados ou desinteressados. Outras mantêm a mesma proposta do diurno, para não facilitar ou deteriorar o trabalho escolar. Em ambos os casos, o estudante do noturno é prejudicado.

Também há uma grande distância entre a expectativa dos adolescentes sobre a escola e a realidade das escolas<sup>29</sup>. A pesquisa *Motivos da Evasão Escolar*<sup>30</sup>, realizada com adolescentes de 15 a 17 anos que haviam deixado a escola, ajuda a compreender o porquê da interrupção precoce dos estudos: “ao ser questionados sobre os motivos que os levaram a abandonar a escola, 11% disseram que faltavam estabelecimentos de ensino; 27% falaram que tinham necessidade de ajudar financeiramente a família; porém o mais impressionante é que 40,5% dos adolescentes ouvidos para a pesquisa disseram que não tinham interesse na escola”, aponta o documento.

A questão da falta de interesse dos alunos nos estudos também é apontada como uma das principais dificuldades para a permanência dos estudantes na escola segundo a pesquisa *O Que Pensam os Jovens de Baixa Renda Sobre a Escola*<sup>31</sup>, feita com 1 mil estudantes de 15 a 19 anos do ensino médio de São Paulo e de Recife.

Para os estudantes entrevistados, um dos fatores de desmotivação é a percepção de que não há utilidade no conteúdo das aulas. Para eles, a escola deveria oferecer atividades mais práticas e usar exemplos do cotidiano em sala de aula para facilitar o aprendizado. De acordo com a pesquisa, outro problema é que não há uma busca por uso de recursos tecnológicos nas práticas pedagógicas, apesar de os adolescentes hoje utilizarem de forma intensa as novas tecnologias.

Além disso, o trabalho é muito valorizado e, por isso, os adolescentes desejam entrar o mais rapidamente possível no mercado profissional, antes mesmo de terminar o ensino médio. Com base nesses dados, o estudo conclui que a escola não está apta a lidar com as diversas culturas juvenis e, particularmente, em atribuir sentido aos conteúdos oferecidos aos adolescentes oriundos de contextos sociais de baixa renda.

<sup>29</sup> Relatório *Situação da Adolescência Brasileira – O Direito de Ser Adolescente: Oportunidade para Reduzir Vulnerabilidades e Superar Desigualdades*, UNICEF, 2011.

<sup>30</sup> Fundação Getúlio Vargas (FGV). Rio de Janeiro, 2009.

<sup>31</sup> Projeto de pesquisa desenvolvido pelo Cebrap com o apoio da Fundação Victor Civita. São Paulo, junho, 2013.

De acordo com o *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2013*<sup>32</sup>, o currículo inchado, que nem abre perspectivas profissionais nem prepara para o vestibular, é um grande entrave para a conclusão dos estudos no ensino médio.

De fato, o currículo do ensino médio sempre foi objeto de disputa entre diferentes grupos sociais pela apropriação do conhecimento, por um espaço no mercado de trabalho e pelo ingresso no ensino superior. Se, por um lado, muitos afirmam que a escola está perdendo importância, em razão da valorização das novas formas de informação e conhecimento, por outro, tem havido um movimento de demanda de incorporação constante de novos conteúdos e competências a ser ensinados na escola, ou seja, continua se considerando o ensino médio um lugar-chave para a formação dos jovens.

Também tem sido cada vez mais difícil para o ensino médio recuperar sua importância em razão da desvalorização da escola como instituição cultural. De acordo com Krawczyk, “essa desvalorização tem acontecido pela deterioração das condições de trabalho dos professores; de uma governança educacional cada vez mais burocratizada e de uma gestão escolar cada vez mais tecnocrática e menos pedagógica; pela ausência de reflexão e trabalho coletivo nos processos de definição político-educativos; pela falta de uma unidade conceitual entre as diferentes ações pedagógicas propostas nas várias instâncias governamentais, entre outros fatores”<sup>33</sup>.

“Minha professora de Português chegava, passava a matéria, explicava e interagia com todos. Todo mundo respeitava. Mas o resto dos professores dava um texto enorme para você copiar. Se copiar, copiou. Se não copiar, já era.”

**Adolescente de São Paulo que concluiu o ensino fundamental, mas abandonou a escola sem ter cursado o ensino médio**

## O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES

De acordo com os depoimentos dos jovens de diferentes cidades brasileiras, a bagunça (“zoeira”), já mencionada anteriormente, pode ser entendida como uma postura típica do adolescente que busca, por meio das brincadeiras, ser visto, reconhecido e validado pela turma de amigos. Pertencer a um grupo ocupa um papel central na vida desses adolescentes, e a “zoeira” funciona como um passaporte para ser aceito na turma.

Por outro lado, a “zoeira” pode ser entendida como uma reação e uma crítica à organização escolar, aos professores e a seus métodos. Os depoimentos reforçam uma avaliação comum a praticamente todos os adolescentes entrevistados: a “chatice” da

<sup>32</sup> Todos Pela Educação e Editora Moderna. São Paulo, 2013.

<sup>33</sup> Nora Krawczyk. “A escola média: um espaço sem consenso”. Faculdade de Educação da Unicamp. *Cadernos de Pesquisa* nº 120, São Paulo/SP, novembro 2003.

escola. Ela aparece quando falam dos tempos, dos conteúdos, da relação e dos métodos utilizados pelos professores.

Muitas vezes, quando os professores chamam os alunos de desinteressados, apáticos e desmotivados para o trabalho escolar, eles estão considerando o esforço despendido pelos adolescentes em corresponder às suas expectativas sobre o trabalho escolar ou, pelo menos, de permanecer no ritmo médio do conjunto dos alunos.

A aprendizagem é medida pelos ritmos previstos pela escola por meio de disciplinas, horas-aula, exposição de conteúdos e avaliação, ou seja, uma dinâmica em que se perde o processo e se acumulam produtos, como deveres de classes, provas, atividades. Esse contexto provoca nos alunos um sentimento de mesmice que faz

com que eles, ao considerar o cotidiano da sala de aula monótono e repetitivo, retirem sua atenção do professor e dediquem-se a uma série de outras interações em sala de aula, gerando a bagunça, como aponta esse adolescente de 15 anos de Belo Horizonte que cursa o ensino fundamental:

*“Na sala era muita bagunça. Não tinha nem como concentrar no estudo, era muita bagunça. Brincava muito. No ano em que você está estudando, você acha engraçado, mas depois, quando não passa, você repete e se arrepende”.*

Outras críticas feitas pelos adolescentes à escola são a ampliação da quantidade de matérias no ensino médio e a dificuldade crescente que encontram ao avançar na escolarização. Ou seja, os adolescentes levantam questões que estão presentes no debate nacional em torno do currículo do ensino médio. Um exemplo é esse depoimento de um adolescente de Brasília que abandonou a escola durante o ensino médio:

*“As séries vão passando e vai ficando difícil. Aí você fala: ‘Hoje eu não vou fazer esse dever porque está muito difícil’. Então você vai perdendo de pontinho em pontinho. Quando você vai ver, vai ser reprovado. Aí desiste, não quer ir mais”.*

O que aparentemente seria uma dificuldade pessoal com determinada área do conhecimento pode ser entendido como uma dificuldade em atribuir sentido às diferentes matérias do ensino médio. Nos depoimentos, os alunos de diferentes cidades fizeram críticas ao currículo distante de sua realidade, demandando que



**O jovem de hoje em dia desanima demais com a escola. Na escola tem coisa que não agrada, tem coisa enjoativa, repetindo todo dia. Briga, porque tem professor chato para caramba, nervoso. Aí a gente vai desanimando, fica sem vontade de assistir aula. Se é chato, você fica louco para ir embora, fica enjoado, na verdade nem presta atenção. Tem professor que fica explicando alguma coisa, mas a gente não presta atenção. Eles falam demais.**



**Adolescente de Brasília que abandonou a escola após concluir o ensino fundamental**

os professores os ajudem a perceber o que os conteúdos têm a ver com eles e sua vida cotidiana. Ou seja, os adolescentes explicitam a necessidade de tornar o conhecimento algo “pessoal”, para que ele seja de fato apropriado por eles. O papel dos professores é auxiliá-los nessa tarefa, o que nem todos conseguem, como revela esse depoimento de uma adolescente de 15 anos de Brasília que cursa o ensino fundamental:

*“Tem muita matéria! Esse ano tem muita matéria para mim e eu já estou um pouco confusa! Aí entrou prova de Artes, eu nunca tive prova de Artes, chorei. A Matemática também piorou, Português entrou a redação separada. Eu já não sabia fazer redação, aí seja lá o que Deus quiser, se eu passo de ano”.*

Afinal, o investimento dos alunos e seu envolvimento com as disciplinas dependem não só da forma como cada um considera a escola mas também da capacidade de atribuir sentido ao que é ensinado, condição essencial para a aprendizagem. E a construção de um sentido para as diferentes matérias escolares é influenciada também pelos métodos utilizados pelos professores, na opinião dos adolescentes entrevistados.

A metodologia é, de fato, outro elemento que pode ajudar a compreender o que os adolescentes chamam de “chatices” das aulas. Muitas vezes, os métodos utilizados e o ritmo das aulas entram em choque com a sua realidade. Os depoimentos dos jovens de diferentes cidades brasileiras mostram que há um descompasso entre a velocidade e a fluidez do cotidiano dos adolescentes e o tempo vagaroso e muitas vezes letárgico das aulas, o que diminui a concentração e o envolvimento dos adolescentes com as disciplinas.

O mesmo descompasso se observa entre a cultura baseada na imagem, hegemônica entre os adolescentes, e a cultura escrita, valorizada pela escola. Muitas vezes a resposta dos alunos se dá mediante a utilização durante as aulas de aparelhos eletrônicos (como MP3 e celulares), ícones da cultura juvenil, numa clara atitude de negação ou alheamento ao que se passa, rompendo com os tempos rígidos da dinâmica escolar.

Os adolescentes apontaram também a importância de utilizar novos métodos no cotidiano escolar que superem a velha postura do “cuspe e giz”, do “passar dever” ou de encher o quadro negro com uma cópia de livro didático, prática ainda muito comum nas escolas de ensino médio. Para alguns deles, a demanda é por um ensino médio profissionalizante; para outros, deveria ser dada ênfase em uma formação mais ampla, de cidadania. Enfim, é necessário pensar em novas metodologias que levem em conta as especificidades da fase da vida dos alunos, reconhecendo sua condição de adolescentes.

Apesar de enumerar vários problemas, os adolescentes ouvidos nas diversas cidades reconhecem o espaço escolar como significativo na produção de valores: o que é certo e o que é errado, o respeito aos outros, a convivência coletiva. É interessante perceber que nenhum deles se referiu a uma determinada matéria ou conteúdo específico. Isso coloca em questão a preocupação excessiva dos sistemas de ensino, principalmente do ensino médio, com as avaliações sistêmicas que se baseiam apenas nos conteúdos curriculares, dificultando muitas vezes a abertura de espaços no cotidiano escolar para uma formação humana mais ampla.

Nos depoimentos, os adolescentes abordaram características importantes no processo de ensino e aprendizagem. Enfatizaram a importância de a escola tomar como base o interesse do aluno, o que é possível quando se estabelece um diálogo entre os conteúdos curriculares e a realidade, uma das condições para uma aprendizagem significativa. É o que revelam os depoimentos de um adolescente de 16 anos de Belo Horizonte, que abandonou a escola durante o ensino médio, e de um adolescente de Fortaleza que saiu da escola no ensino fundamental:

*“Olha, eu valorizo alguns professores, o esforço deles de estar ali para prender o aluno. Às vezes ele passa uma coisa de que você nunca ouviu falar. E você (acha) interessante. Ele explica tudo com mais profundidade e busca o interesse do aluno. Mostra vontade de explicar, eu valorizo muito isso”.*

*“Gostaria que os professores deixassem as matérias mais simples, ensinassem alguma coisa que fizesse parte de nossa vida. Também queria que tivesse alguém auxiliando a gente, motivando os estudos e ensinando as coisas que temos dúvidas”.*

Ao mesmo tempo, os adolescentes também pontuaram a centralidade do diálogo na sala de aula, a necessidade de o professor “deixar o quadro” para conversar com os alunos, demonstrando preocupação e envolvimento com eles, como aponta um adolescente de Belém que está cursando o ensino fundamental:

*“O meu professor de Matemática é superlegal. Ele tenta ensinar para a gente de todas as formas. Faz tudo para ajudar. Se ele explica alguma coisa e você não entendeu, ele inventa uma música. Ninguém tem nota vermelha com ele”.*

Segundo os depoimentos, quando se estabelece esse tipo de clima, não há bagunça na sala de aula (*veja mais sobre o assunto no item Investir na relação educador-educando, na página 66*).

## O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

Para Nora Krawczyk, mudar o atual modelo de escola significa alterar a noção de conhecimento, os pressupostos de formação dos professores e a organização do trabalho escolar, ou seja, representa uma ruptura estrutural. “Sem dúvida, isso requer uma decisão política muito grande, grandes investimentos e, principalmente, não considerar a escola pública apenas para pobres. A escola pública não deve ser pensada para uma classe social, para aquele que não pode pagar, ela tem que ser a escola de excelência do país”, afirma.

Além disso, segundo a pesquisadora, é preciso não creditar à escola ou à educação os problemas estruturais do país, que aparecem com mais força quando se amplia a inclusão educacional dos adolescentes. Para ela, por exemplo, a escola não tem a capacidade de tirar o jovem do trabalho, em especial quando ele precisa dessa renda. Mas pode trabalhar criticamente a valorização do consumo pela sociedade, ajudando o adolescente a desenvolver uma capacidade de reflexão e de crítica ao mundo no qual ele vive.

Assim, para Krawczyk, “um projeto democratizador do ensino médio envolve necessariamente a ressignificação do ensino noturno, para que, em vez de ser uma expressão de exclusão, possa ser concebido como um direito”. Para isso, é necessária uma discussão séria sobre a qualidade do ensino nesse período, com o objetivo de se desenvolver uma proposta curricular que contemple e potencialize sua especificidade, sem prejudicar a aprendizagem dos adolescentes que dele precisam.

Nesse sentido, as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), de 2012, são uma ferramenta importante para mudar esse quadro, ao dar ênfase a uma proposta mais flexível e diversificada de currículo, capaz de se adequar aos interesses dos jovens.

Outra questão importante para promover uma nova organização escolar é a democratização da gestão. Uma gestão democrática busca garantir um diálogo permanente entre os diferentes atores de escola, inclusive os estudantes, oferecendo oportunidades para que todos possam expressar seus pontos de vista, suas expectativas e suas visões, além de assegurar que esses fatores sejam considerados no momento de tomada de decisões.

**Outra questão importante para promover uma nova organização escolar é a democratização da gestão. Uma gestão democrática busca garantir um diálogo permanente entre os diferentes atores da escola, inclusive os estudantes, oferecendo oportunidades para que todos possam expressar seus pontos de vista, expectativas e visões**

No ensino médio, a participação dos alunos na gestão escolar e nas decisões sobre as práticas pedagógicas é ainda mais importante, tendo em vista a necessidade de diálogo dessa faixa etária e de aproximar a escola de sua realidade.

## 8 Definir uma identidade para o ensino médio

Como já apontado anteriormente, a grande expansão do ensino médio verificada desde a década de 90 no país deveu-se não só à implantação de políticas de ampliação do acesso ao ensino fundamental e dos programas de correção de fluxo mas também a um aumento nas exigências do mercado de trabalho, que demanda uma formação cada vez mais elevada mesmo para funções menos complexas.

“ (A educação profissional) eu acho que ajudaria bastante, porque nesse caso o aluno já ia estudar pensando na sua profissão. Seria uma forma de incentivo a mais, estou estudando e me preparando para fazer aquilo. Hoje o aluno estuda e você pergunta para ele o que vai fazer depois que se formar, ele diz: ‘Nada, vou fazer nada, estou me formando só porque eu preciso’. Ele não tem uma próxima coisa a fazer depois do estudo. Eu tenho um sonho e estou determinado a cumprir aquele sonho, então vou correr atrás.

No estudo não é assim.”

**Adolescente de 17 anos, de Belo Horizonte, cursando o ensino médio**

No entanto, persistem as elevadas taxas de evasão, o que “expõe uma crise de legitimidade da escola que resulta não apenas do aspecto econômico ou do declínio da utilidade social dos diplomas mas também da falta de outras motivações para os alunos continuarem seus estudos na última etapa da educação básica”<sup>34</sup>.

Isso acontece porque o processo de expansão do ensino médio ocorreu sem um planejamento específico. De forma geral, a ampliação da oferta tem se dado por meio da ocupação dos espaços ociosos das escolas de ensino fundamental. Dessa forma, nem os estabelecimentos são adequados ao ensino médio nem os profissionais estão preparados para lidar com os adolescentes. Em muitas escolas, os educadores e os professores não têm experiência no ensino de adolescentes e jovens.

Por isso, é comum a afirmação de que não há uma identidade do ensino médio, o que, por sua vez, tem servido de justificativa para o estabelecimento de políticas e de ações que alterem a configuração desse nível de ensino para um modelo que atenda às expectativas e às necessidades dos adolescentes. De forma geral, as reformulações realizadas no ensino médio buscam resolver a tensão entre universalização e seleção. No entanto, ainda não se conseguiu resolver essa questão.

Assim, os adolescentes acabam perdendo o interesse nos estudos, porque, além das dificuldades encontradas no processo de aprendizagem, o acesso à universidade é uma realidade distante para a maioria, e o ingresso e a ascensão no mercado de

<sup>34</sup> Lucia Helena Lodi e Nora Krawczyk. *OO Ensino Médio e a Educação Profissional Técnica de Nível Médio: Desafios Curriculares*.

trabalho também são muito difíceis de ser concretizados. Além disso, a escola não é mais o único espaço de interação social e de aquisição de informação para os jovens, embora tenha assumido um novo papel: protegê-los do meio social no qual vivem, evitar que entrem na criminalidade e tirá-los da rua.

Nesse processo, há uma discussão cada vez maior sobre qual deve ser o foco das políticas e propostas pedagógicas voltadas para o ensino médio: a formação geral (ampliando conhecimentos, capacidades e habilidades dos adolescentes por meio da educação), a qualificação profissional ou a preparação para a universidade (*veja mais sobre o assunto no capítulo 4*).

De fato, a legislação estabelece que o ensino médio – última etapa da educação básica – tem por finalidade, além de possibilitar o prosseguimento dos estudos no nível superior e a formação geral para a cidadania, a preparação básica para o trabalho. Ou seja, deve promover a integração entre a formação geral e a profissional, dando condições aos alunos para que sigam diferentes percursos: a continuidade dos estudos e a participação qualificada no mundo do trabalho.

No entanto, não é isso o que vemos hoje no país. A educação técnica profissional é, geralmente, oferecida de forma separada da formação geral. O ensino médio integrado é uma realidade ainda incipiente, embora crescente. Em 2012, o número de matrículas no ensino médio integrado atingiu 298.545 – ante 257.713 em 2011. Já a educação profissional (concomitante ou subsequente ao ensino médio) teve 1.063.655 matrículas no mesmo ano, ante 993.187 no anterior.

Isso não significa que o currículo do ensino médio deva ser direcionado às necessidades do mercado e sim que ele deva propiciar uma formação ampla, que atenda às novas demandas de conhecimentos e competências, possibilitando ao jovem escolher seu caminho após a conclusão da educação básica obrigatória, como aponta Mozart Neves Ramos. “A escola precisa, de alguma maneira, responder às diferentes juventudes que existem no Brasil. Se o aluno quiser ter um percurso para o mundo do trabalho, que ele possa cursar o ensino médio regular em um turno e o ensino profissionalizante no outro. Mas é importante que ele possa também criar uma nova perspectiva para sua vida, por exemplo, cursar empreendedorismo, ter possibilidade de incubar ideias, elaborar projetos que de alguma maneira possam levar à inovação e ao conhecimento”, afirma.

Outra questão apontada por Ramos é a necessidade de o currículo do ensino médio dialogar com os conteúdos dos anos finais do ensino fundamental. “Hoje temos duas etapas que não dialogam entre si. E a melhoria do ensino médio passa necessariamente por repensar as séries finais do fundamental, porque é nesse momento que o aluno começa a ter várias disciplinas, cada uma com um professor diferente, e a mesma estrutura vigente da etapa seguinte. Assim, a es-

estrutura curricular precisa ser harmoniosa entre os dois níveis, para dar uma base conceitual ao aluno”, diz. Para o especialista, esses sete anos (quatro das séries finais e três do ensino médio) deveriam compor uma grade com foco no desenvolvimento estratégico da formação do adolescente, articulando melhor os conhecimentos, para que os alunos do ensino médio não tenham aulas com conteúdos que já deveriam ter sido vistos no final do fundamental e possam ter disciplinas específicas a partir do 2º ano do ensino médio, de acordo com as áreas de interesse (exatas, humanas e biológicas, por exemplo).

## O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES

---

Os adolescentes ouvidos pela pesquisa, como já foi apontado, não enxergam utilidade nos conteúdos ensinados na escola. É o caso desse adolescente de Belo Horizonte que concluiu o ensino fundamental, mas abandonou a escola antes de começar o ensino médio:

*“Eu acho que nunca tive interesse mesmo (na escola). Quando eu comecei a tocar, comecei a ver outras coisas, viajar muito. E eu gostei tanto da música, que pensei: ‘Eu quero é isso, e a escola não vai me proporcionar’. Estava indo porque minha mãe ficava falando que eu tinha que ir para a escola”.*

Embora a maioria reconheça a importância da escola para seu futuro profissional, alguns expressaram o desejo de que o curso fosse mais focado no mundo do trabalho, em diferentes áreas. Dessa forma, eles se sentiriam mais motivados a prosseguir nos estudos. Esses depoimentos de dois adolescentes de Belo Horizonte – o primeiro que cursa o ensino médio e o segundo que abandonou a escola durante esse nível escolar – são exemplos dessa visão:

*“Eu acho que estudo hoje em dia não deve ser só as matérias que você tem. O governo (deveria fazer assim): ‘Você vai estudar, mas se você quiser pode ficar 1 hora e meia extra tendo um curso técnico na escola’. Então teria um interesse muito grande. Você estuda e, junto com a escola, você tem um curso técnico. Você vai ter mais uma opção”.*

*“(Se tivesse educação profissional e bolsa) me envolveria até mais. Você ganharia para estar aprendendo. No serviço você até faz isso. Quando você começa o serviço e não sabe alguma coisa, você vai aprendendo e recebendo”.*

Os depoimentos revelam ainda que, nessa fase da vida, os alunos vivenciam especificidades, demandas e necessidades próprias, de acordo com as transformações físicas e psicológicas da adolescência. Na busca por identidade, os adolescentes

tendem a colocar em questão os valores e os comportamentos do mundo adulto. Muitas vezes isso se expressa em uma postura de rejeição à escola, que se acentua na medida em que esta também não tem uma identidade clara, que esteja em consonância com a realidade dessa fase da vida dos estudantes, como aponta esse adolescente de Fortaleza que abandonou a escola no ensino fundamental:

*“A pessoa fica cansada de olhar para aquilo todo dia. Às vezes, penso assim: ‘Tô vendo aquela matéria de Matemática pra quê? O que aquilo vai servir para a minha vida?’. Acho que nunca vou usar”.*

Os adolescentes entrevistados não encontram espaços no mundo adulto onde possam se expressar, colocar suas demandas e necessidades. É por isso que os amigos ocupam um papel central para os adolescentes na escola.

A turma de amigos é uma referência: é com eles que se divertem, trocam ideias e informações, buscam formas de se afirmar diante de outros grupos juvenis e também do mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” distintivo. A sociabilidade, para os adolescentes, parece responder às suas necessidades de comunicação, solidariedade, democracia, autonomia, trocas afetivas e, principalmente, de identidade. Alguns inclusive apontam as relações de sociabilidade como o único interesse em frequentar a escola, como esse adolescente de 16 anos de Belo Horizonte que abandonou a escola no ensino fundamental:

*“(Vou à escola) mais para conversar com meus amigos. Eu pensava: ‘Vou ficar dentro de casa fazendo nada o dia inteiro, vou para a escola!’. Lá pelo menos tem os meninos com quem posso ficar conversando. Não pensava que estava lá para estudar, ia mais com entusiasmo para conversar com os meninos, com as meninas também. No estudo eu nunca pensei”.*

## O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

Está claro que o ensino médio precisa ter um programa pedagógico afinado com as necessidades e os projetos de vida dos adolescentes, para que eles enxerguem valor na escola e se sintam estimulados a concluir seus estudos na educação básica. Atualmente, o país trabalha com três linhas de estratégias educacionais: a primeira busca integrar o ensino médio “tradicional” (também chamado de propedêutico) com o ensino profissionalizante; a segunda propõe uma grade curricular inovadora e flexível, que combine áreas do conhecimento com linguagens criativas e de diálogo com a comunidade; a terceira é a educação integral<sup>35</sup>.

35 Relatório Situação da Adolescência Brasileira – O Direito de Ser Adolescente: Oportunidade para Reduzir Vulnerabilidades e Superar Desigualdades, UNICEF, 2011.

O ensino médio integrado permite aos adolescentes desenvolver sua formação de caráter geral junto com a preparação profissionalizante, ampliando as oportunidades de inserção no mercado de forma mais qualificada e de acordo com o conceito de trabalho decente, que inclui direitos trabalhistas e proteção social. Essa modalidade vem crescendo e ganhando mais recursos nos últimos anos no país.

A segunda linha de estratégia trabalha com a inovação no currículo, por meio do programa Ensino Médio Inovador. Criado em 2009, tem a finalidade de apoiar e promover novas práticas pedagógicas nas escolas públicas, pautadas pela interdisciplinaridade e a contextualização, de forma a aproximar o ensino médio do projeto de vida dos adolescentes e das demandas da sociedade contemporânea.

Por meio de parcerias com as redes estaduais de educação, o MEC estimula a diversificação do currículo com atividades integradoras em quatro eixos: trabalho, ciência, tecnologia e cultura. O currículo deve associar teoria e prática em todos os campos do saber, valorizar a leitura e estimular a criatividade e a participação dos adolescentes. O Programa Ensino Médio Inovador serviu de base para as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, o que pode induzir um processo de mudança curricular mais amplo em todo o país (*veja mais sobre o assunto no item Repensar a organização escolar, na página 83*).

A terceira linha propõe a educação integral como forma de criar uma nova escola que promova uma aprendizagem mais sintonizada com os interesses e as possibilidades dos adolescentes, por meio do programa Mais Educação. Os recursos são transferidos diretamente para as escolas que participam do programa, com prioridade para aquelas que têm baixo Ideb e estão localizadas em regiões mais vulneráveis.

Ao propiciar mais oportunidades de aprendizado, de ampliação do repertório cultural e de aquisição de informações diversas, a educação integral favorece o desenvolvimento dos adolescentes, principalmente em regiões de vulnerabilidade social. Esse processo se dá por meio da ampliação de jornada, com atividades desenvolvidas na escola ou em outros espaços, por professores ou por educadores sociais, envolvendo ainda a família e a comunidade na educação das crianças.

Em 2013, o Mais Educação também lançou uma ação específica para os adolescentes de 15 a 17 anos que ainda estão cursando o ensino fundamental (*veja mais sobre o assunto no item Lidar com os adolescentes que estão retidos no ensino fundamental, na página 55 e no capítulo 4*).

Além disso, é preciso que as políticas públicas consigam fazer com que a educação passe a ser reconhecida como um valor importante, um diferencial no projeto de vida dos adolescentes e de sua família.

## 9 Investir mais em educação

Como mostram os dados do Censo Escolar, as escolas de ensino médio, embora apresentem em geral melhores condições de infraestrutura que as do fundamental, carecem de recursos como biblioteca ou sala de leitura, quadra de esportes e laboratórios. Também faltam professores qualificados e motivados para dar aula para os adolescentes nessa etapa de ensino (*veja mais sobre o assunto no capítulo 1*).

De acordo com o estudo *O Financiamento do Ensino Médio no Brasil: de Uma Escola Boa para Poucos à Massificação Barata da Rede Pública*<sup>36</sup>, para oferecer um ensino médio de qualidade seria necessário ter um custo por aluno correspondente a 30% do PIB *per capita*, o que equivale a cerca de R\$ 5.700/aluno-ano em valores de 2010, o dobro do praticado pelas redes estaduais de ensino médio. Para a oferta de educação profissional de nível técnico integrada à formação geral, seria necessário um valor de 40% do PIB *per capita* (cerca de R\$ 7.600/aluno-ano em valores de 2010), o que representa 67% dos valores investidos pela rede federal<sup>37</sup> (*veja tabela 7 abaixo*).

Com esses valores, os pesquisadores apontam que seria possível expandir a cobertura no ensino médio regular para 10 milhões de matrículas para a população de 15 a 17 anos na rede pública de ensino; para 5 milhões de matrículas na EJA-ensino médio; e para 1,5 milhão na educação profissional de nível técnico integrado à formação geral. “O cenário apresentado significa um salto no padrão de financiamento do ensino médio que predomina hoje no país. Ele viabiliza uma expansão com qualidade e representa cerca de três vezes o valor atualmente destinado ao setor (estimado em 0,9% do PIB, incluindo os recursos do Sistema S<sup>38</sup>)”, aponta o estudo.

Para José Marcelino de Rezende Pinto, um dos autores do estudo, a grande mudança de qualidade que impacta no financiamento é oferecer um ensino médio aos adolescentes que estabeleça uma relação entre teoria e prática. Para isso, é preciso criar escolas com

<sup>36</sup> José Marcelino de Rezende Pinto, Nelson Cardoso Amaral e Jorge Abrahão de Castro. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, nº 116, pp. 639-665, jul.-set. 2011.

<sup>37</sup> Essas estimativas consideram o mesmo custo na modalidade regular e na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

<sup>38</sup> Sistema S: conjunto de organizações voltadas para treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica. Fazem parte do Sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi) e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac), entre outros.

TABELA 7

### Estimativa de recursos necessários para um ensino médio de qualidade (valores em reais – 2010)

| ETAPA                    | MATRÍCULAS ESTIMADAS* (milhões) | CUSTO-ALUNO R\$ | CUSTO TOTAL   |            |
|--------------------------|---------------------------------|-----------------|---------------|------------|
|                          |                                 |                 | R\$ (bilhões) | % do PIB** |
| Ensino médio             | 15                              | 5.700           | 85,5          | 2,3        |
| Ensino técnico integrado | 1,5                             | 7.600           | 11,4          | 0,3        |
| <b>TOTAL</b>             | <b>16,5</b>                     |                 | <b>96,9</b>   | <b>2,6</b> |

\* Regular e EJA

\*\*PIB 2010 considerado de R\$ 3.674.964 mil e PIB *per capita* considerado de R\$ 19.016.

Fonte: estimativas dos autores

uma infraestrutura que vá além do “cuspe e giz”, com laboratórios, oficinas de trabalho, bibliotecas etc. “Essas melhorias implicam investimento inicial alto, mas não no custo ao longo do tempo. O maior custo é o do salário dos professores. Mas a melhoria na qualidade do ensino médio passa, primeiro, por selecionar melhor os professores, atraindo, por meio da remuneração adequada, os melhores profissionais para a sala de aula”, afirma (veja mais sobre o assunto no item Valorizar o professor, na página 70).

Uma simulação feita por José Marcelino de Rezende Pinto com base nos princípios do Custo Aluno Qualidade Inicial (CAQi) (veja mais sobre o assunto na página 99) mostra essa relação, considerando uma jornada de trabalho adequada para que o professor consiga desenvolver suas atividades dentro e fora da sala de aula e um salário bem maior do que o praticado hoje nas redes públicas de ensino. Para atender com qualidade 12 turmas com 30 estudantes cada uma, com uma jornada por aluno de 35 horas semanais, seriam necessários cerca de 20 professores trabalhando 40 horas semanais (sendo 14 para atividades de planejamento, acompanhamento e avaliação). Levando em conta um salário de 5 mil reais por professor, além dos salários para toda a equipe da escola, o custo por aluno anual dessa instituição seria de 7.882,64 reais, o equivalente a 657 reais por mês (veja tabela 8). Esse valor é menor do que a mensalidade cobrada por boa parte das escolas particulares nos grandes centros urbanos do país.

**TABELA 8**

**Quanto custa uma escola de qualidade**

|   |             |                    |                  |                              |
|---|-------------|--------------------|------------------|------------------------------|
| <b>Total de turmas</b>  |             |                    |                  | 12                           |
| <b>Alunos/turma</b>   |             |                    |                  | 30                           |
| <b>Total de alunos</b>  |             |                    |                  | 360                          |
| <b>Jornada do aluno (h/semana)</b>                            |             |                    |                  | 35                           |
| <b>Jornada total do professor (h/semana)</b>                  |             |                    |                  | 40                           |
| <b>Jornada total do professor c/aluno (h/semana)</b>          |             |                    |                  | 26                           |
| <b>Total de professores</b>                                   |             |                    |                  | 19,3                         |
| <b>EQUIPE</b>   | <b>nº</b>   | <b>Salário/mês</b> | <b>Custo/mês</b> |                              |
| <b>Professores</b>  | 19,3        | 5.000              | 96.923           |                              |
| <b>Direção</b>  | 1           | 6.000              | 6.000            |                              |
| <b>Coordenação pedagógica</b>                                 | 2           | 5.000              | 10.000           |                              |
| <b>Secretaria</b>   | 2           | 2.000              | 4.000            |                              |
| <b>Manutenção e conservação</b>                               | 6           | 1.500              | 9.000            |                              |
| <b>Biblioteca</b>   | 2           | 5.000              | 10.000           |                              |
| <b>Alimentação</b>  | 4           | 1.500              | 6.000            |                              |
| <b>TOTAL PESSOAL</b>  | <b>36,3</b> |                    | <b>141.923</b>   |                              |
| <b>Pessoal (encargos 20%)</b>                                 |             |                    |                  | 28.385                       |
| <b>Total pessoal no ano (x 13,3)</b>                          |             |                    |                  | 2.270.202                    |
| <b>Outros gastos de custeio e investimento (20% do total)</b> |             |                    |                  | 567.550                      |
| <b>Custos total da escola</b>                                 |             |                    |                  | <b>2.837.752</b>             |
| <b>Custo por aluno anual</b>                                  |             |                    |                  | <b>7.882,64</b>              |
|   |             |                    |                  | <b>Custos/mês<br/>657,00</b> |

Fonte: Simulação feita por José Marcelino de Rezende Pinto com base nos princípios do Custo Aluno Qualidade Inicial (CAQi)

## O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES

Os adolescentes relataram uma série de problemas ligados à falta de infraestrutura escolar, que vinculavam ao descaso do Estado. Segundo os depoimentos, a escola pública nas cidades pesquisadas ainda está longe de atingir um patamar adequado em relação às suas condições de funcionamento. Muitos depoimentos revelaram o abandono e a falta de investimentos no ensino público, como o de uma adolescente de Belém, que concluiu o ensino fundamental, mas abandonou a escola sem ter cursado o ensino médio, e outro de Brasília, que está cursando o ensino fundamental:

*“Na minha escola falta água. Às vezes, quero lavar a mão e não tem água na torneira. Vou ao banheiro e não tem água para dar descarga. Por que isso acontece?”*

*“É uma poluição visual. Tem gente que não diz nada, mas sabe que (a escola) é feia, se sente num lugar assim. Num ambiente feio, sujo, paredes pichadas, muitas mesas e cadeiras quebradas. Tudo isso dificulta”.*

Outros apontaram que sua escola estava em condições muito piores do que as da rede privada de ensino. Diante da experiência cotidiana de estudar em uma “escola pobre para pobres”, eles manifestaram sua indignação com esse quadro. Um dos grandes motivos de reclamação dos alunos era o estado de conservação e higiene dos banheiros, como mostra esse depoimento de um adolescente de Belo Horizonte que cursa o ensino fundamental:

*“Os banheiros da escola não têm vaso, não têm pia, não têm nada. (...) Quando a gente pede para arrumar o banheiro, falam que precisam de verba”.*

Além do estado precário das escolas, vários alunos denunciaram o subaproveitamento da capacidade já instalada na rede pública de ensino. Uma das principais reclamações dos adolescentes referia-se à não utilização de laboratórios, salas de informática e bibliotecas, particularmente no caso do ensino noturno. É o que aponta esse adolescente de Belo Horizonte que cursa o ensino fundamental:

*“A sala é cheia de computador, mas ninguém mexe, porque a sala só fica trancada”.*

**“ Desde a 1ª série eles falam que vão arrumar o banheiro e a quadra, para a gente poder ter Educação Física. Nunca arrumaram. Eu estou na 8ª série. Somam nove anos, contando com um ano que eu repeti. ”**

**Adolescente de Belo Horizonte, de 15 anos, que está cursando o ensino fundamental**

De acordo com os depoimentos dos alunos, os professores não teriam como utilizar a informática em sua disciplina, mesmo se quisessem ou soubessem, por não contarem com um suporte adequado na escola para desenvolver projetos de ensino com o uso desse recurso.

Outro aspecto apontado pelos adolescentes entrevistados foi a própria estética da escola. Para eles, um prédio feio, sujo, cheio de grades, sem condições de funcionamento, certamente é um motivo a mais de desânimo em relação à escola, como conta um adolescente de 15 anos de Belo Horizonte que abandonou os estudos após concluir o ensino fundamental, e outro de Fortaleza que terminou essa etapa, mas saiu da escola sem ter cursado o ensino médio:

*“A estrutura na escola já não favorece, porque já está precária. Os alunos ficam pensando assim: ‘Se a escola está tão ruim, por que eu devo continuar aqui?’. Eles saem da escola por causa disso”.*

*“A escola em que estou atualmente não é tão ‘incentivante’. Não tem estrutura. Faltam água e banheiro, e os professores, às vezes, não tratam bem a gente. A sala é pequena e a gente se sente muito preso. Essas coisas fazem a gente não querer ir para a escola”.*

**“ Acho a escola chata, mas ela é boa para o futuro. Sem estudo, você não pode ter um trabalho bom, uma renda boa. ”**

**Adolescente de Belém que abandonou a escola durante o ensino fundamental**

Para os adolescentes ouvidos, é necessário haver mais investimentos para melhorar a infraestrutura das escolas e dar melhores condições de trabalho e formação para os professores. Um exemplo é esse depoimento de um adolescente de 17 anos de Belo Horizonte que cursa o ensino médio:

*“(É preciso melhorar) o baixo salário dos professores. Eles não têm incentivo nenhum para dar aula, não têm segurança. As escolas estão precárias, não têm mesa, ventilador, luz, estão caindo aos pedaços. Falta material didático. Os professores não têm pincel para escrever no quadro, eles estão comprando do bolso deles”.*

## O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

A implantação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação representou um passo importante no processo de ampliação do acesso ao ensino médio, que apresenta um dos maiores contingentes de brasileiros fora da escola. Outra ação que envolve o aumento e a redistribuição de recursos para a educação voltada aos adolescentes é a inclusão

do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos no Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) e no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)<sup>39</sup>.

Uma ferramenta importante para ampliar os recursos destinados ao ensino médio à educação é o Custo Aluno Qualidade Inicial (CAQi). Criado pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação, o CAQi estabelece um valor mínimo de investimento por aluno, de acordo com cada etapa do ensino, levando em conta os insumos necessários para garantir a aprendizagem em cada uma dessas etapas. Também estabelece o percentual do PIB *per capita* que deve ser usado para reajustar esses valores, que variam para cada etapa da educação básica. Com isso, os valores mínimos de investimento por aluno teriam um aumento significativo. Sancionado em junho de 2014, o Plano Nacional de Educação estabeleceu que o CAQi deve ser implantado no prazo de dois anos.

Além disso, é importante melhorar a gestão dos recursos. De acordo com o professor da USP José Marcelino de Rezende Pinto, uma boa parte do dinheiro da educação é usada para pagamento de professores aposentados ou de concursados da rede estadual que não atuam – mas são pagos – em razão da municipalização da educação básica. Com isso, sobra menos para pagar os professores que estão na ativa. Além disso, há desvios por corrupção e para uso em outras áreas da gestão pública, que não a educação.

Para garantir que as políticas do setor sejam efetivas, é preciso que o financiamento da educação seja objeto de intenso controle social. Esse processo envolve o fortalecimento e a promoção da ação articulada dos conselhos escolares e de outros mecanismos e instâncias já existentes, como o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, os conselhos de saúde e de assistência social dos municípios, fóruns, conferências, associações, grêmios, além da ampliação e da consolidação da participação dos adolescentes, das famílias e da comunidade em cada um deles.

## 10 Garantir um fluxo escolar adequado e o acesso ao ensino médio para todos os adolescentes

A dificuldade de progressão nos estudos já no ensino fundamental afeta de forma importante a escolarização no ensino médio. Embora a quase totalidade das crianças consiga ter acesso à escola, uma parcela significativa de alunos abandona as salas de aula antes mesmo de concluir o ensino fundamental, por problemas de baixo desempenho, repetência e desinteresse em relação aos conteúdos oferecidos. Quando conseguem completar esse nível de ensino, poucas o fazem na idade adequada. No ensino médio, o número de estudantes que concluem os estudos no tempo esperado é ainda menor.

39 Relatório Situação da Adolescência Brasileira – O Direito de Ser Adolescente: Oportunidade para Reduzir Vulnerabilidades e Superar Desigualdades, UNICEF, 2011.

Quando se analisam as taxas de distorção idade-série, esse problema fica mais visível: a 1ª série é a que apresenta a maior distorção no ensino médio, revelando um problema de fluxo ao longo do ensino fundamental, que dificulta a conclusão dessa etapa da educação básica e a continuidade dos estudos (*veja mais sobre o assunto no capítulo 1*).

De acordo com Carlos Eduardo Moreno Sampaio<sup>40</sup>, diretor de Estatísticas Educacionais do Inep, nos anos iniciais do ensino fundamental o acesso está próximo da universalização e na idade adequada. No entanto, há uma queda na frequência à escola a partir dos 13 anos de idade, com reflexos importantes para a escolarização no ensino médio. Para ele, o correto conceito de universalização estabelecido pela legislação implica contemplar outros resultados educativos e não apenas a captação de alunos para o sistema. “Considerar aprendizagem, fluxo escolar e outros indicadores de resultados amplia e dá sentido à ideia de universalização da educação básica, ou seja, ao analisar o direito à educação, é preciso avaliar qualidade e equidade, sobretudo num país com a diversidade e as assimetrias sociais do Brasil”, aponta.

Segundo ele, há um problema estrutural da educação brasileira, a baixa produtividade do sistema em produzir concluintes na idade própria. Entre os anos de 1997 e 2012, houve melhora no fluxo escolar. Em 1997, 79% dos alunos de 17 anos estavam atrasados, já em 2012 esse percentual caiu para 56%. Entre os adolescentes de 17 anos que não frequentam a escola, o número de séries concluídas antes de sua saída aumentou – 44,2% deixaram de frequentar a escola sem ter concluído o ensino fundamental, ante 82,9% em 1997.

Isso acontece em grande medida em razão da repetência. Os alunos não aprovados pelo sistema – seja por reprovação, seja por ter deixado de frequentar a escola durante o ano letivo – são candidatos a repetir a etapa no ano seguinte ou evadir do sistema. A consequência da ineficiência do fluxo gera a distorção idade-série, já que alunos que experimentam sucessivos fracassos tendem a ter mais dificuldades na sua trajetória escolar (*veja mais sobre o assunto no item Lidar com os adolescentes que estão retidos no ensino fundamental, na página 55*).

De acordo com Moreno Sampaio, uma análise do perfil etário dos alunos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentado no Censo Escolar mostra que há uma parcela expressiva de alunos muito jovens na EJA. Isso sugere que essa modalidade de ensino esteja recebendo estudantes provenientes do ensino regular, provavelmente aqueles com histórico de retenção, em busca de meios para conclusão dos ensinos fundamental e médio.

<sup>40</sup> Mestre em Estatística e Métodos Quantitativos pela UnB e diretor de Estatísticas Educacionais – Deed/Inep/MEC.

## O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES

A realidade comum a todos os adolescentes pesquisados foi a trajetória escolar instável. Perguntados sobre como as famílias lidavam com essa situação, os adolescentes, nos grupos focais e nas entrevistas, foram unânimes em reconhecer que a família se coloca quase sempre a favor da continuidade dos estudos.

Chama a atenção nos depoimentos o papel preponderante da mãe nesse processo. É ela que incentiva ou cobra a permanência do filho na escola. Em algumas famílias, o discurso da mãe revela a compreensão da função da escola na vida do filho. Muitas mães têm consciência dos avanços sociais existentes nessa geração que possibilitam o acesso e a permanência na escola, principalmente em comparação com as dificuldades vivenciadas pela geração anterior. É o que revela esse depoimento de um adolescente de Belo Horizonte cursando o ensino médio:

*“Minha mãe fala que antigamente não tinha essa história de filho de 16 anos poder estudar. Com 14 anos você ia trabalhar para poder ajudar dentro de casa. Ela fala que é uma coisa que o governo dá e não precisa pagar. Hoje em dia o governo dá tudo, livro, até roupa para você ir estudar. Então ela fala muito que é uma oportunidade para você ter uma profissão legal, para saber mais, para ninguém te fazer de bobo”.*

# A REALIDADE NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE

Apesar dos avanços em relação ao acesso e à cobertura do sistema educativo na América Latina, o abandono e o atraso escolar se mantêm como principais desafios da região, em especial no ensino médio”, afirma o relatório *Adolescentes: Direito à Educação e ao Bem-estar Futuro*<sup>1</sup>, produzido pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e o escritório regional do UNICEF.

Segundo o relatório, a quase totalidade das crianças de 11 anos estuda, mas, aos 17 anos, 50% dos adolescentes abandonam a escola, e só um em cada três completa o ensino médio sem repetência.

Ainda de acordo com o relatório, a origem socioeconômica influencia de forma significativa o desempenho dos adolescentes nos estudos. Tanto o abandono precoce como a repetência são maiores entre a população indígena, afrodescendente e moradora de áreas rurais.

<sup>1</sup> María Nieves Rico e Daniela Trucco. Março de 2014.

Os depoimentos também mostram que um dos principais argumentos utilizados pelas famílias para tentar convencer os adolescentes da necessidade da frequência à escola e, principalmente, da conclusão dos estudos é a conquista de um bom emprego por meio do diploma, minimizando a importância dos conhecimentos adquiridos no cotidiano escolar, no presente. A importância da escola sempre aparece como um investimento no futuro, como revela esse depoimento de um adolescente de Fortaleza que abandonou a escola no ensino fundamental:

*“Acho que estudar é mais que uma obrigação, é nosso dever, porque o aprendizado vai ajudar a gente no futuro, porque se a gente quiser um futuro bom, um futuro melhor, a gente tem que estudar bastante para poder conseguir uma coisa lá na frente, porque sem estudo, hoje em dia, não tem como conseguir nada. Eu acho que é uma melhoria de vida o estudo”.*

**“Minha mãe força para que eu estude. Ela não teve chance de estudar. É diarista e fala que não quer me ver fazendo o mesmo. Ela acha que eu tenho que estudar para ter um futuro melhor.”**

**Adolescente de Santana do Riacho (MG) que está cursando o ensino fundamental**

Assim, o sentido da escola no presente é dado pela possibilidade de projetar uma possível recompensa pelos esforços realizados. Mas, para isso, é preciso que a família e o jovem acreditem que a frequência escolar no presente signifique de fato uma preparação para um futuro melhor, o que possibilitaria a internalização da disciplina necessária para “suportar” a escola, porque a grande maioria dos adolescentes afirmou não gostar da escola ou de estudar. No entanto, para boa parte dos adolescentes entrevistados, a crença na possibilidade de um futuro melhor por intermédio da escola tende a não se efetivar pela própria realidade vivenciada na família e no seu entorno.

Por outro lado, a capacidade da família de colocar limite nos filhos nessa idade é reduzida, principalmente se já trabalham. Em boa parte dos depoimentos, foi comum os adolescentes atribuírem a si mesmos a responsabilidade pela exclusão escolar, alegando os mais diferentes motivos. Fica evidente que a família, e especificamente as mães, tem limites em obrigar os filhos à frequência escolar na medida em que vão ficando mais velhos e ganham maior autonomia<sup>41</sup>.

Também é comum no discurso dos adolescentes entrevistados o reconhecimento de que a saída da escola não foi uma boa ideia, sempre acompanhada da promessa de um retorno posterior. É o caso dessa adolescente de Brasília que abandonou a escola no ensino médio:

<sup>41</sup> Essa alegação é muito comum quando a escola cobra a presença do filho como condicionalidade para o recebimento do Bolsa Família.

*“É uma burrada que você faz, porque, no primeiro ano, só faltam dois anos para você terminar. Aí você pára e vai voltar com 20, 21 anos. Olha o tempo que você está perdendo de uma coisa que você termina com 18 anos. Eu não aconselho ninguém a parar de estudar. Por isso eu quero voltar, foi a pior burrada que eu fiz. Eu tive muito incentivo da minha mãe para estudar e tenho até hoje. Eu parei porque quis, eu que fui a errada mesmo e queria aquilo. Minha mãe conversou comigo, ela não gostou, chorou, esperneou. Agora eu vou correr atrás do tempo perdido”.*

## O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

De acordo com Moreno Sampaio, o adolescente precisa ser motivado em toda a sua trajetória escolar, fortalecendo a consciência da propriedade do patrimônio escolar e o sentido da continuidade dos estudos com o objetivo de obter a qualificação para o trabalho ou o prosseguimento dos estudos, na educação profissional ou superior. A escola precisa proporcionar meios para que o jovem seja protagonista na construção de seu futuro.

Tendo em vista que o fluxo escolar é um processo que começa com a escolarização da criança, implantar medidas para tentar reduzir a repetência, em especial nos anos iniciais do ensino fundamental, deve estar nas prioridades das políticas públicas de educação. Como cada criança tem um ritmo de aprendizagem, é preciso dar condições para que elas evoluam no seu tempo. A pesquisa *Melhores Práticas em Escolas de Ensino Médio no Brasil*<sup>42</sup> mostra que a adoção de estratégias de reforço e recuperação, para manter os alunos na escola, tem resultado no combate à evasão e à repetência.

É importante também, segundo o estudo, implementar iniciativas voltadas para a correção do fluxo escolar, de forma a adequar a série à idade dos alunos e dar a eles condições de aprender e progredir para a série seguinte. Uma das estratégias mais utilizadas na correção do fluxo escolar é a aceleração de aprendizagem, que possibilita ao aluno cursar mais de uma série em um único ano, para que ele consiga recuperar sua defasagem na aprendizagem e cursar a série adequada para sua idade.

Oferecer um ensino médio de qualidade e que seja adequado às necessidades e à realidade dos adolescentes brasileiros envolve profundas mudanças em diversos setores da educação, como infraestrutura, currículo, organização escolar, formação de professores, entre outros. E demanda, também, a participação dos diferentes atores sociais para que todos os adolescentes brasileiros possam concluir, na idade adequada, a educação básica, aptos a prosseguir seus estudos e exercer sua cidadania. 

42 *Melhores Práticas em Escolas de Ensino Médio no Brasil*. Resumo Executivo. Secretaria de Ensino Básico (SEB) do MEC, Diretoria de Estudos Educacionais do Inep-MEC; Secretarias Estaduais de Educação (Seeds) dos Estados do Acre, do Ceará, de São Paulo e do Paraná, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID); 2010.

# PROGRAMAS E POLÍTICAS PARA O ENSINO MÉDIO

*Nas duas últimas décadas, os indicadores – tanto de acesso quanto de permanência dos adolescentes de 15 a 17 anos na escola – melhoraram, mas num ritmo e com qualidade aquém do necessário para assegurar a todos os garotos e garotas – e a cada um deles – o direito de aprender. Universalizar o ensino médio com qualidade permanece, hoje, um dos principais desafios no campo das políticas educacionais*





### ADOLESCENTES EM AÇÃO

Julia da Silva, de 16 anos, e Daniel Pereira, de 17 anos, trabalham no grafite da capa. Julia, que está no 2º ano do ensino médio, é a única da turma que nunca repetiu de ano



O ensino médio é reconhecido no Brasil como uma etapa da educação básica desde 1996, ano em que foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). No entanto, foi necessária mais de uma década para que esse nível de ensino passasse a ser olhado com mais atenção no âmbito das políticas públicas – um movimento intrinsecamente relacionado com as pressões pela universalização do acesso à educação secundária no país (veja texto *O ensino médio através dos tempos*, na página 127).

A LDB já preconizava a extensão progressiva da escola básica até o nível médio. Mas foi somente a partir de 2007, quando entrou em vigor o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), que os sistemas de ensino passaram a contar com recursos destinados especificamente a esse nível de ensino, o que favorece sua consolidação.

Em 2009, com a alteração do artigo 208 da Constituição Federal por meio da Emenda Constitucional nº 59, o direito à educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos passou a ser reconhecido, inclusive para aqueles que não a concluíram na idade própria. Universalizar o ensino médio com qualidade permanece, porém, como um dos principais desafios no campo das políticas educacionais.

Antes disso, porém, nos anos 90, as demandas pela democratização do acesso à educação, impulsionadas por políticas destinadas a ampliar o acesso e a permanência no ensino fundamental, já geravam uma pressão pela expansão do ensino médio, pois mais alunos estavam aptos a avançar nos estudos. Paralelamente, a demanda por qualificação por parte do mercado de trabalho também contribuiu para atrair alunos para essa etapa da educação.

Entre 1996 e 2002, as matrículas no ensino médio aumentaram 51,8%, saltando de 5,7 milhões para 8,7 milhões. Nos dois anos seguintes, a tendência foi de estabilidade, atingindo o pico de 9,1 milhões de alunos em 2004. A partir de 2005, há queda das matrículas: em 2012, havia 8,3 milhões de alunos matriculados (redução de 7,2%), aponta o Censo Escolar da Educação Básica. Em contrapartida, a população em idade de cursar o ensino médio – adolescentes na faixa de 15 a 17 anos – aumentou: passou de 10,2 milhões (2007) para 10,6 milhões (2012).

É justamente nessa contradição que reside o desafio no campo das políticas para o ensino médio brasileiro. Os dados oficiais ajudam a visualizar e a di-

mensionar o problema, evidenciando que a redução das matrículas está relacionada com dois fenômenos envolvendo a população de 15 a 17 anos. De um lado, permanece elevada a proporção de adolescentes em idade de cursar o ensino médio retidos no ensino fundamental. De outro, verifica-se o grande número de adolescentes fora da escola (*veja mais sobre o assunto no capítulo 1*).

**Nos anos 90, o foco das políticas públicas era a ampliação do acesso à escola, em especial ao ensino fundamental. Mas a falta de qualidade da educação criou um gargalo no segundo ciclo dessa etapa que precisa ser superado**

Ao longo desse período, é possível identificar linhas gerais no que tange ao ensino médio. Nos anos 90, o foco das políticas públicas era a ampliação do acesso à escola, em especial ao ensino fundamental. A expectativa era que o aumento das matrículas no fundamental gerasse um fluxo crescente de estudantes para o nível médio. No entanto, a falta de qualidade da educação criou um gargalo no segundo ciclo do ensino fundamental (6º ao 9º ano) que precisa ser superado. Ao mesmo tempo, os indicadores do ensino médio mostram um contexto de lentos avanços da aprendizagem, combinado com a persistência da reprovação e do abandono da escola (*veja mais sobre o assunto no capítulo 1*).

Finalmente, a ausência de integração entre as políticas educacionais e outras ações na área de assistência, saúde, trabalho, dentre outras, produz um cenário desfavorável à permanência dos adolescentes da faixa etária de 15 a 17 anos na escola – problemática que só recentemente começou a entrar na agenda do debate público no país.

Para Paulo Carrano, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenador do Observatório Jovem, há outros fatores, além da ausência de integração das políticas, que ajudam a compreender o cenário atual: a falta de recursos, a descontinuidade das políticas, a precariedade das condições de trabalho dos educadores e dos demais atores envolvidos na implementação das ações no campo das políticas de assistência e educacionais são alguns deles (*veja mais sobre o assunto no capítulo 3*).

“Nos anos 90 e 2000, houve grandes avanços do ponto de vista da concepção de jovem no país – saímos de uma visão do jovem pobre como o ‘jovem perigoso’ para uma concepção do jovem como sujeito de direitos”, analisa Carrano. “As políticas públicas tentam materializar essa nova concepção, mas sua efetividade e seu impacto são baixos.”

A análise dos dados à luz das políticas em curso nas duas últimas décadas aponta um cenário de melhora geral dos indicadores – tanto de acesso quanto de permanência dos adolescentes na escola –, mas num ritmo e com qualidade aquém do necessário para assegurar a todos os garotos e garotas – e a cada um deles – o direito de aprender.

## ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS RETIDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM GRANDE DESAFIO PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Dos cerca de 8,8 milhões de adolescentes de 15 a 17 anos que frequentam a escola, 3.114.850 (35,2%) ainda estão no ensino fundamental em vez do médio, como seria esperado, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2011 (*veja mais sobre o assunto no capítulo 1*).

A compreensão desse fenômeno requer um olhar para o rumo das políticas educacionais nos últimos 20 anos, norteadas pelo objetivo de democratizar e ampliar o acesso à escola preconizado pela Constituição e pela própria LDB.

A partir da segunda metade dos anos 90, um dos principais nortes das políticas educacionais era universalizar o acesso de crianças e adolescentes de 7 a 14 anos ao **ensino fundamental – obrigatório por lei**.

Naquele contexto, políticas como o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), de 1996, foram essenciais no sentido de assegurar um aporte

### EVOLUÇÃO DO ENSINO OBRIGATÓRIO

Até 1971, o ensino obrigatório no Brasil restringia-se às quatro séries iniciais de escolaridade, o então denominado ensino primário. A Lei nº 5.692, de 1971, ampliou a obrigatoriedade, garantindo a escolaridade dos 7 aos 14 anos. Em 2006, a Lei nº 11.274 determinou que o ensino fundamental, antes com oito séries, passasse a ter nove, com o ingresso no ensino fundamental aos 6 anos. Mais recentemente, em 2009, foi reconhecido o direito à educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos.

de recursos que resultou num forte incremento das matrículas nesse nível de ensino. Em 1991, 81% das crianças de 7 a 14 anos estavam matriculadas no ensino fundamental. Duas décadas mais tarde, em 2011, o acesso estava praticamente universalizado, com 98,2% das crianças de 6 a 14 anos matriculadas nesta etapa de ensino, embora não se possa perder de vista que cerca de 600 mil crianças e adolescentes dessa faixa etária estão fora da escola e que esse número vem se mantendo estável nos últimos anos.

Paralelamente, no campo pedagógico, a década de 90 foi marcada pela difusão das ideias construtivistas, que embasavam novas formas de organização das escolas e dos sistemas de ensino fundamentadas nos ciclos de aprendizagem e na progressão continuada. O objetivo era democratizar o acesso à educação, construir uma nova escola sintonizada com o preceito da educação como direito de todos, na qual toda

criança tem a oportunidade de aprender. Portanto, uma escola diferente do modelo seletivo e excludente, então predominante, e que produzia taxas de reprovação superiores a 30% em meados dos anos 80.

Segundo a educadora Maria Amabile Mansutti, coordenadora técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), a discrepância entre a teoria e o dia a dia da escola acabou

gerando, no entanto, persistentes lacunas de aprendizagem, que se acumulam no decorrer do ensino fundamental. Muitos alunos avançaram ao longo do ensino fundamental sem aprender, resultando, mais tarde, em reprovação, defasagem idade-série e, também, abandono da escola.

“O problema é que a implementação das políticas relacionadas com o sistema de ciclos, em certas circunstâncias, não foi adequada”, analisa Maria Amabile, referindo-se a um conjunto de ações que considera essenciais para propiciar a aprendizagem: reforço e acompanhamento dos alunos, melhoria da infraestrutura das escolas e formação de professores, entre outras. “Faltou investimento, o volume de recursos destinado à educação não foi suficiente. Também faltou um projeto capaz de viabilizar a democratização do acesso, pautado em formação dos professores, em pesquisas sobre novas didáticas para dar apoio às novas propostas pedagógicas.”

Desse modo, devido ao acúmulo de deficiências de aprendizagem entre grandes parcelas do alunado, o aumento da matrícula no ensino fundamental não se refletiu na melhoria do fluxo escolar no mesmo ritmo da expansão da oferta, congestionando a segunda etapa do ensino fundamental e esvaziando o ensino médio.

**A década de 90 foi marcada pela difusão das ideias construtivistas, que embasavam novas formas de organização das escolas e dos sistemas de ensino. A discrepância entre a teoria e o dia a dia acabou gerando, no entanto, persistentes lacunas de aprendizagem**

Apesar dos avanços ao longo das duas últimas décadas, a defasagem idade-série persiste, principalmente nos anos finais do ensino fundamental. Em 2012, 28% dos alunos do 6º ao 9º ano estavam pelo menos dois anos defasados em relação à série esperada para a idade, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). A taxa oscila do pico de 32%, no 6º ano, a 25%, no 9º ano.

Para o matemático Ruben Klein, especializado em análises de dados educacionais e consultor da Fundação Cesgranrio, esses indicadores sinalizam uma tendência de estagnação dos progressos que o país vinha obtendo até meados da década passada, inviabilizando a expansão do ensino médio. Na opinião dele, sem olhar para o segundo ciclo do ensino fundamental não será possível ampliar o acesso e a permanência no ensino médio.

Outra dimensão relevante ao debate é o perfil socioeconômico dos adolescentes que estão em defasagem idade-série. A série histórica da Pnad, analisada no estudo *Os Jovens e o Gargalo do Ensino Médio Brasileiro*<sup>1</sup>, da Fundação Seade, demonstra que a participação dos adolescentes de baixa renda permanece pequena nas matrículas do ensino médio em relação às faixas de renda mais elevadas, pois a maior parcela deles (39,1%) está retida no ensino fundamental.

Para Maria Amabile, do Cenpec, essa população impõe um desafio à parte às políticas educacionais. Isso porque, de um lado, não há ações específicas destinadas ao atendimento desses adolescentes retidos no ensino fundamental. De outro, porque se trata de um grupo que possui características distintas das crianças e dos adolescentes que “transitam de modo regular e adequado” pelo ensino fundamental.

“Eles frequentam a escola e enfrentam discriminação por parte dela, sobretudo aqueles que sofrem múltiplas reprovações, estão defasados e acumulam alta distorção de idade em relação à série que cursam”, analisa a pesquisadora<sup>2</sup>.

Geralmente, esses adolescentes são os que integram os grupos daqueles que têm dificuldade de aprender, que são considerados indisciplinados, problemáticos em sua relação com os professores, os colegas e a própria instituição escolar. “Esses alunos são um contingente significativo e está à beira do abandono escolar”, enfatiza a coordenadora técnica do Cenpec.

Para fazer frente à distorção idade-série e colaborar para o avanço dos adolescentes de 15 a 17 anos retidos no ensino fundamental, o MEC está desenvolvendo o Programa Nacional de Adequação de Idade/Ano Escolar para Jovens de 15 a

<sup>1</sup> Maria Helena Guimarães de Castro, Haroldo da Gama Torres, Danilo França. *Os Jovens e o Gargalo do Ensino Médio Brasileiro*. São Paulo: Fundação Seade, 2013. Disponível em [http://www.seade.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1202&Itemid=48](http://www.seade.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1202&Itemid=48) (acesso em 17/12/2013).

<sup>2</sup> *Jovens de 15 a 17 Anos no Ensino Fundamental – Caderno de Reflexões*. Ministério da Educação, 2011.

17 anos retidos no Ensino Fundamental. A iniciativa se centra na inclusão desses adolescentes em escolas com jornada ampliada ou educação integral, com o objetivo de favorecer a criação de espaços que promovam no ambiente escolar o protagonismo juvenil (*veja mais sobre o assunto no capítulo 3*).

Também estão previstos a produção de materiais específicos, a elaboração de um currículo voltado para essa clientela e investimento na formação de professores para atuar com esses estudantes.

Compreender melhor a trajetória escolar desse adolescente que apresenta dificuldade de avançar nos estudos é fundamental para a formulação de políticas capazes de colaborar para a escolarização desses adolescentes.

“A escola pública está recebendo um público para o qual não foi preparada. Como a escola não sabe lidar com ele, esses alunos acabam ficando para trás ao longo do ensino fundamental”, analisa Paulo Carrano. “São jovens que possuem um capital familiar que não ajuda. Paralelamente, o cotidiano escolar não é estimulante. O professor está desmotivado e são muitos os problemas de infraestrutura.”

## **CURRÍCULO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO: PRINCIPAIS LINHAS DE AÇÃO DAS POLÍTICAS PARA O ENSINO MÉDIO**

---

Ao longo das duas últimas décadas, as principais linhas de ação no plano das políticas educacionais para o ensino médio se concentraram em duas frentes: na reformulação do currículo, no sentido de adequá-lo às disposições da LDB, e no fortalecimento da educação profissional de nível técnico.

A discussão em torno do currículo está relacionada a um debate recorrente no Brasil: a definição da identidade do ensino médio – formar para a vida ou para o trabalho. A diretriz proposta pela LDB visava superar essa dicotomia, na medida em que apontava para uma formação humana, ética, capaz de promover o desenvolvimento da autonomia intelectual e o pensamento crítico do aluno.

Essa visão do ensino médio impôs, no campo das políticas públicas, o desafio de consolidá-lo como uma etapa de aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental com o objetivo de favorecer as aprendizagens ao longo da vida e como preparação para o trabalho e a cidadania.

Nesse sentido, a LDB estipulou que a estrutura curricular do ensino médio deveria conter uma base nacional comum e que 25% dos conteúdos ficariam sob respon-

sabilidade das unidades escolares. O objetivo era contemplar as necessidades e os interesses regionais, locais e dos alunos<sup>3</sup>.

Um marco nesse processo foram as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, lançadas em 1998 pelo Conselho Nacional de Educação, com a intenção de fortalecer a concepção de ensino médio como etapa de consolidação da educação básica.

As diretrizes fazem uma crítica ao modelo tradicional de ensino, baseado na transmissão de conteúdos, e propõem como princípios norteadores o desenvolvimento de competências básicas, a interdisciplinaridade e a contextualização dos conteúdos. O objetivo é colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem e construir uma “escola jovem”<sup>4</sup>.

Elas propõem, então, uma organização da base curricular comum em três áreas de conhecimento: linguagens, códigos e suas tecnologias; ciências da natureza, matemática e suas tecnologias; e ciências humanas e suas tecnologias. Cabe, então, ao currículo propiciar aos alunos o desenvolvimento de competências e habilidades em cada uma delas, por meio de atividades de caráter interdisciplinar e contextualizadas.

Dois anos mais tarde, foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNs) com o objetivo de orientar o trabalho das escolas à luz da nova legislação. Os Parâmetros Curriculares foram elaborados com o objetivo de oferecer um norte aos professores e às escolas no processo de implementação das orientações e propostas contempladas nas Diretrizes, enfocando seus princípios gerais.

Embora não tivessem caráter obrigatório, os PCNs acabaram se tornando a principal referência para os currículos das redes de ensino e escolas. Entre suas dimensões, os PCNs enfatizam o conceito de “competências”, numa perspectiva em que se procurava esvaziar a reprodução dos saberes instituídos, segundo o estudo *Anos Finais do Ensino Fundamental: Aproximando-se da Configuração Atual*<sup>5</sup>.

O desafio, contudo, é que o conceito de competências nunca fez parte dos cursos de formação docente, de modo que os professores viam-se pouco preparados

**Ao longo das duas últimas décadas, as principais linhas de ação no plano das políticas educacionais para o ensino médio se concentraram em duas frentes: na reformulação do currículo, no sentido de adequá-lo às disposições da LDB, e no fortalecimento da educação profissional de nível técnico**

<sup>3</sup> Rose Neubauer, Cláudia Davis, Gisela Lobo B. P. Tartuce e Marina M. R. Nunes no artigo “Ensino médio no Brasil: uma análise de melhores práticas e de políticas públicas”. In *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 92, nº 230, pp. 11-33, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1822/1378> (acesso em 12/1/2014).

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Fundação Victor Civita e Fundação Carlos Chagas. São Paulo, julho de 2012.

para aplicá-lo em suas práticas didáticas. Outro conceito relevante no âmbito dos PCNs é o de interdisciplinaridade, que também pouco ecoou na prática didática, em grande parte devido à distância entre as disposições legais e as políticas e o cotidiano da sala de aula.

Há dez anos, o MEC iniciou uma série de debates e reflexões acerca do ensino médio, envolvendo inclusive professores, que resultaram nas Orientações Curriculares do Ensino Médio, publicadas em 2006.

As Orientações mantêm os conceitos de competência, interdisciplinaridade e contextualização como princípios norteadores, mas procuram explicitar ao professor quais são as competências, as habilidades e os conteúdos passíveis de ser trabalhados na perspectiva das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, de 1998, ainda em vigor naquela época.

## NOVAS DIRETRIZES PARA O ENSINO MÉDIO

O currículo é organizado por áreas do conhecimento, que agregam conjuntos de disciplinas em quatro grandes áreas

1. **Linguagens**
2. **Matemática**
3. **Ciências da natureza**
4. **Ciências humanas**

Nesse sentido, ainda no âmbito do currículo, em 2010 foram lançadas as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, cujo objetivo foi dar mais organicidade aos níveis e às etapas que integram a educação básica brasileira, de modo a estabelecer uma relação entre os processos educativos e as exigências de aprendizagem ao longo da trajetória escolar das crianças e dos adolescentes.

Dois anos mais tarde, foram publicadas as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o **Ensino Médio**. O objetivo do novo documento foi superar a distância entre o que preconizam a legislação e as normas e a sala de aula existente nas Diretrizes de 1998, propondo uma organização mais próxima da dinâmica das escolas e das salas de aula.

Mesmo com todas as mudanças e tentativas de ajustes, as diretrizes curriculares persistem distantes das escolas. “As escolas tendem a permanecer, até hoje, focadas no trabalho com conteúdos, numa organização por disciplinas tradicional, sem articular com o contexto do aluno e com os demais componentes das áreas de conhecimento”, enfatiza o professor Candido Gomes, da Universidade Católica de Brasília. “O jovem continua a ter uma escola preparatória para a educação superior, conteudista, discursiva, com cerca de 13 disciplinas compartimentadas e ciclos de provas que, mal terminam, recomeçam”, analisa o professor.

Segundo Juarez Dayrell e Rodrigo Ednilson de Jesus, do Observatório da Juventude, o problema é que as mudanças não chegam ao chão da escola. “A política ainda é focada nos programas, muito fragmentada. Não tem essa visão mais macro”, observam.

Para mudar esse modelo, nos últimos anos a estratégia do governo federal tem sido fomentar o redesenho dos currículos de ensino médio a fim de torná-lo mais dinâmico e sintonizado com as especificidades das escolas e das comunidades nas quais se inserem, ampliar o tempo de permanência dos estudantes na escola e garantir formação integral, por meio de iniciativas como o Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), de 2009<sup>6</sup>.

Ao aderir ao ProEMI, as escolas se comprometem a ampliar a carga horária mínima de 2,4 mil horas para 3 mil horas, de forma gradativa. Os currículos, por sua vez, devem contemplar as diversas áreas de conhecimento por meio de oito macrocampos: acompanhamento pedagógico; iniciação científica e pesquisa; cultura corporal; cultura e artes; comunicação e uso de mídias; cultura digital; participação estudantil; e leitura e letramento.

O programa é operacionalizado por meio de adesão do Distrito Federal e dos Estados interessados. As escolas que participam do projeto recebem apoio técnico e financeiro, por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), para implementar sua proposta de trabalho, e têm autonomia para direcionar os recursos recebidos via PDDE para atividades que possam gerar, potencialmente, mais impacto sobre os resultados, como o reforço de aprendizagem.

A contrapartida dos Estados é redesenhar o currículo das escolas envolvidas, ampliar a carga horária conforme os moldes do projeto, contar com um professor em regime de dedicação exclusiva com jornada de 40 horas semanais, entre outras exigências.

Em 2012, foi estabelecida uma parceria entre o ProEMI e o projeto Jovem de Futuro, do Instituto Unibanco. A meta é promover o redesenho curricular das escolas e fortalecer a gestão escolar, com foco na melhoria de aprendizagem dos estudantes. Em agosto de 2014, a parceria estava ativa em cinco Estados – Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pará e Piauí, onde já alcançou 2.110 escolas. As escolas entram em ciclos e até o final de 2016 a expectativa é alcançar toda a rede pública de ensino médio desses cinco Estados.

“O jovem continua a ter uma escola preparatória para a educação superior, conteudista, discursiva, com cerca de 13 disciplinas compartimentadas e ciclos de provas que, mal terminam, recomeçam.”

**Professor Candido Gomes,  
da Universidade Católica  
de Brasília**

<sup>6</sup> Ministério da Educação/Diretoria de Currículos e Educação Integral/Coordenação Geral do Ensino Médio. Programa Ensino Médio Inovador. Documento Orientador. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento\\_orientador.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_orientador.pdf) (acesso em 12/1/2014).

O ProEMI, porém, ainda não atinge a totalidade das escolas de ensino médio. Segundo o MEC, em 2014 o programa está atendendo 10.758 escolas de todos os Estados e do Distrito Federal. “O programa é interessante, está alinhado com as diretrizes curriculares, mas deveria ser maior”, analisa Francisco Aparecido Cordão, do Conselho Nacional de Educação. Para ele, o principal empecilho para a propagação do ProEMI é o fato de os Estados não colocá-lo como prioridade.

Embora ainda restrito, o ProEMI tem funcionado como espaço de articulação com políticas para adolescentes e jovens desenvolvidas em outras áreas do governo. Exemplo disso é o programa Mais Cultura nas Escolas, parceria do MEC e do Ministério da Cultura, que financia projetos culturais envolvendo escolas participantes do Ensino Médio Inovador.

O ProEMI também tem uma interface com o plano Juventude Viva, da Secretaria Nacional de Juventude, para enfrentar a violência contra os jovens, em especial os negros, principais vítimas de homicídios no Brasil. A iniciativa visa à implantação do ProEMI em áreas e em municípios onde adolescentes e jovens são mais vulneráveis à violência.

Outra ação que, na concepção do Ministério da Educação, pode influir em prol da remodelação dos currículos do ensino médio foi a mudança do Enem em 2009, que possibilitou sua transformação na principal porta de entrada para as universidades federais.

O exame, que antes era destinado a avaliar e a certificar competências e habilidades desenvolvidas pelos estudantes ao longo da educação básica, se tornou uma prova de maior fôlego. Com o fortalecimento do Enem, o MEC esperava induzir a reestruturação do ensino médio, de modo que os currículos e os conteúdos ensinados assumissem contornos menos tradicionais e calcados nas disciplinas, fortalecendo a perspectiva do desenvolvimento das competências e das habilidades. No entanto, aponta o professor Candido Gomes, ainda não é possível inferir o impacto do Enem sobre a renovação do currículo e das práticas pedagógicas no ensino médio. Além disso, existe, segundo ele, o risco de replicar um processo que ocorria no passado, quando os exames vestibulares ditavam o que e como se ensinava nas escolas, alimentando um novo engessamento do currículo com base num modelo externo.

## **FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL TÉCNICO**

---

A segunda linha de ação das políticas educacionais para o ensino médio, o fortalecimento da educação profissional de nível técnico, tem sido usada como estratégia para habilitar o egresso do ensino médio para o mercado de trabalho e também para tornar essa etapa de ensino mais significativa para o adolescente.

A Lei de Diretrizes e Bases estabelece que a educação profissional deve estar integrada às distintas formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia. No entanto, essa premissa tem sido interpretada de maneiras distintas no âmbito da política educacional, em especial no que diz respeito à relação entre o ensino médio e o trabalho. “A controvérsia se traduziu em duas reformas, no período de dez anos, envolvendo organizações curriculares opostas”, enfatiza a professora Nora Krawczyk no artigo “O ensino médio no Brasil”.

Ainda na década de 90, sob o argumento de conferir ao ensino médio um caráter de etapa de “consolidação da educação básica” e retirar seu caráter elitista, foi realizada a chamada “reforma da educação profissional”, em 1997.

A reforma operou a separação do ensino médio e do ensino técnico, que deixou de ser uma modalidade do secundário. Ambos se tornaram independentes, passaram a ter currículo próprio, oferecidos de maneira concomitante (o estudante podia fazer os dois cursos, porém com matrículas e currículos distintos) ou sequencial (destinada a quem já concluiu o ensino médio).

**O Enem, que antes era destinado a avaliar e a certificar competências e habilidades desenvolvidas pelos estudantes ao longo da educação básica, se tornou uma prova de maior fôlego, de forma a induzir a reestruturação do ensino médio**

A reforma foi uma tentativa de responder às exigências que se apresentavam para a educação naquele contexto face às mudanças ocorridas na organização do trabalho. Ao mesmo tempo, era uma resposta à necessidade de ampliar a oferta do ensino médio, pressionada pela expansão do ensino fundamental e das políticas de ajuste de fluxo, que resultaram no aumento do número de concluintes do ensino fundamental habilitados a ingressar no médio<sup>7</sup>.

A criação do Programa de Expansão da Educação Profissional (Proep) foi o principal resultado prático da reforma de 1997. O programa estabeleceu parcerias com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) para financiar a modernização e a expansão do sistema de educação profissional.

A reforma, somada a uma mudança na legislação em 1998, que impedia a abertura de vagas nas escolas da rede federal, a não ser em parceria com setor privado, Estados, municípios ou ONGs, resultou no fortalecimento do sistema privado e no esvaziamento da rede pública.

Em 2004, foi realizado um reordenamento da relação do ensino médio com a educação profissional por meio do Decreto nº 5.154. O novo ordenamento estabelece,

7 Dalila Andrade. “O ensino médio diante da obrigatoriedade ampliada: que lições podemos tirar de experiências observadas?”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 91, nº 228, pp. 269-290, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1688/1339> (acesso em 13/1/2014).

entre outras medidas, a articulação entre ensino médio e educação profissional, prevendo três modalidades: integrada, concomitante e subsequente. A modalidade integrada destina-se a alunos matriculados no ensino médio que cursam o ensino médio regular e o profissionalizante de nível técnico numa mesma instituição de ensino e com matrícula única. A concomitante possibilita que o aluno faça o ensino médio regular numa escola e o curso técnico em outra, com matrículas diferentes. A subsequente é destinada a jovens que já concluíram o ensino médio.

Desse modo, o decreto visa reforçar a identidade do ensino médio como etapa de consolidação das aprendizagens ao longo da educação básica, ao mesmo tempo que prevê a possibilidade de formação profissionalizante de nível técnico complementar.

Um dos principais efeitos do novo ordenamento foi o aumento das matrículas na educação profissionalizante. De acordo com o Censo Escolar do Inep, entre 2005 e

2011 o número de alunos nessa modalidade passou de 747,8 mil para 1,3 milhão. Aumentou também a participação das matrículas na educação profissionalizante em relação ao total do ensino médio – de 8,2% para 14,9%.

Com base nessa perspectiva de fortalecer a educação profissionalizante e integrá-la ao ensino médio foram implementados programas como o Brasil Profissionalizado, de 2007, baseado no repasse de recursos para os Estados, a

fim de incentivá-los a retomar a oferta de educação profissional gratuita nas escolas estaduais, e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec), de 2011.

O programa oferece cursos técnicos gratuitos em escolas públicas (federais, estaduais e municipais) e em unidades do Sistema S – Senai, Senac, Senar e Senat – tanto para alunos do ensino médio quanto para quem já o concluiu e para beneficiários de programas federais de transferência de renda. Em 2013, segundo o MEC, foram computados 5,5 milhões de matrículas em todas as modalidades de curso ofertadas.

A partir de 2013, a seleção para os cursos ofertados no âmbito do Pronatec se dá por meio do Sistema de Seleção Unificada da Educação Profissional e Tecnológica (Sisutec), em que as instituições públicas e privadas oferecem vagas para participantes do Enem. A primeira seleção ocorreu no segundo semestre de 2013, com uma oferta de 240 mil vagas.

**Iniciativas como o Pró-Licenciatura e o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica têm como objetivo formar professores de Licenciatura para o segundo ciclo do ensino fundamental e o ensino médio, fazendo frente a um cenário em que cerca de 500 mil docentes em atuação nessas etapas não têm formação na área em que lecionam**

## INVESTIMENTO EM FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

---

Nos últimos anos, além do currículo e da educação profissional, outra linha de ação vem ganhando força no plano das políticas educacionais para o ensino médio: o investimento em formação dos professores. Iniciativas como o Pró-Licenciatura (2005), a Universidade Aberta do Brasil (2006) e o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), de 2009, são exemplos de programas nesse sentido.

Todos eles têm, entre seus objetivos, formar professores de Licenciatura para o segundo ciclo do ensino fundamental e o ensino médio fazendo frente a um cenário em que, segundo estimativas do MEC, cerca de 500 mil professores em atuação nessas etapas não têm formação compatível com a área em que lecionam, especialmente em exatas e biológicas.

Em 2013, uma articulação entre os Estados e o Distrito Federal, responsáveis por cerca de 80% da oferta de ensino médio no Brasil, e o governo federal resultou no Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio. O foco também é na formação continuada dos docentes, que recebem bolsas de 200 reais por mês, pagas pelo governo federal, para se dedicar ao estudo individualmente ou em grupo na escola, durante sua jornada de trabalho.

A efetivação do programa depende da adesão dos Estados e do Distrito Federal, que devem se encarregar da articulação com universidades públicas, responsáveis pela coordenação da formação. Todos já aderiram à iniciativa. A formação, com duração prevista de 200 horas, teve início em dezembro de 2013 em alguns Estados.

A formação é realizada na própria escola, por meio de materiais pedagógicos digitais disponibilizados em tablets que o MEC envia aos Estados. O conteúdo está organizado conforme as áreas do conhecimento e a matriz do Enem e envolve temas como avaliação, gestão do trabalho pedagógico, áreas do conhecimento e integração curricular.

A intenção, segundo Romeu Caputo, ex-secretário de Educação Básica do MEC, é promover uma ação coordenada, conjunta e contínua, capaz de dar sequência à formação inicial e continuada dos professores do ensino médio.

Por meio da qualificação dos 495,6 mil docentes do ensino médio público do país, o objetivo do programa é melhorar as condições de acesso, permanência e sucesso dos alunos dessa etapa de ensino.

Apesar dos esforços, os dados oficiais “revelam sem mais adjetivos a dramaticidade da situação escolar do jovem brasileiro”, segundo a análise da série histórica da Pnad (1999 a 2011),

realizada pelo estudo *Os Jovens e o Gargalo do Ensino Médio Brasileiro*, da Fundação Seade, com a permanência de desafios de monta em várias dimensões: infraestrutura precária, baixo nível de aprendizagem e de qualificação docente, entre outros (*veja mais sobre o assunto no capítulo 3*).

## AÇÕES E PROGRAMAS COM FOCO NOS ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ATRASO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

Segundo o estudo da Fundação Seade, 2,2 milhões de jovens de 18 a 24 permanecem no ensino médio, o que pode sinalizar a importância desse nível de ensino, especialmente para o ingresso no mercado de trabalho, mas também é uma evidência da distorção idade-série nessa etapa, gerada, principalmente, pela repetência no próprio ensino médio ou pelo ingresso tardio. Em 2012, a defasagem idade-série foi de 31,1%.

### DESEMPENHO ACADÊMICO

Avaliações como o Saeb e a Prova Brasil demonstram, por exemplo, que os ganhos de aprendizagem tendem a diminuir ao longo da trajetória escolar dos alunos.

Em 2011, as médias nacionais em Língua Portuguesa foram 190,6 (4º série/5º ano), 243 (8º série/9º ano) e 267,6 (3º ano do ensino médio). Ou seja, entre o 5º e o 9º ano do ensino fundamental, o ganho é de 53 pontos na escala do Saeb, mas a diferença diminui entre o 9º ano do fundamental e o 3º ano do ensino médio, numa indicação de que o ritmo dos progressos tende a desacelerar.

Tanto a reprovação quanto o abandono persistem nessa etapa de ensino. Em 2012, 12,2% alunos repetiram de ano e 9,1% abandonaram os estudos, de acordo com o Censo Escolar. Dois fenômenos com tendências distintas nos últimos anos; enquanto a reprovação está em alta, o abandono apresenta tendência de queda, provavelmente por causa do aumento das matrículas no período diurno.

Paralelamente, praticamente não houve ganho de **desempenho no Saeb** entre 1999 e 2011, apesar dos investimentos realizados pelo setor público nesse campo, aponta o estudo realizado pela Fundação Seade. No período, a média nacional em Língua Portuguesa oscilou de 266,6 para 267,6; em Matemática caiu: passou de 280,3 para 273,9.

Em 2012, o ensino noturno, apesar da tendência de diminuição, respondia por 30,7% das matrículas no ensino médio. De acordo com análise realizada pelo Movimento Todos Pela Educação com base em dados do Censo Escolar, 55% dos alunos do ensino médio noturno têm mais de 18 anos<sup>8</sup> e 57% trabalham. Esse perfil favorece o atraso escolar: a distorção idade-série tende a ser maior no período noturno, com picos superiores a 80% em Estados como o Pará.

<sup>8</sup> Os demais têm menos de 18 anos e não trabalham.

Além da precariedade das instalações e dos equipamentos, da falta de professores para determinadas disciplinas, de o período letivo ser mais curto do que no diurno, o ensino noturno costuma se reduzir a uma adaptação do que é ofertado no período diurno, aponta Nora Krawczyk<sup>9</sup>.

Esse cenário, segundo a professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), está relacionado à falta de capacidade de o poder público fazer frente, por meio de políticas públicas, à transformação do ensino médio decorrente da mudança do perfil do alunado, a partir dos anos 90, associada ao aumento das matrículas.

A busca de soluções para o ensino médio no plano das políticas educacionais remonta à segunda metade da década de 90. Naquela época, tiveram destaque as ações no campo do currículo (as diretrizes e os parâmetros curriculares, por exemplo) e da educação profissional (como o Proep), além do Enem, criado em 1998.

No início do século 21, iniciativas como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o PPDE e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) foram estendidas ao ensino médio, melhorando o acesso dos estudantes a ações estruturantes, com potencial para melhorar as condições de oferta de educação.

Outro marco importante foi a criação do Fundeb. O fundo consiste em uma ampliação do antigo Fundef para aumentar o montante de recursos estaduais, municipais e federais. Na época, a expectativa era que o Fundeb produzisse sobre o ensino médio e a educação infantil o mesmo efeito de ampliação das matrículas que o Fundef havia tido sobre o ensino fundamental. Mas essa expectativa não se efetivou no caso do ensino médio, em função da baixa qualidade da educação ofertada, o que acaba alimentando o ciclo vicioso de atraso escolar e de abandono.

“Desde 2004 já era percebida uma estagnação na oferta de matrículas nessa etapa de ensino, e não há registro até o momento de reversão desse quadro. Pelo contrário, houve uma nova estabilização, mas em patamar inferior ao anteriormente registrado”, analisa Luiz Araújo, professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. “Obviamente a chamada crise do ensino médio envolve fatores mais complexos do que oferta de vagas, abrangendo a finalidade dessa etapa de ensino e a dificuldade de correção de fluxo no ensino fundamental.”

**Além da precariedade das instalações e dos equipamentos, da falta de professores para determinadas disciplinas, de o período letivo ser mais curto do que no diurno, o ensino noturno costuma se reduzir a uma adaptação do que é ofertado no período diurno**

<sup>9</sup> Nora Krawczyk. “Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje”. *Cadernos de Pesquisa*, v.41 n.º 144 set./dez. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742011000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742011000300006) (acesso em 13/1/2014)

Além disso, o modelo de fundos, na visão de Araújo, tende a reproduzir a desigualdade da oferta educacional pelos Estados: aqueles que têm mais receita permanecem com mais recursos. Assim, em 2012, enquanto São Paulo aplicou cerca de 3,8 mil reais ao ano por aluno do ensino médio urbano, em Rondônia o valor *per capita* girou em torno de 2,3 mil reais. “As consequências dessa discrepância são escolas sem laboratório de informática, sem laboratório de ciências, além de outras deficiências, sobretudo no Norte e no Nordeste”, reitera o professor da UnB.

É por isso que muitos especialistas defendem o estabelecimento de valores *per capita* mínimos baseados em parâmetros de qualidade. “Dessa forma, um cidadão, independentemente de onde reside, receberá pelo menos esse mínimo nacionalmente estabelecido”, explica o docente.

Em 2013, o valor mínimo anual pago pelo Fundeb por aluno do ensino médio foi de 2.666,08 reais – montante insuficiente, na avaliação de Araújo, para assegurar a qualidade do ensino, com a ampliação e a adequação da rede física e a implantação da educação em tempo integral.

Cálculos efetuados pelos pesquisadores José Marcelino de Rezende Pinto, Nelson Cardoso Amaral e Jorge Abrahão de Castro apontam que, para assegurar a qualidade da oferta do ensino médio, a quantia aplicada deveria ser de 5.700 reais por aluno, segundo valores de 2010. A estimativa leva em conta a necessidade de ampliar a carga horária, equipar escolas com bibliotecas e laboratórios, além de melhorar a remuneração dos docentes<sup>10</sup>. Segundo os autores, em 2009, a remuneração dos professores de ensino médio era equivalente a de profissionais de nível médio (como policiais militares ou caixas de banco), correspondendo a 40% daquela de um engenheiro, por exemplo.

## **POLÍTICAS E PROGRAMAS PARA ATRAIR OS ADOLESCENTES QUE ESTÃO FORA DA ESCOLA**

A universalização das matrículas no ensino médio está diretamente ligada à implementação de políticas públicas em duas frentes – de um lado, é preciso promover ações capazes de regularizar o fluxo no ensino fundamental, associadas à melhoria da aprendizagem, de modo a propiciar que as crianças avancem nos estudos conforme a expectativa para a idade, evitando a retenção de adolescentes no segundo ciclo do ensino fundamental. De outro, é essencial melhorar a qualidade da escola de nível médio, evitando a evasão.

<sup>10</sup> José Marcelino de Rezende Pinto, Nelson Cardoso Amaral, Jorge Abrahão de Castro. “O financiamento do ensino médio no Brasil: de uma escola boa para poucos à massificação barata da rede pública”. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, nº 116, pp. 639-665, jul.-set. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n116/a03v32n116.pdf> (acesso em 19/12/2013).

Para tanto, o foco deve se dirigir ao segundo ciclo do ensino fundamental. A análise dos dados da Pnad relativos a abandono, no estudo *Os Jovens e o Gargalo do Ensino Médio Brasileiro*, da Fundação Seade, sinaliza uma relação entre a baixa aprendizagem ao longo do ensino fundamental e a desistência da vida escolar, num movimento que migrou da primeira para a segunda etapa do ensino fundamental ao longo das duas décadas passadas.

Em 1999, 63,6% dos adolescentes que abandonaram a escola o fizeram entre a 1ª e a 5ª série; em 2011, 70,2% dos casos de abandono escolar ocorreram entre a 7ª série e o ensino médio. Destes, 54,1% estavam no ensino fundamental.

O sucesso das políticas destinadas a esses alunos requer uma compreensão de quem é esse aluno vítima da “trajetória do mau desempenho”, defende Márcio da Costa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

“É um aluno com uma trajetória escolar truncada, resultado das condições sociais e de procedimentos escolares que acabam por excluí-lo do sistema educacional.”

Suas pesquisas recentes ajudam a delinear o aluno evadido: são homens, pobres, que têm problemas de comportamento e de adaptação na escola, em parte porque a instituição escolar se mostra incapaz de acolhê-los e atender suas demandas. “É uma bola de neve que culmina no abandono da escola.”

**A universalização das matrículas no ensino médio está diretamente ligada à implementação de políticas que promovam ações capazes de regularizar o fluxo no ensino fundamental, associadas à melhoria da aprendizagem. Também é essencial melhorar a qualidade da escola de nível médio, evitando a evasão**

Outro fator que pode colaborar para o sucesso escolar de crianças e adolescentes é o fortalecimento da sinergia entre as políticas educacionais e as de outras áreas, como a assistência, opina Paulo Carrano, professor da UFF.

Alguns estudos já mostram que programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, produzem impactos positivos sobre a matrícula e a permanência na escola. O programa oferece complementação de renda a famílias em situação de pobreza e extrema pobreza (renda mensal *per capita* de até 140 reais). A matrícula e a frequência escolar são contrapartidas previstas para as famílias: crianças e adolescentes de 6 a 15 anos devem estar devidamente matriculados e ter frequência escolar mensal mínima de 85%. Os adolescentes de 16 a 17 anos devem ter frequência de, no mínimo, 75%.

Outros programas do governo federal têm procurado atuar em prol da garantia do acesso à educação, como o Plano Brasil sem Miséria, lançado em 2011. O programa se destina a famílias em condição de pobreza extrema e destituídas de direitos

sociais e econômicos, pois ainda não foram identificadas e, por isso, estão excluídas de programas e ações que poderiam beneficiá-las, como o Bolsa Família.

Para localizá-las é realizada uma busca ativa, a fim de receberem atendimento em três dimensões, conforme suas necessidades: acesso a serviços, garantia de renda e inclusão produtiva. Assim, dependendo de suas necessidades, a família passa a ter acesso ao Bolsa Família e a outros programas – entre eles destacam-se, na área da educação, o Brasil Alfabetizado e o Mais Educação, que será prioritariamente implementado em escolas públicas cuja maioria dos alunos fizer parte da população-alvo do Brasil sem Miséria.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Adolescentes e Jovens de 15 a 17 anos, conhecido como ProJovem Adolescente, é outro exemplo de programa que vincula a participação em um programa à frequência escolar como contrapartida – 85% para quem tem 15 anos e 75% para quem tem 16 e 17 anos.

Um dos eixos do programa executado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) desde 2008 é promover o retorno do adolescente à escola e sua permanência no sistema de ensino, por meio de atividades de arte, cultura, esporte e lazer, que estimulem a convivência social, a participação cidadã e uma formação geral para o mundo do trabalho.

Essas ações são relevantes, mas não dão conta do cerne do problema, na visão do conselheiro Francisco Aparecido Cordão. “Historicamente, o ensino médio acaba sendo negligenciado em relação ao ensino fundamental e à educação superior, em termos de aporte de recursos e de políticas públicas”, analisa. Essa tendência decorre da ausência de preocupação com a instrução pública e a formação das grandes massas, pois é recente, do ponto de vista histórico, a percepção da educação como um direito de todos. “É uma questão cultural forte, que os governos tentam sanar com programas e iniciativas pontuais. São ofertados bolsas, incentivos, mas não se prioriza a melhoria da oferta e das condições de trabalho do professor”, afirma Cordão.

Diante desse cenário, a evasão escolar, que resulta em uma significativa quantidade de adolescentes fora da escola, apresenta-se como uma evidência dos problemas crônicos do ensino médio, que permanecem sem solução (*veja mais sobre o assunto nos capítulos 1 e 3*).

Nesse sentido, um dos desafios centrais para a construção de um ensino médio universal e de qualidade é trazer esse contingente de adolescentes para a escola, o que, segundo Gilvan Luiz Machado Costa, professor do mestrado em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), perpassa necessariamente a colaboração mais estreita entre os Estados e o Distrito Federal e o governo federal na implantação de políticas ca-

pazes de tornar a escola de nível médio mais atraente e significativa<sup>11</sup>. Tal desafio envolve matrícula, formação, infraestrutura, remuneração, jornada de trabalho e carreira docente – dimensões essenciais ao bom funcionamento de uma escola, independentemente de programas e ações pontuais.

Afinal, como enfatizam Marília Sposito e Raquel de Souza, a democratização da escola é o fundamento para um sistema público de boa qualidade<sup>12</sup>. Ou seja, a boa escola é aquela capaz de assegurar a aprendizagem e a permanência de cada aluno, independentemente de suas particularidades.

A garantia desse direito perpassa, também, a ampliação do conhecimento, por meio de estudos, sobre esse público que está ou poderia estar na escola média, segundo Sposito e Souza. Há, de acordo com as autoras, um “obscurecimento”, especialmente do contingente que está fora da escola, acentuado pela ausência de alternativas plurais de escolaridade no ensino médio e pela estreita capacidade de absorção da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para Juarez Dayrell e Rodrigo Ednilson de Jesus, do Observatório da Juventude, coordenadores dos grupos focais da pesquisa realizada pelo UNICEF, há ainda uma ênfase da política educacional na formação de professores e em currículo. “Existem problemas que interferem na vida escolar e que não são focados pelas políticas”, alertam os especialistas.

Não há, segundo eles, uma preocupação maior com políticas que gerem uma rede de proteção e de defesa. Nos grupos focais, discriminação, violência doméstica e na escola e gravidez na adolescência apareceram, por exemplo, como fatores com grande influência no acesso e na permanência na escola.

Estudos também mostram que características específicas de cada grupo, aliadas às condições objetivas da oferta de educação, também influem no abandono. Segundo o economista Marcelo Neri, que fez um extenso estudo sobre a evasão escolar com base no Pnad de 2004 e de 2006, 45,1% da falta de oferta está ligada à deficiência ou à incapacidade – ou seja, a falta de escolas inclusivas ou especiais para esse público responde por quase metade dos casos dos adolescentes que não estão estudando por falta de oferta. A falta de vagas e de cursos mais elevados corresponde a 35,2% dos casos e a necessidade de renda a 27,1%.

**A evasão escolar, que resulta em uma significativa quantidade de adolescentes fora da escola, é uma evidência dos problemas crônicos do ensino médio que permanecem sem solução**

<sup>11</sup> Gilvan Luiz Machado Costa. “O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente”. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.* v. 94 nº 236 Brasília Jan./abr. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812013000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812013000100010&script=sci_arttext) (acesso em 13/1/2014).

<sup>12</sup> Marília Pontes Sposito, Raquel Souza. “Desafios da reflexão sociológica para análise do ensino médio no Brasil”. Nora Krawczyk. (org.). *Sociologia do Ensino Médio: Crítica ao Economicismo na Política Educacional*. São Paulo: Cortez, 2014, pp 33-62.

O perfil socioeconômico dos adolescentes que interrompem os estudos aponta ainda para uma relação entre renda e abandono: a análise da Fundação Seade, no estudo *Jovens e o Gargalo do Ensino Médio Brasileiro*, conclui que a faixa de renda de até dois salários mínimos respondia, em 2011, por 20,5% dos evadidos do sistema de ensino – chegando a 9,6% entre os que possuem renda superior a seis salários mínimos.

No entanto, a comparação com a Pnad de 1999 evidencia uma redução da evasão na faixa de até dois salários mínimos (era de 29,6%) e o aumento entre as famílias com renda maior que seis salários mínimos (6,5%). Esse resultado, segundo os pesquisadores, é uma indicação de que a decisão de interromper os estudos pode estar mais associada à lógica do ensino médio brasileiro, que induz à evasão, do que à pressão por renda.

Atrair esses jovens de volta à escola e, além disso, criar condições para que as populações tradicionalmente excluídas da escola regular avancem nos estudos são questões que se impõem tendo em vista a garantia do direito de aprender.

**O perfil socioeconômico dos adolescentes que interrompem os estudos aponta ainda para uma relação entre renda e abandono: análise da Fundação Seade conclui que a faixa de renda de até dois salários mínimos respondia, em 2011, por 20,5% dos evadidos do sistema de ensino**

A Educação de Jovens e Adultos se apresenta como alternativa para incluir esses adolescentes na escola. Segundo a ONG Ação Educativa, em 2010, 20% das matrículas na EJA eram de estudantes na faixa etária de 15 a 17 anos, o que pode estar relacionado ao abandono do ensino regular em consequência de uma trajetória escolar truncada por reprovações.

“Há uma cultura, em muitas escolas, de induzir para a EJA o aluno que está além da idade esperada para a série”, diz Cordão. Ou seja, não é incomum que escolas encaminhem alunos de 15 anos matriculados no ensino fundamental à EJA, em vez de garantir que eles concluam os estudos no ensino regular e deem segmento no médio.

Ao mesmo tempo, a oferta de EJA está aquém da demanda potencial, o que remete à necessidade de ampliar o atendimento nessa modalidade, tendo em vista a garantia do direito à educação àqueles que não concluíram a educação básica na idade esperada. O Censo Escolar de 2012 computou 3,9 milhões de matrículas na EJA frente a uma população de 56,2 milhões de brasileiros com mais de 18 anos, contingente a quem essa modalidade se destina prioritariamente. São pessoas que não frequentam a escola e não têm ensino fundamental completo.

Também para essa população, as políticas públicas têm-se resumido a algumas iniciativas pontuais, especialmente no período mais recente. Um exemplo é o Prona-

tec-Brasil sem Miséria, em que o Plano Brasil sem Miséria coordena a oferta de vagas dos cursos de formação inicial e continuada profissional no âmbito do Pronatec voltados para a inserção no mercado de trabalho. Tal **desenho**, embora não destinado diretamente aos adolescentes de 15 a 17 anos fora da escola, pode beneficiar esse público, especialmente nas camadas de renda mais baixa.

Há, também, algumas ações destinadas a populações específicas, como os indígenas. O Censo Escolar do Inep mostra que, em 2012, 17,5 mil indígenas cursavam o ensino médio – 8,4% menos do que em 2011. A Educação de Jovens e Adultos, em contrapartida, apresentou aumento das matrículas (9,4%) no período para essa população: passou de 23,7 mil para 26 mil.

Uma das estratégias do Ministério da Educação para ampliar a oferta de ensino médio em áreas indígenas é o investimento em formação inicial e continuada de professores indígenas em nível médio (magistério indígena) e em nível superior (licenciaturas interculturais). Soma-se a isso a produção de material didático bilíngue, em línguas indígenas ou em português.

Para atender adolescentes e jovens que vivem no campo, há ainda o ProJovem Campo – Saberes da Terra, que oferece escolarização e qualificação profissional a agricultores familiares de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental, seguindo uma metodologia adequada à realidade deles.

## DESAFIOS PARA O FUTURO

Duas décadas após o debate em torno do direito à educação e do acesso à escola ter ganhado força no país, tornando-se o norte das políticas educacionais, a ampliação do acesso dos adolescentes ao ensino médio persiste como desafio. Em 2016, conforme a emenda constitucional publicada em 2009, será obrigatória a oferta de educação a toda criança e a todo adolescente dos 4 aos 17 anos.

Paralelamente, o novo Plano Nacional de Educação (PNE), sancionado em junho de 2014, prevê, na Meta 3, que até 2016 todos os adolescentes de 15 a 17 anos devem estar na escola e que, até o final da sua vigência, 85% da faixa etária deve estar no ensino médio.

### FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA PROFISSIONAL

O currículo é organizado por áreas do conhecimento, que agregam conjuntos de disciplinas em quatro grandes áreas

1. **Letramento inicial**
2. **1º ao 4º ano do ensino fundamental**
3. **Ciências da natureza**
4. **5º ao 9º ano do ensino fundamental**

Para participar é preciso ter mais de 16 anos e estar inscrito no Cadastro Único do governo federal.

“É preciso uma ampla articulação, que envolva também os Estados, para que se consiga avançar no atendimento dos adolescentes”, prevê Francisco Aparecido Cordão, do Conselho Nacional de Educação.

Ao mesmo tempo, investir na formação do professor, de modo que sua prática didática se afine com as diretrizes e as propostas de renovação do currículo, delinea-se como uma dimensão a ser enfatizada, complementa Cordão. “É preciso pensar um modelo de formação continuada diferente do que vem sendo desenvolvido atualmente”, analisa. Na opinião do conselheiro, a via para melhorar a formação do professor e sua atuação na escola envolve, necessariamente, as universidades no desenvolvimento de metodologias que contribuam efetivamente para renovar as práticas docentes.

Segundo o professor Candido Gomes, o desafio que se coloca é relacionar educação e vida, considerando o aluno no centro do processo educativo. “Ensinar

por meio de desafios e problemas. Ao contrário, vivemos da preleção oral e dos conteúdos. Os garotos não nos suportam mais”, provoca Gomes.

Na análise do professor da Universidade Católica de Brasília, a formação docente surge como uma dimensão essencial para que os desafios que se impõem sejam superados. “Nossos professores são formados com academi-

cismo, escassas relações entre teorias e práticas e uma especialização cada vez maior. Quando chegam à escola básica, tão especializados, se frustram com a realidade e frustram mais ainda os alunos.”

A oferta de educação em tempo integral em no mínimo 50% das escolas públicas, atendendo, pelo menos, 25% dos alunos da educação básica, é outra meta do PNE (a Meta 6), que, segundo os especialistas, pode produzir impactos na permanência e na aprendizagem do adolescente de 15 a 17 anos na escola. O MEC prevê a ampliação do tempo de permanência dos adolescentes na escola por meio do Programa Ensino Médio Inovador.

No entanto, mais do que manter o aluno na escola, é preciso estabelecer com mais clareza em qual tipo de escola ele será mantido. Nesse sentido, o professor de Sociologia da Educação Márcio da Costa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), chama a atenção para a necessidade de se superar um problema histórico: a definição, com clareza, da identidade do ensino médio no Brasil.

“O que se espera do ensino médio? Que ele seja a etapa de terminalidade da educação básica ou uma etapa de preparação para a educação superior?”, questiona Costa.

Uma das estratégias do MEC para ampliar a oferta de ensino médio em áreas indígenas é o investimento em formação inicial e continuada de professores indígenas em nível médio e em nível superior, além da produção de material didático bilíngue, em línguas indígenas ou em português

# O ENSINO MÉDIO ATRAVÉS DOS TEMPOS

**1996** – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**: promulgada a lei que define e estabelece as regras de funcionamento do sistema de educação brasileiro com base na Constituição.

**1997** – **Reforma do Ensino Profissionalizante**: separação do ensino médio regular do ensino profissionalizante.

**1998** – **Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)**: início do Enem, avaliação não obrigatória criada com o objetivo de aferir as competências e as habilidades desenvolvidas pelos alunos ao longo da educação básica.

**2000** – **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: criadas as referências básicas para a formulação de matrizes curriculares.

**2004** – **Decreto nº 5.154**: estabelecimento da educação profissionalizante de nível técnico como uma modalidade integrada, concomitante ou subsequente ao ensino médio regular.

**2006** – **Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb)**: criado como mecanismo de financiamento de toda a educação básica, em todos os níveis e modalidades. É baseado em fundos compostos de recursos federais, estaduais e municipais e entra em vigor no ano seguinte.

**2007** – **Programa Brasil Profissionalizado**: a intenção do programa é o fortalecimento das redes

estaduais de educação profissional e tecnológica, por meio da modernização e da expansão das redes públicas de ensino médio integradas à educação profissional.

**2009** – **Ampliação da obrigatoriedade de ensino**: com a Emenda Constitucional nº 59, o direito à educação é estendido dos 4 aos 17 anos, incluindo a pré-escola e o ensino médio.

**2009** – **Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI)**: criado como estratégia do governo federal para induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio, ampliar o tempo de permanência na escola e diversificar as práticas pedagógicas.

**2009** – **Novo Enem**: o Enem é reformulado, de modo a viabilizar a sua utilização como mecanismo de seleção das universidades federais e induzir a reestruturação dos currículos de ensino médio.

**2011** – **Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)**: visa a ampliação da oferta de educação profissionalizante e tecnológica.

**2012** – **Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: marca a reformulação das Diretrizes vigentes desde 1998.

**2013** – **Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio**: começo da iniciativa focada na formação continuada de professores do ensino médio.

Se sua função for fazer a ponte para a universidade, a escola de nível médio destina-se a poucas pessoas; se for a terminalidade da educação básica, ela é uma escola universal, o que remete à necessidade de se repensar o currículo.

“Hoje em dia, no ensino médio, os alunos aprendem muitas coisas de utilidade duvidosa. Desse modo, os estudantes acabam tendo contato com muitas disciplinas, porém de maneira superficial. Talvez o ensino médio pudesse ser mais enxuto e com mais variedade de opções”, propõe Costa, da UFRJ, tendo em vista a implantação de um currículo mais interessante e atraente para os adolescentes.

As diretrizes curriculares de 2012 caminham na direção de uma escola menos enrijecida, mais flexível e variada. No entanto, suas propostas ainda tendem a permanecer no plano da teoria devido à persistente falta de sintonia entre as propostas das políticas educacionais e a realidade da sala de aula.

A transformação do Enem em um exame universal e obrigatório ao final do ensino médio, como pretende o MEC, pode impactar no currículo, na medida em que se estabelecer, de maneira clara, as competências que um indivíduo precisa obter ao longo da educação básica na matriz do exame. Dessa forma, o Enem apresenta potencial para reorientar o currículo do ensino médio. Segundo o MEC, está sendo desenvolvido um documento, a Unidade Nacional do Currículo, para orientar as escolas, em consonância com o Enem.

O Pacto Nacional pelo Ensino Médio, o fortalecimento do ProEMI e das ações na área da educação profissional, como o Pronatec, e a expansão da rede federal são outras iniciativas que podem impactar positivamente no atendimento ao direito de educação de qualidade aos adolescentes

Outras propostas são a construção, a ampliação e a reforma de escolas para ampliar o atendimento no período diurno, prioritariamente em municípios com elevado número de matrículas no noturno; a construção de novas escolas, sobretudo nas regiões que concentram alunos oriundos de famílias que recebem o Bolsa Família; e a implantação da Bolsa de Iniciação Científica Júnior destinada a alunos do ProEMI.

O debate, contudo, precisa avançar, embora exista um consenso quanto à necessidade de investir mais no ensino médio e na educação dos adolescentes. Para tanto, é necessário que as políticas ganhem escala e fôlego, ao mesmo tempo que sejam implementadas ações destinadas a atender demandas de populações específicas. Também é importante que se amplie o processo de escuta dos adolescentes, para que suas demandas e seus anseios sejam levados em conta. Dessa forma, será possível sustentar os ganhos, em termos de acesso a direitos, conquistados ao longo da última década, na primeira infância e nos primeiros anos da adolescência e estendê-los para as demais faixas etárias. 



## **10 DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL**

apresenta uma análise do cenário da exclusão escolar de adolescentes de 15 a 17 anos, além de trazer depoimentos de garotos e garotas de diferentes regiões do país. Em geral, a opinião dos adolescentes não aparece nos estudos acadêmicos, mas é fundamental para a compreensão e para o enfrentamento da exclusão escolar. A publicação também aborda os principais programas e políticas para o ensino médio.

**todos juntos  
pelas crianças**

**unicef** 